



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

NÍCOLAS MATEUS MACÊDO TEIXEIRA

**MORAR NO ANTIGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O DESINTERESSE
HABITACIONAL NO BAIRRO DO RECIFE**

RECIFE

2020

NÍCOLAS MATEUS MACÊDO TEIXEIRA

**MORAR NO ANTIGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O DESINTERESSE
HABITACIONAL NO BAIRRO DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano – MDU do Centro de Artes e Comunicação – CAC da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano. Área de concentração: Desenvolvimento urbano

Orientadora: Prof. Dra. Virginia Pitta Pontual

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Sá Barreto

Recife
2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lílian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

T266m Teixeira, Nicolas Mateus Macêdo
Morar no antigo: um estudo etnográfico sobre o desinteresse habitacional no bairro do Recife/ Nicolas Mateus Macêdo Teixeira. – Recife, 2020.
180p.: il.

Orientadora: Virginia Pitta Pontual.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2020.

Inclui referências.

1. Habitação. 2. Centro histórico - Recife. 3. Etnografia. I. Pontual, Virginia Pitta (Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2021-137)

NÍCOLAS MATEUS MACÊDO TEIXEIRA

**MORAR NO ANTIGO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O DESINTERESSE
HABITACIONAL NO BAIRRO DO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano – MDU do Centro de Artes e Comunicação – CAC da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano. Área de concentração: Desenvolvimento urbano

Aprovada em 24/11/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Virginia Pitta Pontual (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Francisco Sá Barreto (Coorientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Examinadora interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Hugo Menezes Neto (Examinador externo)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho à ciência. Aos cientistas, que mesmo em momentos sombrios, jamais desistirão de trazer a luz do conhecimento para nossa sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao MDU e todo seu corpo docente e discente, bem como todos os trabalhadores envolvidos que fazem aquele espaço funcionar e criaram um ambiente acolhedor e amigável, mesmo para um forasteiro como eu.

Agradeço em especial à minha orientadora, Virgínia Pontual, por ter dedicado tanto de seu tempo para me guiar com maestria nesse caminho que chega ao fim. Pelos seus conselhos, dicas e orientações que foram essenciais para que eu crescesse como pesquisador e como pessoa.

Agradeço aos professores do MDU, em especial aos professores Ruskin Freitas, pelos ensinamentos metodológicos da disciplina de TPAD. À professora Julieta Leite, pelas orientações e ajuda dadas na minha banca de qualificação. À Professora Natália Vieira-de-Araújo, pelos ensinamentos em sua disciplina de Teoria da Gestão do Patrimônio Urbano e Ambiental, bem como à professora Fátima Campelo, Norma Lacerda e Cêça Guimarães, pelas aulas ministradas junto à professora Virgínia na disciplina de História da Cidade.

Agradeço aos meus colegas do LUP, e todo o conhecimento compartilhado nas reuniões e eventos elaborados pelo grupo de pesquisa.

Agradeço à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE, por ter financiado essa pesquisa e ter acreditado no potencial dela desde o princípio.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Antropologia e aos professores Hugo Menezes Neto e Francisco Sá Barreto por terem ministrado com maestria a disciplina de Antropologia Urbana. Em especial, agradeço à Chico, pela ajuda em minha banca de qualificação e por ter aceitado o convite para coorientar esta pesquisa.

Agradeço a todos os colegas que fiz no MDU, mas dedico muita da minha gratidão aos grandes amigos que pude fazer no mestrado, Arthur, Raissa e Itallo, amigos e companheiros para a vida toda.

Agradeço à minha família do 301, que se tornou 302, pelo apoio e acolhimento. À minha família em Caruaru, meu pai, minha mãe e meu irmão, pelo seu amor incondicional. E aos meus irmãos de vida, Rafael e Raiane, que mais uma vez provaram que a distância jamais vai abalar o amor que temos um pelo outro.

Agradeço aos entrevistados nesse trabalho, que dedicaram parte de seu tempo para contar suas experiências e permitiram que, mesmo em um momento de pandemia, a pesquisa continuasse.

Por fim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desse trabalho.

RESUMO

Após a reforma que ocorreu no Bairro do Recife no início do século passado, se sucederam vários processos que minaram quase que completamente sua população residente. Passando por períodos de degradação urbano-arquitetônica, bem como mudanças nas dinâmicas de usos, além de um processo de estagnação econômica e posteriormente de reabilitação urbana. Hoje, o bairro figura como um ator importante na economia da cidade do Recife, mas apenas cerca de seiscentos moradores residem em toda a superfície que o compreende, dos quais, mais de 90% se limitam à Comunidade do Pilar, permanecendo, a região conhecida como Recife Antigo, praticamente inabitada. Compreender quais as exigências objetivas e subjetivas que levam à escassez habitacional no Bairro do Recife sob uma perspectiva etnográfica das populações que frequentam o bairro de forma rotineira foi o objetivo desta dissertação. Aprender o bairro através de procedimentos inspirados no método etnográfico possibilitou entender como os frequentadores e os residentes se comportam no espaço público e como os processos de sociabilidade existentes e suas opiniões coletadas através de entrevistas influenciam a visão de que o Bairro do Recife não é espaço de moradia. Da mesma forma, os edifícios históricos se mostram nada atrativos para serem convertidos em habitações modernas, bem como a inexistência de uma vizinhança e de serviços e comércio que sustentem o uso habitacional afugentam muitos, estando o bairro no interesse habitacional apenas daqueles mais pobres, que sofrem com os problemas decorrentes da falta de moradia.

Palavras-chave: habitação; centro histórico; etnografia.

ABSTRACT

After the renovation that took place into Bairro do Recife at the beginning of the last century, several processes followed that almost completely undermined its resident population. Going through periods of urban-architectural degradation, as well as changes in the dynamics of uses, in addition to a process of economic stagnation and later urban rehabilitation. Today, the neighborhood figures as an important player in the economy of the city of Recife, but only about six hundred residents living in the entire area that comprises it, of which, more than 90% are limited to the Pilar Community, remaining the known region like Recife Antigo, practically uninhabited. The objective of this dissertation was to understand the objective and subjective demands that lead to housing scarcity into Bairro do Recife from an ethnographic perspective of the populations that regularly visit the neighborhood. Understanding the neighborhood through procedures inspired by the ethnographic method made it possible to understand how regulars and residents behave in the public space and how the existing sociability processes and their opinions collected through interviews influence the view that Recife's neighborhood is not a space for dwelling. In the same way, historic buildings are unattractive to be converted into modern homes, as well as the lack of a neighborhood and services and commerce that sustain housing use run away many, if we are the neighborhood in the housing interest only the poorest, who investigation with the problems arising from homelessness.

Keywords: housing; historic center; ethnography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte da pesquisa de campo	38
Figura 2 – Recorte da Ficha de registro dos lotes no Bairro do Recife	40
Figura 3 – Trajeto sul da pesquisa de campo	43
Figura 4 – Trajeto norte da pesquisa de campo	45
Figura 5 – Na cor preta a cidade colonial a partir do mapa de Douglas Fox e na cor vermelha o novo desenho do Bairro do Recife	53
Figura 6 – Mapa do uso do solo por lote no Bairro do Recife (2019)	70
Figura 7 – Edifício garagem no interior de edificação eclética na Rua Vigário Tenório	76
Figura 8 – Parque de estacionamento no aterro do Cais do Apolo	76
Figura 9 – Padrões construtivos da Comunidade do Pilar	79
Figura 10 – Ocupações diante de ruínas de edificações antigas	80
Figura 11 – Casas habitadas em meio à casas demolidas	80
Figura 12 – Edifícios com uso habitacional na parte sul do Bairro do Recife	82
Figura 13 – Lotes subutilizados e outros no Bairro do Recife (2019)	86
Figura 14 – Veículos tomam acostamentos e parte das calçadas nas imediações da Praça do Arsenal	94
Figura 15 – Excursão de estudantes passa pela Rua do Bom Jesus	94
Figura 16 – Jovens se aglomeram no extremo sul do Cais do Porto	98
Figura 17 – Rua da Moeda tomada por pessoas na noite de sábado de 14 de setembro de 2019 .	102
Figura 18 – Rua do Bom Jesus quase vazia na noite de sábado de 14 de setembro de 2019	102
Figura 19 – Ciclistas ocupando restaurante/bar num domingo no início da tarde	103
Figura 20 – Grupo de maracatu nação se apresentando na Avenida Rio Branco	103
Figura 21 – Trabalhadores de diferentes espaços da Avenida Marquês de Olinda conversam na calçada numa relação de coleguismo	104
Figura 22 – Moradora de rua dorme na calçada enquanto trabalhadores caminham pelo bairro no horário de almoço	104
Figura 23 – Baixa movimentação de pedestres na Avenida Cais do Apolo, nas imediações da prefeitura, em horário comercial	107
Figura 24 – Série de edificações sem uso e espaço público completamente vazio na Travessa Tiradentes, nas proximidades da praça homônima	107
Figura 25 – Mapa Afetivo do Bairro do Recife (2019)	113

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	HABITAÇÃO EM CENTROS HISTÓRICOS: UM DEBATE TEÓRICO	18
2.1	CENTRALIZAÇÃO E RENOVAÇÃO: A CONCEPÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO E A FUGA OU EXPULSÃO DO MORADOR	18
2.2	O ENOBRECIMENTO DO CENTRO HISTÓRICO: OS OLHOS SE VOLTAM MAIS UMA VEZ AO CENTRO, MAS NÃO AOS HABITANTES	23
2.3	O CENTRO HISTÓRICO HABITADO: DOS MORADORES TRADICIONAIS À HABITAÇÃO SOCIAL	27
2.3.1	Habitação Social como Resistência da Moradia no Centro Histórico	29
3	UMA INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA: DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1	O OLHAR DE PERTO E DE DENTRO DA ETNOGRAFIA URBANA	32
3.2	DESCRIÇÃO DO RECORTE ESPACIAL E DOS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	37
3.2.1	Pesquisa de Levantamento do Uso do Solo	39
3.2.2	Observação Caminhante e Mapa Afetivo	42
3.2.3	Entrevistas	47
4	OS MORADORES DE ONTEM: UM HISTÓRICO RECENTE DA HABITAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE	50
4.1	A RENOVAÇÃO DA CIDADE COLONIAL: A REFORMA DE URBANA DO BAIRRO DO RECIFE DE 1910/13	50
4.2	O NOVO BAIRRO BOÊMIO	56
4.3	MARGINALIZAÇÃO, DETERIORAÇÃO E INFORMALIDADE	58
4.4	OS MOVIMENTOS DE REABILITAÇÃO	61
5	OS MORADORES DE HOJE: DINÂMICAS ATUAIS DE USOS E DA HABITAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE	68
5.1	LEVANTAMENTO DE USOS DO SOLO NO BAIRRO DO RECIFE	68
5.1.1	A Presença Habitacional e Suas Características	77
5.1.2	A Sombra do Abandono	84
6	O BAIRRO DO RECIFE: CAMINHOS E AFETOS	90
6.1	A DIVERSIDADE E HOMOGENEIDADE DO BAIRRO	91

6.1.1 A Parte Sul do Bairro do Recife como Cidade Diversa	92
6.1.2 Parte Norte do Bairro como Lugar de Ócio e Habitação	105
6.2 AFETOS E SENTIMENTOS: O BAIRRO DO RECIFE ATRAVÉS DE UM MAPA AFETIVO	110
6.3 “VOCÊ MORARIA NO BAIRRO DO RECIFE?”	120
6.3.1 Infraestrutura Habitacional	122
6.3.2 Adaptação dos Imóveis	124
6.3.3 Solidão e Insegurança.....	126
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE A — TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	140

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século passado, os centros de algumas das grandes cidades brasileiras tornaram-se locais de conflito e pobreza, em contraste ao seu antigo papel de estruturação e vitalidade da cidade como um todo. Importantes centros históricos estão entre os principais prejudicados por esse processo, que sofreu grande influência das reformas modernizadoras do início do século XX e do planejamento urbano pautado por premissas modernistas, que ainda reverbera no planejamento e funcionamento das cidades brasileiras.

Pode-se citar a política habitacional de financiamento de novas habitações, como a Política Habitacional do BNH, e o esquecimento das soluções referentes à reforma da moradia de segunda mão como um dos fatores deste êxodo dos centros, tornando as áreas periféricas, onde a terra é mais barata, o principal alvo para a construção de loteamentos e conjuntos habitacionais. A descentralização das atividades do núcleo antigo das cidades, inclusive as de caráter administrativo, é outro fator que levou parte da população a abandonar os centros para os novos espaços onde aquelas vinham sendo implantadas. Da mesma forma, os investimentos em infraestrutura nas regiões periféricas e a mudança nos padrões de consumo com o surgimento dos Shoppings centers, além da criação de vias para automóveis, unindo bairros e as centralidades recém-criadas, provocaram a retirada da população, principalmente a mais abastada, da região central (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2015, p.13-14).

Com a evasão das elites e do mercado para a periferia, os centros se popularizaram (MARICATO, 2000, p.19) e alguns dos imóveis, então abandonados, são ocupados por famílias pobres, geralmente de forma irregular. Todavia, nas últimas décadas, grande parte do patrimônio edificado permanece sem uso ou é parcialmente utilizado. Este processo levou ao surgimento de problemas ligados à conservação dessas edificações, contrariando as teorias de conservação, que evidenciam o valor de uso como forma de manutenção e preservação dos bens patrimoniais (RIEGL, 2014, p.66-67). Os centros históricos, inseridos neste contexto, entram em um processo de degradação e de perda de seus bens materiais e imateriais.

Em virtude dos problemas gerados pelo esvaziamento e subutilização do centro, sobretudo dos centros históricos, no final do século XX, várias estratégias de intervenção urbana são aplicadas em diversas cidades brasileiras com a meta de reverter o alto estado de deterioração dessas regiões, promovendo seu resgate. Com estes projetos, grande parte das edificações e do espaço público dos centros históricos foi restaurada, muitos dos quais estimularam a prática de manifestações artísticas e folclóricas no local. Todavia, em muitos casos, os moradores tradicionais do centro, ou aqueles que o ocuparam após o êxodo das classes

abastadas, foram relocados para outras áreas, já que “a visão de que o lugar dos pobres é nas periferias e que a recuperação dos núcleos históricos deveria estar voltada prioritariamente para o turismo e as atividades culturais” (BONDUKI, 2010, p.316) predomina. O centro histórico passa a oferecer serviços, em sua maioria culturais, artísticos ou educacionais, deixando a habitação em segundo plano.

O caso do Centro Histórico de Recife não é muito diferente do panorama nacional. Quatro bairros formam o núcleo histórico da cidade¹, destes, o Bairro do Recife é um dos que apresenta os maiores sintomas do movimento acima descrito. A redução populacional do Bairro do Recife se inicia com a reforma ocorrida entre os anos de 1910 e 1923, que trazia a promessa de modernidade e salubridade. De acordo com Leite (2004) esta reforma acontece num contexto de remodelação que algumas cidades brasileiras vinham passando, inspirada sobretudo na reforma ocorrida no Rio de Janeiro alguns anos antes. Lubambo (1991) fala que o processo pelo qual o Bairro do Recife passou removeu sobrados e construções já consolidadas para a abertura de três novas avenidas e o alargamento de ruas existentes, bem ao estilo *Hausmaniano*.

Com parte do bairro renovado, e boa parte dos antigos moradores relocados para outras áreas, o Bairro do Recife se torna o centro financeiro da cidade, onde o comércio de exportação e varejista, bancos e o porto tomam protagonismo. Mas logo entra em decadência, a expansão da cidade na periferia e a formação de novos centros especializados em outras regiões da cidade levam parte desse capital a deixar o bairro, intensificando o processo de esvaziamento demográfico, conforme dados do Quadro 1.

Quadro 1 – número de habitantes do Bairro do Recife (1910-2010)

Ano	Num. população	Crescimento %
1910*	13.204	—
1913*	5.146	- 61%
1923*	3.206	- 37,7%
1970*	1.670	- 47,9%
1980*	604	- 63,8%
1991*	566	- 6,3%
2000**	925	62,4%
2010***	610	- 34%

Fonte: Zancheti *et al*, 1998, p.12; ** Cavalcanti *et al*, 2008, p,161; *** IBGE, censo de 2010.

¹ O centro histórico do Recife é formado por trechos dos bairros do Recife (ou Recife Antigo), Santo Antônio, Boa Vista e São José.

É possível notar que a partir do processo de reforma do bairro, durante todo o século passado a população do Bairro do Recife entrou em declínio, tendo os altos índices percentuais de queda arrefecido na década de 1980, um momento no qual se iniciam as tentativas de proteção e revitalização. Logo após, no censo de 2000, se percebe um aumento percentual elevado em relação ao número de habitantes, entretanto em números gerais, é um crescimento insignificante perto das perdas sofridas no decorrer de todo esse processo. O último censo demonstra mais uma queda, quando a população retorna à um patamar similar ao dos anos de 1980 e 1991.

Entende-se aqui que esse processo de diminuição é baseado na migração de pessoas no interior da cidade, seja eles realizados através de processos de gentrificação e enobrecimento, ou mediante as escolhas individuais e coletivas que conferem aos atores envolvidos as concepções que têm sobre o bairro como um local de residência.

Na **Utopia urbana** de Gilberto Velho (2002) o meio urbano é visto sob uma “abordagem antropológica”, feita através da etnografia. Após entrevistas com moradores do Edifício Estrela – um edifício com que apresentava condições de moradia pouco agradáveis – em Copacabana, além de entrevistas com outros moradores do bairro e de outras regiões do Rio de Janeiro, a pesquisa se debruçava sobre o que levava as pessoas a tomarem Copacabana como local de moradia e como as questões de *status* e prestígio estavam vinculadas ao bairro e seus moradores. Os processos de migração da população carioca para este bairro se deviam a criação de uma propaganda do local feitas pelos agentes imobiliários durante sua construção. Com o estabelecimento de estratos sociais altos na área, consolidou-se uma imagem de local ideal para morar. Morar em Copacabana torna-se sinônimo de *ascensão social*.

Assim como Velho (2002) se perguntava o que fazia as pessoas desejarem Copacabana como local de morada, essa pesquisa se pergunta o oposto, ou seja: o que leva as pessoas a não desejarem residir no Bairro do Recife?

A resolução dos questionamentos feitos por Velho (2002) veio através da tomada dos atores sociais como protagonistas e objeto de estudo, não dos aspectos físicos, urbanos e arquitetônicos. Nesse momento, a etnografia no espaço urbano se mostrou o método pelo qual as perguntas foram respondidas e o problema entendido. As respostas foram tiradas do aspecto antropológico e social. Esta solução serviu de inspiração para este trabalho, que vai buscar nas relações e falas dos atores sociais, as respostas para os questionamentos aqui feitos.

Compreender um centro histórico através de seus habitantes, ou como a habitação interfere em sua preservação, por mais que seja essencial para decodificar a relação entre cultura e patrimônio material, é um tema novo e ainda pouco discutido. Por muito tempo, a questão do

patrimônio, sobretudo aquele relacionado ao estoque arquitetônico e urbanístico presente nos centros históricos, esteve focada, e quase exclusivamente pensada, no caráter único do monumento. O monumento era aquela obra que de alguma forma merecia destaque e suscitava um significado coletivo e identitário. Sobre esse objeto, geralmente de caráter imponente, de importância histórica ou arquitetônica, esteve debruçada a teoria da conservação.

Carrión (2017, p.22) relaciona a pouca produção científica e o baixo interesse público acerca das edificações de moradia em centros históricos com a predominância das concepções “monumentalista” e a as linhas de intervenção conservacionistas. Em outras palavras, a questão da arquitetura residencial, bem como dos habitantes nos centros históricos, esteve à sombra do monumento, já que grande parte das intervenções, por mais que abordem grandes áreas, acabam por privilegiar este último.

Entretanto, essa é uma realidade que vem sendo mudada. Os fracassos das intervenções realizadas no final do século XX, que resultaram em gentrificação e/ou no domínio do mercado imobiliário nas regiões centrais de interesse patrimonial, fizeram os técnicos entenderem que o habitante tradicional é peça chave para que as intervenções sejam exitosas e consigam preservar aquilo que se comprometeram: o patrimônio cultural.

A habitação faz-se essencial para que a cidade tenha vida, para que ela seja, propriamente dita, urbana. É correto afirmar que uma cidade sem habitantes não é uma cidade, o mesmo pode ser dito de trechos da cidade não habitados. À essas regiões, é comum dar-se o adjetivo de “morta”. As áreas mortas de uma cidade, desprovidas de vida ou *vitalidade*, trazem problemas profundos para a estrutura urbana em sua totalidade, que seriam facilmente remediados com a introdução ou reintrodução da habitação.

Para Carrión (2017, p.23, tradução nossa), a função residencial “vai além de si mesma para integrar sociedade e espaço, porque se trata do local onde a população reside, se reproduz e habita, e por ser o uso do solo dominante em termos de sua extensão física e simbólica”. Ou seja, é no entorno da habitação que a cidade ganha vida, dando ao uso habitacional um caráter fortemente ligado à heterogeneidade da cidade, e principalmente dos centros históricos, sendo provedor do senso de cidadania, que é tão importante na preservação dessa região.

Vale pontuar que dentre os atores patrimoniais, o residente é aquele que garante o uso ininterrupto no centro histórico, ou de qualquer trecho da cidade. Ao contrário de usos como o comércio e a prestação de serviços, que tem funcionamento ligado ao horário de trabalho, sobretudo durante o dia, a habitação fornece “olhos” constantes na rua e vida urbana permanente.

Carrión (2017, p.23) vai além, ao defender que a privação dos centros históricos ao uso habitacional provoca danos à heterogeneidade dos centros, já que muitos usos, funções e práticas urbanas são intrínsecas à permanência do residente. Nesse sentido, a perda da heterogeneidade urbana no tecido histórico da cidade acarreta a privação da noção de antiguidade por parte da população, e, portanto, de memória, já que “a museificação, a comercialização e o turismo assumirão o controle do passado, colonizando-o”. O centro histórico sem moradores tende a perder essas funções gradativamente, acarretando no declínio do caráter central, iniciando um processo de degradação e obsolescência. Por fim, desprovido de caráter social, o centro histórico inabitado está fadado a perder seu patrimônio.

A partir da problemática encontrada no Bairro do Recife, que perdeu sua população no decorrer do último século, bem como a inquietação sobre como o uso habitacional se mostra fundamental na preservação de centros históricos e na manutenção da vida pública das cidades, este trabalho procura entender o que condiciona e que elementos interferem para que no Bairro do Recife se identifique uma perda ou ausência do uso habitacional? O que é percebido e o que é rejeitado no Bairro do Recife pela população residente e a que o frequentam rotineiramente que resulta na escassez do uso habitacional? Que padrões sociais e de consumo são exigidos? Estão eles presentes no bairro?

Ao se tomar como objeto de estudo as populações que, de alguma forma, têm uma rotina no bairro, seja ela por moradia ou, em geral, por motivo de trabalho, esta dissertação tem como **objetivo geral** compreender quais as exigências objetivas e subjetivas que levam à escassez habitacional no Bairro do Recife sob uma perspectiva etnográfica das populações residentes e das que frequentam o bairro rotineiramente.

Para que este propósito seja alcançado, os seguintes **objetivos específicos** foram traçados: i) Compreender como a questão habitacional vem sendo tratada no interior dos centros históricos, identificando como ela se manifesta no Bairro do Recife e como se deram suas mudanças históricas neste local; ii) Entender como funciona a dinâmica social das populações residentes do Bairro do Recife e identificar os padrões sociais e de consumo intrínsecos à população que ali transita regularmente; iii) Analisar criticamente as percepções que os indivíduos investigados têm sobre o Bairro do Recife enquanto um local de moradia, sobretudo em relação à parte do bairro denominada Recife Antigo.

Dividido em cinco capítulos, no capítulo inicial deste trabalho está exposta uma discussão a respeito da forma como a habitação vem sendo tratada no interior dos centros históricos, sobretudo no âmbito da teoria da conservação. No segundo capítulo está descrita a metodologia bem como os procedimentos adotados na realização da pesquisa, que tiveram na

etnografia a base de sua conceitualização e abordagem. No terceiro capítulo, o Bairro do Recife é discutido através dos processos históricos que se desenrolaram após a reforma de 1910/13 e que alteraram a sua dinâmica habitacional e de uso. No quarto capítulo, é apresentado um levantamento do uso do solo na área de estudo, descrevendo como o bairro é utilizado nos dias atuais e como a habitação se manifesta, além da identificação de problemas provenientes da não utilização e subutilização ainda presentes em boa parte de seus lotes. Por fim, o último capítulo apresenta uma descrição dos processos sociais que se manifestam em suas ruas, bem como uma espacialização afetiva do bairro, gerada através do processo de observação do caminhar por suas ruas, além das falas dos entrevistados e dos motivos que levam o bairro a ser um espaço pouco habitado.

2 HABITAÇÃO EM CENTROS HISTÓRICOS: UM DEBATE TEÓRICO

Este capítulo tem como intento compreender o papel dos centros históricos no desenvolvimento das grandes cidades, sobretudo a partir do século passado, com o advento dos processos acelerados de urbanização, e, principalmente, entender como facetas da habitação foram e vêm sendo tratadas nestes espaços, dando ênfase às mudanças que sofrem até os dias de hoje. Para tanto, toma-se a problemática da falta de habitantes e o desinteresse habitacional no Bairro do Recife como norteadores desse debate.

O espaço habitado é uma característica primordial das cidades, pois, estas são compostas pelo aglomerado de pessoas que se reúnem para a criação de um centro social, palco das mais diversas relações humanas e sede do poder nas mais diversas escalas sociais. É a habitação que dá corpo à cidade, é principalmente através de seu ordenamento que as cidades se expandem e tomam forma. Para Carrión (2017, p.23, tradução nossa),

A perda da habitação acarreta uma perda da sociedade (tecido social), da cidadania (direitos, sujeito patrimonial) e do sentimento de pertença (identidade, propriedade) que impedem a democratização do patrimônio. Os habitantes, colonos, migrantes, indígenas, residentes, trabalhadores (operários, empresários, estudantes) e visitantes (turistas, empregados) são a essência dos centros históricos, porque sem sujeitos patrimoniais não há patrimônio, assim como sem poder não há patrimônio.

Nesse contexto, os centros históricos, principalmente das grandes cidades brasileiras, sofreram no decorrer do século passado, um processo de mudança em seu caráter habitacional, como a evasão de populações e a atração de novas, com perfis diversos dos que antes ali se instalavam.

Assim, esse debate auxiliará no entendimento do que é centro histórico e como a questão habitacional se relacionou com esse espaço em meio à momentos de renovação, degradação, reabilitação e as novas dinâmicas de mercado e de uso. Assim fornecendo bases para compreender os processos habitacionais que ocorreram e os que ocorrem no Bairro do Recife, o núcleo histórico alvo desta pesquisa.

2.1 CENTRALIZAÇÃO E RENOVAÇÃO: A CONCEPÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO E A FUGA OU EXPULSÃO DO MORADOR.

O espaço que hoje é tomado como centro histórico, já correspondeu à extensão urbana absoluta das cidades. Dotada de suas próprias centralidades, dispostas em escala menor, a “grande cidade” brasileira do final do século XIX possuía todas as suas funções em um espaço

bastante reduzido, comparando-se ao tamanho que tem hoje. Assim como o uso religioso, administrativo e o uso comercial, a habitação permeava o tecido da cidade antiga, disposta, é claro, mediante os padrões de segregação que vigoravam na época. O caso do Recife não é muito diferente.

Ludemir Bernardino e Lacerda (2015, p.63) expõem que “a partir do século XX, a cidade colonial passou a dar lugar a novas formas de estruturação espacial com os primeiros movimentos de suburbanização”. Estes movimentos foram impulsionados pelo desenvolvimento de novos meios de transporte coletivo, mas principalmente diante das posturas higienistas que atribuíam ao centro o estigma de lugar sujo e doente, de onde provém os males urbanos, sobretudo os ligados às questões sanitárias.

Nesse contexto, “morar nos subúrbios estava relacionado, assim, ao ‘morar saudável’ e significava distanciar-se de todo o burburinho incômodo do centro da cidade” (LUDEMIR BERNARDINO e LACERDA, 2015, p.63). A elite recifense migrou para novas regiões, habitando o que Freyre (1936) denominou como sobrados de chácara. Enquanto os estratos médios da sociedade permaneciam no centro, habitando a cidade formal, para os mais pobres, os cortiços, as casas de cômodos, os mocambos e as palafitas eram a única opção de moradia.

Esses primeiros processos de crescimento periférico são potencializados não muito tempo depois, fruto dos anseios de modernização das cidades. Carrión (2017, p.26) afirma que, neste momento, o centro histórico, caracterizado por ele até então como a “*ciudad toda*”, é convertida em *centralidade*, “partindo de um processo simultâneo, por um lado, de expansão urbana que expande suas periferias para estabelecer uma definição clara entre cidade moderna ou nova e outra cidade velha ou antiga” (Carrión, 2017, p.26, tradução nossa). Nasce aí a “cidade velha”, que é agora ressignificada como um centro único de uma massa urbana maior. Em Recife, essa região é nomeada pelos habitantes apenas como “Cidade”, uma expressão ainda muito usada, que engloba todos os bairros centrais. Já o Bairro do Recife, talvez por levar o mesmo nome da cidade, é nomeado de “Recife Antigo” ou simplesmente “Antigo”.

A “cidade nova ou moderna” passa a atrair as massas populacionais, principalmente as mais abastadas, que procuravam condições de conforto mais adequadas às suas novas necessidades. Esse movimento é influenciado pelos conceitos de modernização e do urbanismo funcionalista, que se espalhavam na primeira metade do século XX. As teorias, que logo seriam reunidas e condensadas no movimento modernista, estão a todo vapor incidindo sobre as cidades antigas, adequando-as aos novos paradigmas e exigências impostas pela sociedade moderna, utilizando-se da demolição em diversos processos de renovação urbana.

Entretanto, impossibilitados de impor a tábula rasa na totalidade da cidade antiga, a solução foi planejar a cidade, já edificada, inserindo-a em planos mais abrangentes, que acompanhavam e estavam integrados ao desenvolvimento e construção da cidade nova. Nesse momento, o *zoneamento* toma as rédeas do planejamento urbano, setorizando as diversas partes da cidade de acordo com novos usos mais adequados ao pensamento da época.

O *zoneamento* da cidade é aplicado pelo modernismo, estruturado nas bases “de um urbanismo funcionalista, em que a cidade é concebida como uma divisão do espaço segundo funcionalidades pensadas *a priori*: negócios, indústria, circulações cruzadas, residências etc.” (AGIER, 2011, p.120). Nesse contexto, o centro histórico é tomado como um elemento funcional único e uniforme, ignorando a pluralidade de usos que tinha até então, condicionando a sua transformação em um espaço central voltado à concentração dos usos ligados ao trabalho, o comércio e a administração pública.

Em meados do século XX, a intensificação dos processos migratórios que levaram a população rural à cidade acelerou o processo de urbanização. A cidade vira um canteiro de obras na periferia, quando os bairros residenciais e loteamentos, sejam eles planejados ou não, são erguidos para abrigarem o contingente populacional que largava a vida no campo e assumia a vida urbana. Na região periférica, a informalidade se torna pujante, e, no Brasil, é quase que exclusivamente nesta região que se concentrarão todos os esforços governamentais ligados à programas de habitação e a edificação de novos bairros residenciais que irão tentar sanar as problemáticas das favelas e de como a cidade vinha sendo ordenada até então.

É nesse período, na segunda metade do século XX, que as políticas habitacionais brasileiras cunham um pensamento que permeia até os dias atuais: o “sonho da casa própria”. Os anseios da população, seja ela pertencente à classe que fosse, era ter a propriedade de uma moradia, por mais que isso significasse se distanciar do centro ou de seu local de trabalho. O problema da distância seria facilmente vencido através da aquisição de um automóvel, ou da utilização do transporte público.

Os conjuntos habitacionais abrigavam aqueles que vinham do campo para a cidade, mas também recebiam levas de moradores antigos da cidade. “Em maior escala, o referido processo pode ser associado à migração intraurbana de parte da população que outrora havia morado no centro da cidade” (LUDEMIR BERNARDINO e LACERDA, 2015, p.64), diminuindo, assim, as taxas populacionais nas áreas antigas. Logo, com as novas áreas dedicadas à habitação localizadas na periferia, “o financiamento à produção e à comercialização permitiu a construção, em massa, de novas unidades habitacionais, cuja localização contribuiu para um processo de urbanização centrífuga” (LUDEMIR BERNARDINO e LACERDA, 2015, p.64).

Já na região central, abandonada dos investimentos ligados à moradia, os estratos sociais dos residentes são alterados: os altos e médios são substituídos paulatinamente pelos mais baixos, assim como o uso residencial vai gradativamente sendo substituído pelo comércio. Na concepção centralizadora da cidade, que ao mesmo tempo era centrífuga, em relação ao espaço de moradia, o centro se torna o ponto de confluência de fluxos e capital. As sedes das empresas se instalam lá, assim como as instituições financeiras e comerciais, o comércio popular e de alto padrão.

Os movimentos pendulares exercidos pela população, que morava na periferia, mas trabalhava e consumia no centro, fizeram com que essas regiões passassem por fortes investimentos nos setores de transporte público e circulação. Da mesma forma que terminais de transporte público foram ali implantados, o tecido dessas áreas passou a ser rasgado por novas ruas e avenidas, como novos eixos viários, necessários para que a cidade moderna pudesse funcionar, já que os espaços eram segregados por função, exigindo o aumento no fluxo de automóveis e do transporte público, que no Brasil se resumia basicamente ao ônibus.

As populações empobrecidas tentam permanecer na região central, mesmo diante da pressão imposta pelos altos custos imobiliários, para tanto, acabam recorrendo à informalidade.

A pressão demográfica nas cidades e a sua baixa capacidade de resposta levaram à presença simultânea e dicotômica da informalidade/formalidade e da ilegalidade/legalidade, aspectos que, embora tivessem sua expressão máxima nas periferias, também estavam presentes nas áreas centrais. (CARRIÓN, 2017, p.26, tradução nossa)

No espaço central, a dicotomia se faz presente através da ocupação dos espaços que ficaram ociosos após a saída de grande parte dos estratos médios e altos. Para driblar aos altos custos da terra, traduzidos através do aluguel, muitos edifícios ou até mesmo unidades habitacionais são fracionados, levando, mais uma vez, ao surgimento de cortiços e o aumento de espaços impróprios para a moradia.

Da mesma forma, a apropriação dos serviços públicos de distribuição, como eletricidade e abastecimento de água, atribui um caráter de ilegalidade às populações pobres residentes no centro. A ocupação do espaço público por moradias informais e pelo comércio de rua torna-se crescente e o centro adentra num de seus momentos mais críticos: de degradação de seus edifícios e do espaço público, bem como do entorno monumental (CARRIÓN, 2017, p.26).

A população pobre é então rotulada como inimiga do centro histórico, um julgamento que advém da concepção de que a deterioração causada pela concentração de pobreza, informalidade e ilegalidade nos centros históricos causa a perda irreparável do patrimônio

inerente a ele, já que teoricamente “a pobreza opera como um rei Midas ao contrário: tudo que a toca a erode. Assim, os setores populares se apropriam dos centros históricos, mas a um custo altíssimo: sua deterioração” (CARRIÓN, 2017, p.28, tradução nossa).

Em meados do século XX, o processo de centralização perde seu vigor, ocasionado principalmente pelos processos de metropolização e a criação de novos centros dentro da cidade, assim como em decorrência da evasão do uso habitacional da região central. Ludemir Bernardino e Lacerda (2015, p.64) seguem esse raciocínio quando defendem que

A oferta comercial e de serviços, em todo o processo de urbanização brasileiro, acompanhou as novas habitações, situadas nos “novos bairros”. Criaram-se novas centralidades, cuja crescente importância, em alguns casos, levou-as a compartilhar com o centro tradicional o papel de centralidade urbana.

Paradoxalmente, o próprio processo de centralização pôs fim a si mesmo, já que ele próprio determinava uma urbanização centrífuga, levando para regiões periféricas os habitantes, criando condições para que novos centros surgissem. Parte do capital que se fixava no centro antigo migra para essas novas centralidades, levando consigo a maior parte dos investimentos privados e públicos, mesmo que a administração pública, na maioria dos casos, tenha permanecido no centro antigo. Por consequência, a concentração de capital muda no centro antigo, assim como sua distribuição, que passa a se concentrar em certos pontos da região central, o que leva Correa (1989, p.40) a dividi-lo em duas subáreas: o núcleo central e a zona periférica do centro.

O núcleo central caracteriza-se pelo uso intensivo do solo, a concentração de atividades econômicas e a atuação do setor terciário; a escala vertical predomina, assim como a limitação de expansão. É no núcleo central que se encontra o foco do transporte intraurbano, bem como do comércio e as sedes de diversas empresas e instituições que atuam na cidade ou em escala que extrapole seus limites. Também é notável a predominância da atividade diurna e a inatividade no período da noite, já que o uso habitacional tende a ser escasso nessas regiões de alto custo imobiliário (CORREA, 1989, p.40-42).

Já a zona de periferia do centro configura-se como a região do entorno do núcleo central, seu uso é semi-intensivo, concentrando atividades de armazenagem, o comércio atacadista e indústrias de pequeno porte. Assim como o núcleo central, possui pouca possibilidade de expansão territorial, mas apresenta escala horizontal, possibilitando a expansão vertical. Podem estar aqui localizados: os terminais de transporte intrarregional, sobretudo portos e rodoviárias. Além de ter pouca diversidade de usos, também apresenta uma série de edificações abandonadas, por esse motivo são consideradas áreas de pouco *status* social (CORREA, 1989,

p.42-43). É na zona de periferia do centro que a maior parte dos habitantes presentes no centro irá residir e resistir à pressão do mercado imobiliário.

O processo de degradação que boa parte das regiões centrais das cidades brasileiras e latino-americanas sofreram no século passado é bastante similar ao que o Centro Histórico da cidade do Recife passou. Sob o ponto de vista de Correia (1989), o Bairro do Recife assume uma feição característica das zonas de periferia do centro, sobretudo em sua região mais ao norte, que, neste momento, apresentava fortemente o caráter portuário e era dominada pelo comércio atacadista, além que apresentar populações pobres, concentradas em ocupações precárias e informais.

Para Carrión (2017, p.27) é justamente no momento que o centro antigo entra em decadência, que o conceito de centro histórico surge no debate nas diversas áreas ligadas ao planejamento e à conservação. Neste momento, em profundo estado de degradação, causado pela disfuncionalidade urbana, a concentração de pobreza e a fuga do capital, o centro histórico, por assim dizer, “nasce com a morte às costas”. Diante da perda crescente do patrimônio, da história e da monumentalidade daquela região, os olhos mais uma vez se voltam ao centro tradicional. A única saída para evitar sua morte tão próxima era a reabilitação, assunto que toma conta do debate urbano nas décadas finais do século XX, como expresso no tópico seguinte.

2.2 O ENOBRECIMENTO DO CENTRO HISTÓRICO: OS OLHOS SE VOLTAM MAIS UMA VEZ AO CENTRO, MAS NÃO AOS HABITANTES.

Por volta dos anos de 1980, o grande fluxo migratório, que levava as pessoas do campo para a cidade, diminui. Outros padrões migratórios nascem e tomam a frente, desta vez, mais ligados às migrações dentro do território: do município central da metrópole, para os municípios circundantes, ou para as cidades médias e de menor porte no interior. Os municípios limítrofes das grandes cidades passam a ter altas taxas de crescimento demográfico, se comparados com as capitais. Essa mudança é impulsionada pela concentração da indústria e criação de polos industriais nessas regiões, bem como pela desindustrialização no centro da metrópole e o crescimento do setor terciário.

Do mesmo modo, as grandes cidades latino-americanas passam a ter “uma mudança de uma tendência exógena e centrífuga de desenvolvimento urbano para uma tendência endógena e centrípeta” (CARRIÓN, 2017, p.28). No Brasil, as regiões centrais, onde se encontrava o centro histórico, voltam a serem valoradas e são reinseridas no planejamento com um enfoque especial. Por mais que os novos centros estivessem mais próximos e acessíveis à maior parte

da população, o Centro é reinserido na política de desenvolvimento urbano, com foco especial na salvaguarda e recuperação do seu estoque edificado que traduzia o sentimento de identidade coletiva e valor histórico. Essa mudança é traduzida através dos planos e projetos urbanísticos que foram pensados ou executados nessas áreas.

Na maioria dos casos – como o do Centro Histórico do Recife – os planos tinham como primeiro e principal objetivo, reinserir as áreas centrais e históricas na dinâmica econômica da cidade, visto que, nesses aspectos, essas áreas encontravam-se estagnadas. Mesmo preocupados com a preservação do patrimônio, são os aspectos material e econômico que tomam relevância em muitos planos de reabilitação. A paisagem histórica do centro tradicional é valorada como um potencial econômico, que, com a ajuda especial do turismo, novos serviços, comércio e funções seriam atraídos para o centro histórico reabilitado.

Por estar na periferia das ideias conservacionistas que foram aplicadas, o aspecto social inerente à população residente sofre duros golpes. Revalorizado pela lógica de mercado e diante dos investimentos públicos e privados, o centro histórico tem seu valor imobiliário dilatado, haja vista que

Muitos dos programas de revitalização de centros históricos, desde então, tentam, ora tornar a cidade atraente para empresas e iniciativas privadas, mediante incentivos financeiros, ora recuperar a história, a tradição e a memória coletiva higienizada, cultivando a nostalgia, ao promover a restauração de edificações para o turismo. (LUDEMIR BERNARDINO e LACERDA, 2015, p.65).

Essa atração de recurso dá certo na maioria dos casos, à vista disso, o centro histórico passa por um processo de enobrecimento, já que medidas de regulação do mercado imobiliário, recomendadas por cartas patrimoniais como a Declaração de Amsterdã e a Recomendação de Nairóbi², não são aplicadas ou são pouco eficientes. Assim, a pressão exercida pelo aumento do valor do solo afasta a população residente para fora da região central ou agrava as condições de ilegalidade/informalidade que muitos se encontravam.

Mesmo nos estágios preliminares do enobrecimento, a apropriação cultural é um processo que se dá em duas etapas. Primeiramente, um grupo social não relacionado de modo nativo à paisagem ou ao vernacular assume uma perspectiva de ambos. Em segundo lugar, a imposição de sua visão –

² Além de sugerirem a aplicação de ferramentas e elementos reguladores sobre os atores inseridos nos centros históricos (mercado, poder público e sociedade civil) a Declaração de Amsterdã e as Recomendações de Nairóbi são dois documentos nascidos de conferências internacionais sobre a conservação e o patrimônio que exploram a importância do morador tradicional como ator chave e fundamental para o êxito dos processos de reabilitação. A Declaração de Amsterdã, em especial, exerce bastante influência sobre os planos de reabilitação que viriam a ser implantados no Brasil, ainda que estes possam apresentar contradições em relação às recomendações expressas no documento e as intervenções postas em prática.

convertendo o vernacular em paisagem – conduz a um processo material de apropriação espacial. (ZUKIN, 2000, p.89).

A autora aponta para o dilema que esse processo tem nas mãos, “de um lado, a aura do conjunto será arruinada pelo contínuo desinvestimento econômico. Mas, de outro, ela será inundada por um influxo de capital, com o conseqüente risco de novas construções ao seu redor” (ZUKIN, 2000, p.89). Esse dilema está relacionado à problemática do enobrecimento como atrativo de capital que pode, de certa forma, descaracterizar o centro histórico, fazendo-o perder as características que despertaram o interesse dos investidores. Por outro lado, a ausência de capital injetado nessas regiões não impediria sua contínua deterioração.

Na lógica de planejamento urbano pós-moderno, acaba-se por optar pela transformação do espaço através do seu enobrecimento. Na maioria das vezes, essa transformação surge de investimentos conjuntos entre o estado e atores privados, as chamadas parcerias público-privadas, onde, segundo Harvey (2004, p.190), o “poder público entra com os riscos e a iniciativa privada fica com os lucros”.

Harvey explora o caso de Inner Harbor, o bairro portuário de Baltimore nos EUA, que teve um processo de revitalização iniciado a partir da década de 1970. O bairro, antes habitado apenas por populações empobrecidas, segregadas por aspectos econômicos e raciais, passa por uma série de investimentos públicos com a finalidade de atrair uma série de empresas privadas que dinamizariam a economia do bairro.

Como resposta aos investimentos, Inner Harbor se tornou um bairro movimentado, bastante frequentado e de funcionamento ininterrupto. Os padrões de sociabilidade mudaram, tornaram-se mais plurais, atraindo uma série de jovens profissionais para o bairro com o desejo de “estar no centro dos acontecimentos”. Em seguimento, a população pobre que ali residia começa a deixar o lugar, num processo de gentrificação, partindo para outros bairros na periferia, que tiveram seus aspectos físicos revitalizados, no que Harvey (2004, p.190-192) chama de “contrapartida”.

Smith (2017) segue uma linha de pensamento similar quando compara o processo de gentrificação às ações de expansão territorial praticadas pelos “pioneiros” dos Estados Unidos no século XIX, que desbravavam o velho oeste, conquistando a terra, expandindo as fronteiras e expulsando os nativos. Da mesma forma que o Oeste desconhecido era uma fronteira a ser conquistada, o centro decadente passa a se configurar como uma “fronteira urbana” nos Estados Unidos do fim do século XX. Como nesse processo de conquista, “a imagem contemporânea da fronteira urbana implicitamente trata os atuais moradores da área central como um elemento natural do meio físico a que pertencem” (SMITH, 2017, p.16) a cidade central é tratada como

se não fosse socialmente habitada, e o residente local é ignorado ou removido, “assim como os americanos nativos, a classe trabalhadora urbana de hoje é vista como menos do que social, como uma simples parte do meio físico” (SMITH, 2017, p.16).

Apesar da gentrificação habitacional ter sido, e ainda ser, um resultado recorrente das intervenções nos centros históricos brasileiros, esta, diferente do contexto europeu e norte-americano, se deu mais diante da pressão do setor terciário que tomava espaço no tecido urbano, que pela substituição da camada social no aspecto habitacional. Em grande parte dos casos nacionais, o centro histórico degradado e empobrecido, perdeu população após processos de intervenção realizados neste primeiro momento de revalorização do centro histórico, e a mudança socioeconômica da população residente pouco se altera.

As próprias diretrizes, de muitos destes planos, excluía as populações residentes e até previam a sua remoção e realocação em novas áreas, preferivelmente nas periferias e regiões afastadas do centro que seria reabilitado. De acordo com Bonduki (2010, p.322) “a presença de segmentos populares nos centros históricos foi quase sempre considerada incompatível com sua recuperação” o que evoca a concepção do que expôs Carrión (2017, p.28) de que a população pobre era estigmatizada como a responsável pela deterioração do centro.

Nesse sentido, ainda que o antigo modelo de *renovação* urbana, que arrasava com a cidade histórica para a construção de um tecido moderno, tenha entrado em declínio diante do crescimento das políticas de proteção às cidades históricas, pautadas pelos processos de *reabilitação*, predominou-se

uma visão que continuava a estigmatizar a população moradora, como se o enfrentamento da deterioração física fosse incompatível com a manutenção do tecido social e cultural que se formou nesses núcleos. A vida cotidiana, rica de sociabilidade e de produção cultural, continuou a ser desconsiderada, a ponto de se chamar as intervenções de ‘revitalização’, como se as áreas ocupadas pelos pobres não tivessem vida. (Bonduki, 2010, p.321)

Todavia, do ponto de vista funcional, a habitação ficou em segundo plano, o centro histórico é inserido num vórtice de mudanças que preferenciam usos ligados ao comércio, à prestação de serviços, atividades culturais e de lazer e principalmente ao turismo. O centro histórico é inserido um “circuito de eventos” direcionados ao público externo, dessa forma, se opondo “à manutenção da população pobre residente, não tendo interesse em implementar projetos de habitação social” (Bonduki, 2010, p.322).

Ainda que no plano internacional, especialmente no contexto europeu, a permanência da população residente fosse considerada fundamental para o sucesso das intervenções e reabilitação dos centros históricos, essa concepção tarda em chegar no Brasil. Influenciadas

pela experiência europeia, logo as cidades históricas passam a olhar para o habitante que resistia no centro, bem como a tomar medidas que favoreciam a implantação de habitação social dentro do centro histórico. Deste modo, o tópico seguinte introduz como os novos pensamentos referentes à presença da habitação nos centros históricos vêm sendo tratada nos dias atuais.

2.3 O CENTRO HISTÓRICO HABITADO: DOS MORADORES TRADICIONAIS À HABITAÇÃO SOCIAL

Reinseridos na economia e no corredor de oportunidades que as metrópoles brasileiras se encontram, coincidentemente, desde o processo de redemocratização do país, os centros históricos são cada vez mais valorizados, nos mais diversos aspectos, sejam eles econômicos, de solo, de uso, ou históricos e artísticos. Entretanto, para uma camada significativa da sociedade, bem como dos gestores e responsáveis pelo planejamento urbano, as populações empobrecidas que resistem no centro configuram-se como agentes contrários aos valores atribuídos.

A estes estratos sociais que se fixam nos centros históricos, muitas vezes é atribuído “o desvirtuamento do patrimônio, acusando-se os moradores de não respeitar, não preservar e não conservar aqueles símbolos da memória e da identidade coletiva (Bógus e Sousa, 2016, p.851). Todavia, esse pensamento vai na contramão do que vêm atestando grande parte das experiências de reabilitação de centros históricos que abraçam a população tradicional, inserindo-os num ambiente de participação popular e democratização do patrimônio.

A experiência empírica atesta que “são aqueles poucos moradores, senão os agentes de sustentação daqueles modos de vida de que se fala, pelo menos os resistentes sobreviventes dos processos de desestruturação e transformação dos centros” (Bógus e Sousa, 2016, p.851). Em outras palavras, os moradores que conseguiram resistir aos processos de transformação urbana que atuaram sobre o centro histórico no último século, o fizeram com dificuldade, e diante do tempo que permaneceram ali, são eles os responsáveis por conservar as práticas e costumes sociais inerentes ao patrimônio, aspectos fundamentais que agregam vida à materialidade das cidades históricas. Mas ainda há certa resistência na implementação de medidas inclusivas nos planos de reabilitação.

Em muitos dos posicionamentos sobre a preservação dos centros históricos, mesmo os mais recentes, a participação social, como fator decisivo no fomento e consolidação dos valores simbólicos e de uso, é entendida como relação externa aos objetos, considerando apenas a dimensão pública como campo das práticas de sustentação da memória e da identidade. A habitação apresenta-se, naquelas circunstâncias, apenas

como função urbana e, raramente, como dimensão da existência dos indivíduos. (Bógus e Sousa, 2016, p.852)

A questão da identidade e da memória do residente, abordado ainda na fase de planejamento das intervenções, leva a um resultado eficaz para a salvaguarda do patrimônio, já que ele fornece a “experiência concreta” das manifestações das tradições e da memória, que estão enraizados no tecido da cidade histórica. Assim, “os centros históricos, como representações amplas do patrimônio, requerem que os seus habitantes, para além de moradores, também ali ‘vivam’, ali constituam ‘lar’, no sentido de efetivar a produção do espaço e, enfim, o direito à cidade” (Bógus e Sousa, 2016, p.852). Em outras palavras, só a manutenção do habitante garante a permanência e preservação do patrimônio em suas mais diversas facetas, tendo em vista que a inserção de novos habitantes nem sempre pode ser exitosa nesse aspecto.

Ainda que exista uma teoria e uma prática empírica, pautada, sobretudo, na conservação integrada. A tendência, especialmente na experiência de reabilitação dos centros históricos brasileiros, sempre foi de expulsão e gentrificação. São poucos os casos onde a população é levada em conta em uma reabilitação que as conserve, entretanto, muitas vezes, isso “é feito de forma camuflada, buscando escondê-la dos turistas e da população classe média e alta, detentores do direito a usufruir desses espaços (FERREIRA E VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2020, p.47). Deste modo

O tipo de projeto de reabilitação praticado nos centros históricos atualmente parte, então, de uma visão mercadológica e segregacionista que, ao mesmo tempo que preserva os elementos morfológicos como exemplos de um modo de vida ancestral a ser vendido, tende a descartar os elementos culturais inseridos por uma população. (FERREIRA E VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2020, p.47)

Carrión (2017, p.30) alerta que é necessária a intervenção através de políticas públicas, principalmente as que regulem o mercado imobiliário, os usos do solo, a densidade, a implementação de subsídios — como o aluguel social —, melhorias estruturais e ambientais e, por fim, a reabilitação habitacional. A preferência por políticas públicas que englobem a população residente e a sociedade local se dá ao ponto que “os projetos promovidos pelo setor público podem atuar em benefício da lógica do mercado quando não se enquadram em um contexto democratizante (CARRIÓN, 2017, p.30, tradução nossa).

Os autores abordados nesse trabalho, concordam em unanimidade que a inserção da população tradicional no debate sobre a reabilitação dos centros históricos não teve destaque, nem expressividade, na grande maioria dos planos implementados. Alguns abordam o tema e determinam a inclusão da camada social residente, mas muitas deixam as diretrizes no papel e

implementam apenas as medidas que favoreciam a visão mercadológica, como Carrión (2017, p.30) alertou. Mas é incerto afirmar que todas as experiências onde se preconizou a participação popular ou a permanência da população de baixa renda foram falhas. São poucos os casos, mas eles existem. Esses casos exitosos estiveram não só envoltos por um debate democrático, como, adotaram um viés que se vinculava com políticas de habitação social dentro do centro histórico.

2.3.1 Habitação Social como Resistência da Moradia no Centro Histórico

A conversão e adaptação de edificações históricas sempre foi um ponto delicado que permeia o debate da conservação dos sítios históricos. O uso cultural, comercial, recreativo e todo o aparato turístico encontra nas edificações históricas o seu reduto, mas a adaptação destas edificações para o uso habitacional sempre encontrou obstáculos que fizeram com que essa ação não fosse comum.

A Experiência de Lisboa é um marco na adaptação de edificações para o uso como morada, e na reabilitação da habitação de centros históricos, conforme pontua Bonduki (2010, p.322-323). Cerca de quatro mil moradias foram reformadas entre os anos de 1986 e 1995, numa recuperação que ocorreu em diversos bairros do núcleo histórico da capital portuguesa. O objetivo primordial era dar condições melhores de habitabilidade aos moradores tradicionais, para que eles pudessem permanecer no centro.

Bonduki (2010, p.323-324) lista outros casos no contexto brasileiro que recuperaram edifícios para o uso habitacional: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador (em 1990) e São Luiz são alguns exemplos, mas todos se configuraram através de ações pontuais e pouco expressivas se comparadas ao caso de Lisboa.

O único caso brasileiro de relevância pela quantidade de edificações recuperadas é o da cidade de Salvador, que passou por uma etapa de cunho habitacional durante o longo processo de reabilitação de seu centro histórico. A reabilitação dos bairros centrais de Salvador era marcada pela gentrificação populacional, à medida que a população tradicional era removida para dar lugar aos serviços ligados ao comércio, serviços e o turismo, como no caso do famoso bairro do Pelourinho. A população migrava entre os bairros do centro, indo para as regiões ainda não “reabilitadas” ou deixavam a região central rumo à periferia.

Entretanto, esse processo sofre uma reviravolta quando a população se organiza e passa a exigir sua permanência e a participação na tomada de decisões acerca das intervenções quando a 7ª Etapa do Projeto de Recuperação do centro histórico de Salvador ameaçava os remover, como todas as seis etapas anteriores o fizeram. Após anos de trâmite judicial, a população

ganhou o direito de permanecer e ser incluída na requalificação, o que fez ser necessário um redesenho do projeto, que passou a incluir a conversão de edificações antigas em habitações para as famílias carentes que residiam no local.

O caso de Salvador é único no Brasil, fazendo com que a “reciclagem de imóveis de interesse histórico para a implantação de unidades de habitação social [seja] um tema novo, com muito pouca experiência acumulada no país, apresentando problemas de difícil enfrentamento.” (BONDUKI, 2010, p.348). Apesar das problemáticas, sobretudo relacionadas à questões projetuais e o elevado custo de recuperação dos imóveis, haja vista que o centro histórico de Salvador se encontrava em um avançado estado de degradação, a experiência forneceu algumas bases para uma política de habitação social em áreas centrais, principalmente de caráter histórico.

Mesmo custando mais caro recuperar um imóvel antigo que a construção de um novo imóvel nos moldes das políticas habitacionais em vigor³, a região central já apresenta uma infraestrutura urbana, o que pode baratear esse custo, dependendo do estado de conservação do ambiente. Da mesma forma, esse processo pode se valer dos benefícios e políticas públicas existentes, mas que são direcionados para outras áreas, assim “a recuperação de imóveis voltada para a habitação social pode se articular com os financiamentos e subsídios habitacionais, que são crescentes no país, no sentido de garantir a manutenção da população e das atividades tradicionais do núcleo histórico” (Bonduki, 2010, p.322).

O contexto do déficit habitacional em que o Brasil, assim como outros países latino-americanos, se encontra faz Carrión (2017, p.30) defender que as políticas habitacionais aplicadas em centros históricos resolvam dois problemas de forma simultânea: a questão habitacional e a obsolescência dos centros históricos. Deste modo,

A nova conjuntura dos centros históricos da região deve vir acompanhada da democratização do patrimônio, que não passa exclusivamente pelo uso e apropriação do espaço público, mas também pelo uso e apropriação do espaço residencial. Por isso, uma política habitacional no centro histórico é fundamental. (CARRIÓN, 2017, p.30, tradução nossa).

Ainda que o patrimônio seja democratizado, e a população fixada no centro histórico, é preciso se atentar para a constante valorização do solo e evitar problemas como a gentrificação. Desta forma, acompanhada com a “política habitacional é fundamental a implementação de uma política de subsídios, porque dela depende a possibilidade de sustentar quem vive nos

³ Conjuntos habitacionais edificados na periferia, onde o solo é barato e as edificações seguem um padrão arquitetônico único para viabilizar a sua produção em massa.

centros históricos (CARRIÓN, 2017, p.31, tradução nossa). Questões de posse e propriedade, implementação de aluguel social, políticas de controle do mercado imobiliário e da setorização dos usos são ferramentas que podem auxiliar na manutenção dos residentes, e até na atração de novos moradores para as regiões mais despovoadas.

Entre a obsolescência imobiliária, o abandono, a conservação patrimonial, a população reduzida e a degradação, os centros históricos se configuram como um dos maiores “problemas” nas cidades, mas que podem ser convertidos em solução para os problemas urbanos e a integração social, cultural e econômica na cidade. A habitação é uma ferramenta que pode auxiliar no combate aos problemas dos centros históricos, como mostrado nesse capítulo. Entretanto, as análises multidisciplinares vêm se mostrando eficientes no entendimento da cidade, e em especial esse trecho tão problemático dela. Assim, a Etnografia surge como uma disciplina eficaz, no entendimento das populações que habitam a cidade contemporânea, em especial devido à vivência na cidade, necessária para entender seus fenômenos e os de sua população. O capítulo seguinte, traz o detalhamento da abordagem metodológica adotada neste trabalho, bem como a descrição dos procedimentos e as técnicas de pesquisa adotadas à luz do método etnográfico.

3 UMA INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA: DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve como foram realizados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Conforme exposto no título deste capítulo, a metodologia empregada na pesquisa realizada teve forte inspiração do método etnográfico, sobretudo como esse método é aplicado em populações urbanas, inseridas nos processos sociais que têm a cidade como pano de fundo. O estudo antropológico das cidades encontra na etnografia a ferramenta de coleta que chega mais próxima do objeto de estudo, que neste caso, é a população residente, trabalhadora e frequentadora do Bairro do Recife, deste modo, com uma escala de observação menor e uma aproximação maior do fenômeno estudado, o problema pode ser analisado sob uma nova perspectiva.

Para tanto, o *olhar de perto e de dentro*, proposto por Magnani (2002) permite alcançar essa perspectiva, mais próxima, sobre a questão habitacional no Bairro do Recife. O olhar aproximado permite um contato mais sensorial com o objeto, bem como ter novas percepções sobre o problema oriundo dos desejos, ações e propósitos das populações, além da forma como a cidade se manifesta e contribui para a tomada de decisão sobre morar ou não no bairro.

Inserida no contexto do método etnográfico, a observação se mostrou a ferramenta mais poderosa na análise apresentada neste trabalho, que aliada a métodos como a realização de entrevistas abertas e a coleta de dados através de pesquisa de campo, fundamentaram e solidificaram as teses levantadas na conclusão. Assim, este capítulo está dividido em duas partes: na primeira, trata, de forma breve, como o estudo das cidades através da antropologia mudou a perspectiva de análise sobre o ambiente e os processos urbanos, bem como, a adoção de um *olhar de perto e de dentro* influenciou a abordagem empregada na área de estudo; na segunda parte, estão descritos os procedimentos adotados e a forma como foram aplicados, expondo os processos da pesquisa de campo e das entrevistas; bem como a descrição elaborada do recorte espacial da pesquisa.

3.1 O OLHAR DE PERTO E DE DENTRO DA ETNOGRAFIA URBANA

Por muito tempo, os estudos antropológicos se centravam em sociedades simples, representadas por sociedades tribais ou rurais. Com o aumento da população urbana, o interesse pelo estudo das ditas “sociedades complexas” aumenta e este campo passa a ter maior atenção dos antropólogos, ou seja, as sociedades das quais eles próprios faziam parte tornam-se objeto

de estudo. Nesse contexto, assim como o homem das sociedades tribais, “o homem civilizado é um objeto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta à observação e ao estudo” (PARK, 1979, p. 27-28). Os fenômenos sociais que aconteciam na cidade despertavam o interesse dos pesquisadores, da mesma forma que entender todo aquele processo de urbanização e revolução urbana através da perspectiva micro do indivíduo parecia ser uma opção de grande valia.

A “antropologia em cidades” ganha bases e impulso com as teorias sociais desenvolvidas na Escola de Chicago nas primeiras décadas do século XX, que entendia a cidade como um fenômeno social fruto da natureza humana, sendo ela o habitat natural do homem moderno (PARK, 1979; WIRTH, 1979). Com a expansão do universo de pesquisa, “o antropólogo encontra na investigação urbana uma fonte inesgotável de problemáticas híbridas e complexas” (AGIER, 2011, p.35), onde as manifestações urbanas e as populações residentes nas grandes cidades são postas sob a teoria e os métodos de análise da antropologia social.

Como um dos conceitos trabalhados pelos teóricos da Escola de Chicago, o estudo da *região* surge através das “áreas naturais de segregação” (PARK, 1979), onde a cidade se organiza através de áreas delimitadas pela distribuição da população ou atividades urbanas de forma espontânea. Esta distribuição se dá de acordo com as variedades dessas atividades ou com as distinções entre os grupos sociais dentro da cidade.

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão, quer sejam proporcionadas por corridas de cavalos ou pela ópera, devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida citadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. (PARK, 1979, p.64)

Esses espaços de segregação são definidos por Park (1979) como *regiões morais*, que podem ser mais do que apenas zonas de moradia, mas também, locais de passagem, trabalho, pontos de encontro e áreas de lazer dentro da cidade. Para Agier (2011, p.66), “a noção de região é útil no registro das identidades”, já que elas são definidas por esta “organização espontânea”. Entretanto, por se tratarem de regiões definidas por relações humanas, estas fronteiras espaciais e identitárias não são bem delimitadas.

Nos países latino-americanos, em especial no Brasil, algumas dessas ideias são absorvidas, principalmente a questão do individualismo. De acordo com Velho (2005, p.64), no Brasil, a partir de meados da década de 60, há uma “redescoberta” e “releitura” de algumas obras de teóricos da escola de Chicago. Todavia, os cientistas sociais brasileiros substituem muitas das teorias exportadas pela Escola de Chicago, como a da modernização, por questões

mais adequadas para o estudo de suas sociedades, como o desenvolvimento, a marginalidade e a dependência (OLIVEN, 1980, p. 26).

Logo de início, a migração de alguns antropólogos que saíram do ambiente rural e tribal – ainda que essas realidades não tenham perdido a importância, relevância ou presença no campo da antropologia – para uma abordagem urbana expõe uma problemática metodológica, sobretudo na etnografia: existia uma distância cultural significativa entre o antropólogo e as sociedades mais simples, à medida que, imerso na complexidade da sociedade urbana, o antropólogo fazia parte do seu objeto de estudo, ou seja, ele próprio era um indivíduo cidadão, inserido na sociedade a que se propôs a estudar.

Todavia, esse pensamento é logo superado, já que “há distâncias culturais nítidas internas ao meio urbano em que vivemos, permitindo ao ‘nativo’ fazer pesquisas antropológicas com grupos diferentes do seu, embora possam estar basicamente próximos” (VELHO, 1980, P.16). Mesmo que estando inseridos no meio urbano, os grupos abordados pelos antropólogos neste momento, sobretudo no Brasil, contrastavam do pesquisador em diversos aspectos, sejam eles culturais, como sociais, étnicos, raciais ou religiosos.

As diferenças culturais garantiam um distanciamento entre o pesquisador e o grupo que estudava, mas e quando o antropólogo estudava seu próprio grupo, aquele a qual se identificava e compartilhava de semelhanças culturais nítidas? Nesses casos, Velho (1980, p.18) defende que “para realizar seu trabalho [o antropólogo ou o pesquisador] precisa permanentemente manter uma atitude de *estranhamento* diante do que se passa não só à sua volta como com ele mesmo” (VELHO, 1980, p.18). O questionamento da realidade que o envolve, assim como de seus próprios pensamentos e concepções é a chave para a etnografia e a pesquisa antropológica de realidades tão próprias e familiares.

É nesse contexto que Velho (2002) realiza sua pesquisa, intitulada “a utopia urbana”. Este trabalho, considerado clássico no meio da antropologia brasileira, é uma das primeiras pesquisas que abordam as sociedades urbanas no Brasil de uma forma tão próxima à realidade do pesquisador. Velho (2002) realiza um estudo das populações residentes de Copacabana, focando excepcionalmente nos residentes do Edifício Estrela, um edifício que fora residência do próprio pesquisador em um momento anterior. O autor se concentra nos motivos que levavam Copacabana a, no momento, passar por um forte adensamento populacional, configurando-se como foco de desejo dos residentes cariocas, e sobretudo como objeto de *status* e *ascensão social*.

Com a antropologia debruçada sobre os fenômenos urbanos, o individualismo dos sujeitos surge como uma das principais questões investigativas, sobretudo devido a

predisposição individualista que vida urbana parecia resultar, haja vista que há uma tendência para a generalização do modo de vida (AGIER, 2011, p.62). Por mais que a cidade reunisse um grande número de pessoas que conviviam em proximidade e se deslocassem em massas humanas, num primeiro momento, se viu o indivíduo cada vez mais isolado, numa relação paradoxal: quanto mais pessoas reunidas, maior era a tendência do indivíduo se isolar.

Todavia essa concepção é rebatida por Magnani (2002, p.17), já que, de certo modo, ela “desconhece a existência de grupos, redes, sistemas de troca, pontos de encontro, instituições, arranjos, trajetos e muitas outras mediações por meio das quais aquela entidade abstrata do indivíduo participa efetivamente, em seu cotidiano, da cidade”. Essa concepção, segundo o autor, é fruto de uma reflexão que toma distância do indivíduo, o que ele chama de olhar de “fora e de longe”. Por mais que os indivíduos caminhem na cidade ao lado de estranhos que nunca irão conhecer — uma situação impensável de se ocorrer em uma tribo ou pequena vila —, com um olhar de “perto e de dentro” se percebe que esse indivíduo possui uma rede de relacionamentos com outros habitantes, que é responsável pela existência da dinâmica cultural e as formas de sociabilidade no interior da urbe.

A perspectiva de perto e de dentro, [é] capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos (MAGNANI, 2002, p.17)

Esse pensamento adentra e absorve o conceito de *sociabilidade* descrito pelo sociólogo alemão Georg Simmel. A antropologia urbana no Brasil toma este conceito como um dos pilares que sustentam as suas teorias e etnografias, feitas a partir do caráter relacional e os padrões de sociabilidade encontrados no ambiente urbano de nossas cidades. Arvorado nessa teoria, Frúgoli Júnior afirma que

para Simmel, a sociedade existe como um dos modos pelos quais toda a experiência humana pode ser potencialmente organizada, e num sentido concreto, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço; num sentido abstrato, denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede. A sociedade seria, em suma, ‘a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos particulares de associação [...]’ (Simmel apud Frúgoli Júnior, pag. 6)

Os antropólogos tomam os aspectos culturais de grupos sociais complexos inseridos na dinâmica urbana das cidades como objeto de estudo, aplicando-lhes os métodos de pesquisa da antropologia tradicional e através desse procedimento, interpretaram diversos fenômenos urbanos. Pesquisas voltadas para assuntos da vida cotidiana, religiões tradicionais, padrões de

consumo ou de populações marginalizadas foram as responsáveis por colocar a antropologia em evidência (OLIVEN, 1980, p.27).

O estudo dessas populações para a compreensão dos fenômenos urbanos é apontado por Durhan (2004) como uma “antropologia na cidade”. Segundo a autora, no Brasil não houve uma antropologia urbana que procurou entender os fenômenos urbanos através dele próprios, como na Escola de Chicago. A realidade brasileira é o estudo de populações urbanas, tendo a concepção de que “a cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto” (DURHAN, 2004, p.19). Assim como na antropologia tradicional, as pesquisas realizadas no ambiente urbano irão valer-se das ferramentas etnográficas como a observação participante, história de vida e entrevistas dirigidas, relacionando as manifestações culturais com o substrato social e econômico das sociedades estudadas.

Ao comungar da mesma opinião, Magnani (2002, p.25) aponta ao fato de que “a unidade de análise da antropologia urbana seria constituída pelas diferentes práticas e não pela cidade como uma totalidade ou uma forma específica de assentamento”, corroborando, assim, a mesma ideia de *antropologia na cidade*. Neste caso, os objetos de uma pesquisa etnográfica no Bairro do Recife seriam as populações que ali residem, trabalham ou frequentam. Seria uma pesquisa de antropologia *no* Bairro do Recife que forneceria dados sobre processos urbanos *do* bairro.

Aprender todos os processos sociais e antropológicos de uma região, ainda que limitada ao Bairro do Recife, seria uma tarefa difícil e que demandaria um tempo grandioso. A antropologia na cidade fornece o entendimento de aspectos e facetas da vida urbana através de temas, que são assimilados de formas isoladas para compreender aspectos urbanos inerentes à vida social, mas também às características da cidade enquanto espaço, sejam elas urbanas, arquitetônicas, geográficas, históricas, econômicas e outras. No caso desta pesquisa, o tema que norteia a análise etnográfica, é a questão habitacional.

o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. (MAGNANI, 2002, p.17)

Fundamentada no campo da antropologia urbana e inspirada em um método etnográfico, esta pesquisa tem no estudo das populações envolvidas com o espaço estudado uma fonte de informações para a resolução do problema a que se debruça. Nesse sentido, o *olhar de perto e de dentro* se mostra como uma estratégia de análise que investe nos dois lados do espaço: o humano, através dos atores sociais, dos grupos e das práticas, além do aspecto da paisagem que

estes se inserem, haja vista que esta é “entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise” (MAGNANI, 2002, p.18).

Através desta apreensão e destas bases teórico-metodológicas, se chegou aos procedimentos de pesquisa que auxiliaram na execução do objetivo geral desta pesquisa. O método etnográfico inspirado pelo *olhar de perto e de dentro* auxiliou na escolha da *observação caminhante* e das *entrevistas*, assim como as necessidades específicas de entender como os edifícios do Bairro do Recife funcionam e como as pessoas se comportam e sociabilizam nas suas ruas levaram ao desenvolvimento de uma pesquisa de campo em múltiplas etapas e técnicas de pesquisa, que estão descritas a seguir.

3.2 DESCRIÇÃO DO RECORTE ESPACIAL E DOS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Logo nas primeiras visitas de reconhecimento, bem como, através do estudo histórico e morfológico do Bairro do Recife, foi possível notar que ele não possui um traçado urbano homogêneo. Em seu interior é possível notar diversos padrões de ocupação, bem como uma série de camadas históricas traduzidas na arquitetura, na tipologia e no uso. Esses padrões dominam em certas áreas, criando assim diferentes regiões com características próprias e às vezes únicas.

Considera-se aqui o Bairro do Recife como toda a ilha na confluência das principais bacias que banham o Recife antes de seu desague no Oceano Atlântico, foi necessário delimitar um recorte espacial que privilegiasse o entendimento do tema abordado neste trabalho, que é a habitação. Desta forma, regiões onde não havia uma interação significativa entre pessoas ou uma ligação direta com as dinâmicas urbanas que seriam observadas foram excluídas do recorte. Esta exclusão ficou pautada, principalmente, pela região onde ainda funciona o Porto do Recife.

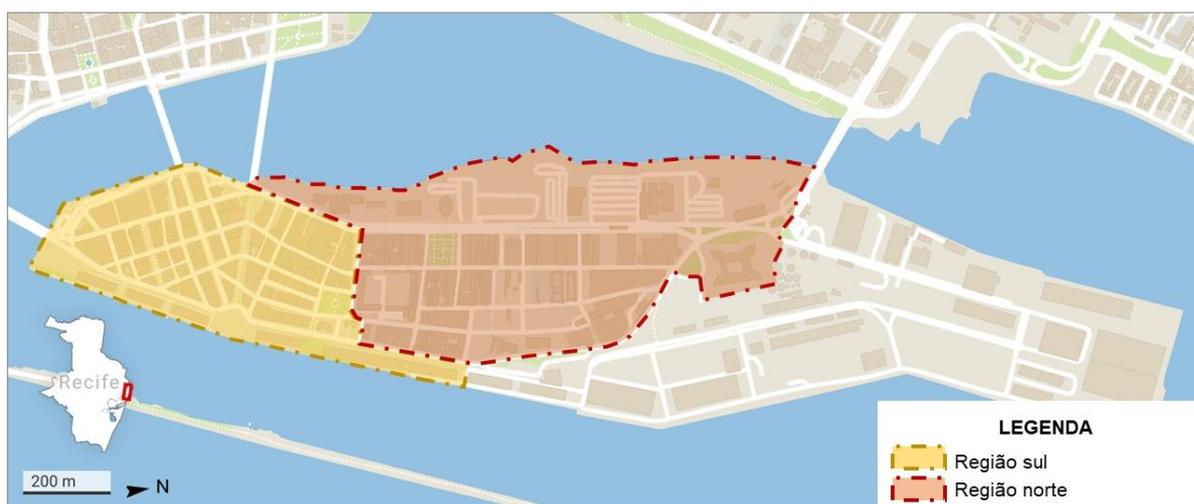
As regiões ao norte da Avenida Militar, que constituem o Porto do Recife, o Corpo de Bombeiros, uma indústria química, um posto de gasolina e um estacionamento para caminhões, foram excluídas do recorte espacial da pesquisa de campo. Através da experiência das visitas *in loco*, é clara a desconexão desta região com o restante do bairro, principalmente porque a Avenida Militar se configura como um limite de secessão, que é potencializado pelas barreiras físicas, compostas por um gradeado, que isolam o porto do restante do bairro. Abriu-se uma exceção para o Forte do Brum, que mesmo estando ao norte da Avenida Militar, entrou no recorte por ser um elemento, que, junto com a Estação do Limoeiro e a Igreja do Pilar, compõe um segundo polo de interesse turístico no bairro, mesmo que pouco explorado.

A mesma ação de exclusão do recorte foi cogitada em relação ao aterro do Cais do Apolo, tendo em vista que a Avenida Cais do Apolo tem uma função similar à Avenida Militar na questão de limitar o espaço. Todavia, os serviços institucionais ali instalados têm forte ligação com a área de pesquisa, pois o número relevante de servidores toma o Bairro do Recife como um espaço de lazer ou convívio em suas horas livres de trabalho.

Da mesma forma, apesar de ter uma configuração tipológica similar à do porto, a área mais ao leste do bairro, composta pelos galpões do Cais do Porto, permaneceu no recorte espacial. Note-se que apenas permanece a região composta pelos galpões que foram reabilitados ou convertidos em equipamentos urbanos e espaços de usos similares com os usos existentes na região sul do bairro, voltadas ao turismo, serviços e lazer. Os galpões de uso portuário, incluindo-se aqui também o Terminal Marítimo de Passageiros, ficam à margem do recorte e não são abordados nas pesquisas de campo.

O recorte espacial fica restrito às áreas mais ao sul e centrais da ilha que compreende o Bairro do Recife. Ele é composto por toda área à sul da Avenida Militar, mais o Forte do Brum e a Praça da Comunidade Luso-brasileira em suas imediações, além de todo o aterro do Cais do Apolo e a área dos galpões do Cais do Porto à leste do Bairro, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1– Recorte da pesquisa de campo



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Optou-se por dividir a área de estudo em duas regiões: região norte e região sul. Para tanto, as áreas deveriam ser separadas de acordo com suas peculiaridades e características próprias de modo a garantir análises coesas e pouco fragmentadas no espaço. Essa divisão foi importante sobretudo para a execução dos trajetos realizados durante a segunda fase da pesquisa

de campo, marcada pela observação etnográfica, onde cada área foi contemplada com um trajeto.

A região sul agrupa grande parte da área conhecida popularmente como Recife Antigo, que apresenta o número mais elevado de edifícios antigos que, na maioria das vezes, se encontram em boas condições de conservação, mas que sobretudo se configuram numa unidade paisagística ligada não só à arquitetura eclética, mas também colonial e neoclássica. Esta região também abarca a área dos galpões do Cais do Porto que têm funções ligada as ali dominantes.

Já a região norte, reúne todo o aterro do Cais do Apolo, bem como os arredores do Forte do Brum e da Comunidade do Pilar. Também estão inseridas nessa área, boa parte das quadras na margem leste da Avenida Cais do Apolo, que outrora eram constituídas por galpões portuários, antes do cais ser aterrado. Do mesmo modo, as grandes quadras no centro do recorte, que se configuram como uma zona de transição entre as duas regiões, foram incorporadas à região norte, já que, além das características morfológicas, o espaço público apresenta similaridades com outras áreas dessa região.

Com o recorte espacial delimitado, a pesquisa de campo teve duas etapas: a primeira foi caracterizada pela circulação livre por todas as ruas inseridas no recorte da pesquisa para a identificação dos usos no bairro; a segunda foi caracterizada pela circulação orientada através de trajetos pré-determinados, que conduziram o pesquisador por ruas estratégicas na intenção de perceber as relações de sociabilidade e a dinâmica cultural existente no bairro, sobretudo no ambiente da rua.

3.2.1 Pesquisa de Levantamento do Uso do Solo

Voltada para a identificação dos usos instalados nos lotes do Bairro do Recife, a primeira parte da pesquisa de campo se caracterizou pela passagem por todas as ruas, de forma a identificar como os edifícios inseridos no recorte espacial estavam funcionando. Esta etapa foi realizada no mês de julho de 2019, onde o pesquisador percorreu todas as ruas e identificou o uso de todos os lotes no interior do recorte com a ajuda de uma ficha de registro. Cabe apontar aqui que as residências e demais construções informais instaladas no espaço público no entorno da Comunidade do Pilar não foram contabilizadas neste levantamento, entretanto, tomou-se o cuidado de representa-las espacialmente no mapa de uso do solo apresentado no capítulo 4.

A ficha (Figura 2) consistia em uma lista de células com informações a serem preenchidas a respeito de cada lote. A primeira informação colhida era o endereço do lote, através do preenchimento das células referentes ao logradouro e no número do lote; em seguida

eram listados a quantidade de pavimentos que a edificação no lote possuía; a partir disso, eram assinalados os usos que estavam hospedados em cada um dos pavimentos; e, por fim, havia um espaço para que fossem feitas anotações, que era normalmente utilizado para descrever o estabelecimento que funcionava naquele lote.

Figura 2 – Recorte da Ficha de registro dos lotes no Bairro do Recife

LOGRADOURO	Nº	PAV.	RES.	SER.	C. V.	C. A.	INS.	ARM.	IND.	GAR.	S.U.	OBS.	
Av. Marquês de Olinda	174	1		X								Café	
		2		X								auditório	
		3		X									co-work
		4		X									co-work
11	175	1		X								Empresa de Seguros	
		2		X									
		3		X									
		4		X									

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

A lista de usos adotados nesta pesquisa consistiu em: residencial, serviços, comércio varejista, comércio atacadista, institucional, armazenagem, industrial, estacionamento e, finalmente, havia um espaço a ser assinalado caso o lote ou o pavimento não possuísse uso. Em caso de lotes não edificadas, ou vazios urbanos, a opção sem uso era assinalada e essa informação era anotada nas observações. Tentou-se ao máximo apreender todas as informações e detalhes de como as edificações estavam sendo utilizadas, sobretudo anotando suas peculiaridades e informações básicas nas observações.

Como uso residencial, foram listadas as edificações que possuíam residentes que utilizam o espaço como local de moradia. Foram excluídos desta categoria os espaços de hospedagem, representados pelos albergues presentes no bairro, que mesmo apresentando algum funcionário que durma ou viva a maior parte do tempo no local, foram alocados para o uso de serviços.

Como uso de serviços, foram listados os estabelecimentos que de alguma forma prestam serviços especializados ou sediam empresas que fazem o mesmo. Empresas de tecnologia, escritórios de profissionais liberais, agências bancárias, casa lotéricas, salões de beleza, restaurantes, bares, boates, imobiliárias e postos de gasolina entraram nesta categoria.

O uso de comércio foi dividido em duas categorias: comércio varejista e comércio atacadista. O primeiro se caracteriza por estabelecimentos de venda de produtos em pequenas

quantidades, enquanto o segundo se caracterizou como espaços de venda de produtos em grande escala. Ao comércio atacadista, estavam geralmente ligados espaços de armazenagem que, em conjunto, foram entendidos como sendo da mesma categoria, visto que o estoque é parte fundamental no funcionamento do setor atacadista.

O uso institucional se caracterizou pelos estabelecimentos e espaços de caráter público, ou não, ligados aos serviços de saúde, educação, cultura, esporte e lazer, uso religioso, assistência social, segurança e a administração e os serviços públicos. Museus, escolas, igrejas, órgãos públicos e mais uma série de tipos de estabelecimentos ligados às funções listadas foram inseridos na categoria de uso institucional.

O uso de armazenagem foi compreendido como os espaços de estoque, depósito e retenção de mercadorias e objetos. Entretanto, essa categoria era aplicada apenas aos lotes que possuíam ela como única expressão de uso. A área destinada aos estoques de lojas, bares, restaurantes e do comércio atacadistas foram incorporados ao uso principal que esses estabelecimentos possuíam.

O uso industrial está representado pelas edificações que possuem alguma produção de manufatura ou produção em escala de produtos comercializáveis abrigados no interior de alguns lotes do bairro.

Foi criada uma categoria para o uso de estacionamento, representado pelos lotes que eram utilizados exclusivamente como espaços para guarda e garagem de veículos. Estão aqui listados não só os edifícios garagem, como também os lotes não edificadas que atendem essa função. Assim como ocorreu com o uso de armazenagem, os espaços que apresentam usos como o institucional, serviços ou residencial, e que destinam espaços à garagem, não tiveram o uso de estacionamento contabilizados na equação final de uso por área total, já que esses espaços se configuram como sendo de uso exclusivo da edificação, não tendo caráter comercial, como muitos dos edifícios garagem presentes no bairro.

Por fim, as edificações sem uso eram aquelas que não passavam por nenhuma dinâmica usual, não possuindo função aparente. Aqui, foram classificadas as edificações desocupadas, caracterizadas por aquelas sem uso algum e permanentemente fechadas, porém que em algum momento abrigaram algum uso; as edificações abandonadas, que funcionam de forma semelhante às edificações desocupadas, entretanto, assim como não apresentam uso, se encontram em situação de degradação física e arruinamento, haja vista que os proprietários se mostram alheios ao processo de desgaste da edificação pelos agentes naturais, e que, aparentemente, se encontram nesse estado há muito tempo; os lotes não edificadas desprovidos de uso, compostos em sua maioria por lotes recém demolidos, alguns formando quadras inteiras

não edificadas, sobre os quais nenhum uso exerce atividade; os edifícios fechados e que aguardavam serem alugados ou vendidos, bem como aqueles que se encontravam em obras, tendo a ação dos construtores como sua única expressão de uso. Optou-se por inserir os edifícios em obras na categoria dos sem uso, visto que, durante a pesquisa, foram notadas edificações que teriam acabado de sofrer processos de reforma ou restauro, mas ainda se encontravam sem uso. Desta forma, estar em reforma não se configura uma garantia de que quando as obras cheguem ao fim, os edifícios receberiam alguma função usual.

A opção de listar o uso por pavimento se deu diante da constatação de que alguns lotes possuíam uso no andar térreo, mas não possuíam uso nos andares superiores, ou vice-versa. Deste modo, além de apreender os usos existentes por lote, também foi possível identificar quais usos predominam ou se o espaço sem uso se sobressaía ao espaço que possui uso no lote. Para isso, optou-se por identificar os usos através da área total do lote, ou seja, qual a predominância de uso de acordo com a área que lhe é disponibilizada.

Área total é entendida neste trabalho como a soma de todas as áreas da edificação, sejam elas construídas ou não, levando-se em consideração a questão da área dos pavimentos superiores da edificação, bem como a área não edificada presente no térreo do lote. Para se chegar à área total de cada lote, utilizou-se da unibase da cidade do Recife, bem como ferramentas como o Google Earth, que proporcionaram um dado aproximado, que forneceu a área total em cada lote.

A área destinada a cada uso no interior do lote foi contabilizada, levando-se em consideração a possível existência de múltiplos usos no mesmo lote, assim, pôde-se chegar à um percentual de uso do solo no recorte espacial. Através dos dados percentuais de área utilizada para cada uma das categorias de uso adotadas nesse trabalho, pôde-se, então, perceber como o solo está sendo usado, quais usos predominam e quais são escassos. A partir desses dados, foi possível confeccionar mapas e entender como esses usos estão espacializados no bairro, conforme exposto no capítulo 4.

3.2.2 Observação Caminhante e Mapa Afetivo

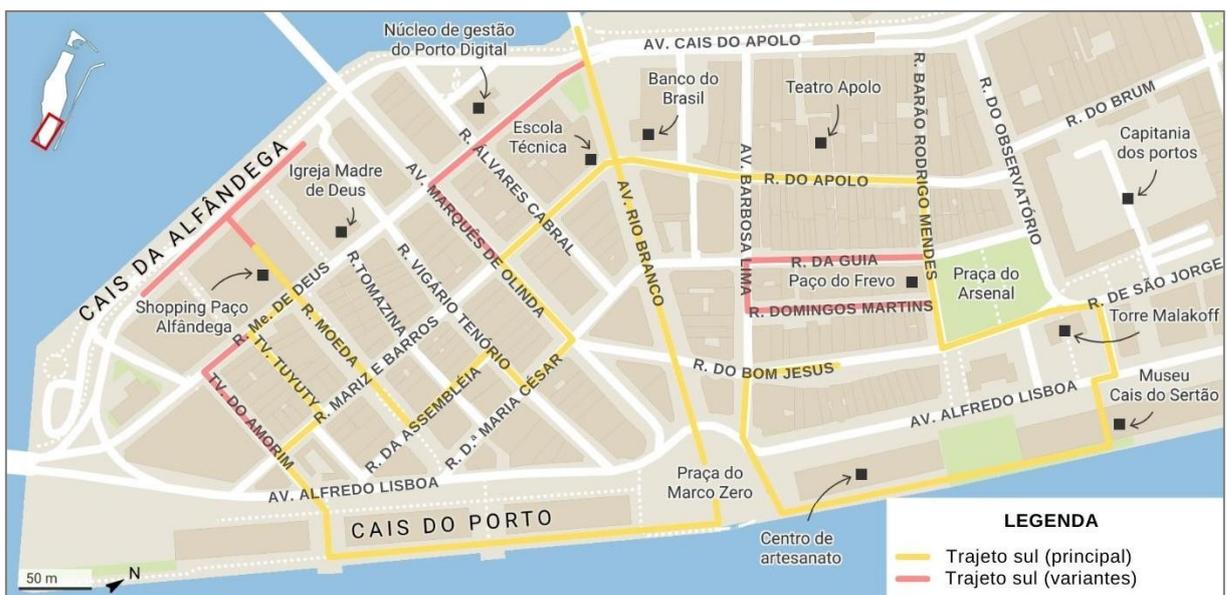
A segunda parte da pesquisa de campo entra pelo viés etnográfico deste trabalho. Neste momento, a observação é a ferramenta de apreensão dos fenômenos que ocorrem no bairro do Recife, e é feita através do caminhar pelo bairro por trajetos predeterminados e estratégicos. A observação figura como uma das mais clássicas ferramentas de pesquisa utilizadas pela etnografia, seja ela participante ou não. Entretanto, é notável a percepção de Frugoli Jr. (2013).

p.187) de que há uma “ilusão de iniciante de que a gente está invisível quando faz trabalho de campo”. Essa percepção vem do fato de que, por mais que se evite interações com os atores, é impossível não ser notado e, de certa forma, participar do fenômeno.

A observação entra como algo que, por mais que se tente passar despercebido, pode interferir no comportamento e na sociabilidade da população que se estuda. Fundamentado nessa percepção, a observação realizada nessa segunda fase da pesquisa assumiu um caráter caminhante direcionado pelos trajetos. Dois trajetos foram delimitados (ver Figuras 3 e 4), para tanto, a subdivisão do recorte espacial foi fundamental. As duas regiões do recorte, norte e sul, foram contempladas com um trajeto cada. Os trajetos não abarcaram todas as ruas, mas o fato de terem sido delimitados somente após a primeira fase da pesquisa de campo, possibilitou a execução de trajetos estratégicos, que passassem pelas microrregiões no interior do recorte espacial, percebidas e pré-analisadas durante o primeiro contato com o bairro.

Ao começar pelo trajeto da região sul (Figura 3), este se iniciava pela Ponte Buarque de Macêdo. Esta ponte era o local de entrada do pesquisador no bairro, e se tornou o ponto inicial de ambos os trajetos. O trajeto sul seguia pela Avenida Rio Branco até a Praça Rio Branco, ou Praça do Marco Zero, dali, seguia pela margem do Rio Capibaribe, pelo Cais do Porto, até o penúltimo galpão à sul, a Avenida Alfredo de Lisboa era então cruzada na altura da Travessa do Amorim, em seguida, dobrava-se na Rua Mariz e Barros e logo depois na Travessa Tuyuty, em alguns casos, optava-se por seguir a Travessa do Amorim até a Rua Madre de Deus.

Figura 3 – Trajeto sul da pesquisa de campo



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

O trajeto seguia, então, pela Rua Madre de Deus até o Shopping Paço Alfândega, adentrava no Shopping e circulava rapidamente por seu interior, algumas vezes saía pelo acesso do shopping para a Rua do Cais da Alfândega, circulava pelo cais e retorna pelo shopping e ia até a Rua da Moeda. A Rua da Moeda era seguida até a altura da Rua da Assembleia, que era tomada até dobrar na Rua Vigário Tenório e em seguida na Rua Dona Maria César até chegar na Avenida Marquês de Olinda. O trajeto seguia esta avenida até a Rua Mariz e Barros, que era percorrida até a Avenida Rio Branco ser atravessada e chegar à Rua do Apolo, algumas vezes a Avenida Marquês de Olinda era seguida até a Rua Madre de Deus, que era tomada até se chegar à Avenida Rio Branco, que era percorrida por um trecho até tomar a Rua do Apolo.

A Rua do Apolo era percorrida até a Rua Barão Rodrigues Mendes, que dá acesso à Praça do Arsenal, as Ruas da Guia e Domingos José Martins eram observadas da praça e às vezes eram incorporadas ao trajeto, que seguia pela Rua da Guia até a Avenida Barbosa Lima e retornava para Praça do Arsenal pela Rua Domingos José Martins. Da Praça do Arsenal, haviam duas opções a se seguir, a primeira era descer a Rua do Bom Jesus até a Avenida Barbosa Lima, depois seguir até a Praça do Marco Zero e caminhar pelo Cais do Porto até o Museu do Cais do Sertão, do museu, se optava por voltar à Praça do Arsenal, ou ali permanecer para fazer as anotações do que foi apreendido. A outra opção, partindo da Praça do Arsenal, consistia em seguir pela Torre Malakoff até atravessar a Avenida Alfredo de Lisboa e ia para o Cais do Sertão, o trajeto então seguia o cais até a Praça do Marco Zero e retornava pela Avenida Barbosa e Lima para a Rua do Bom Jesus, onde as anotações eram feitas.

Como pôde-se notar, o trajeto não era fixo e inflexível, a depender do horário, ou de eventos excepcionais, o trajeto era modificado e novos trechos eram visitados. Ruas como Vigário Tenório, Tomazina, Alvares Cabral e do Observatório, eram incorporadas ou visitadas como uma breve fuga do trajeto. O trajeto serviu como um guia que dava direção e continuidade para todo o processo de observação.

Figura 4 – Trajeto norte da pesquisa de campo



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Assim como o trajeto sul, o Trajeto Norte (Figura 4) se iniciava na Ponte Buarque de Macêdo. Da Ponte, o trajeto seguia pela Avenida Cais do Apolo até a Praça Tiradentes, em algumas vezes, optou-se por pegar a Rua do Observatório e se seguia até a Praça pela Rua do Brum. Da Praça, o trajeto seguia pela Rua do Brum até a Comunidade do Pilar, entrava na Rua Primavera e continuava pela Rua do Pilar. Logo, seguia pela Rua de São Jorge até a Rua do Moinho, que dava acesso à Avenida Alfredo de Lisboa. Algumas vezes, o trajeto seguia até mais ao sul da Rua de São Jorge, ia até a Travessa Tiradentes, e daí, acessava a Avenida Alfredo de Lisboa. O trajeto seguia a Alfredo de Lisboa e depois a Avenida Militar, por fim, seguia pela Avenida do Cais do Apolo até o retorno à ponte, de onde era escolhido um local na parte sul para se fazer as anotações, geralmente o Shopping Paço Alfândega ou a Praça do Arsenal.

Entretanto, no decorrer da pesquisa, esse trajeto deve que ser alterado. Iniciaram-se obras em uma das quadras da Comunidade do Pilar, enquanto outras foram cercadas, deste modo, a Rua de São Jorge foi obstruída, o que forçou a mudança do trajeto na altura da Rua do Pilar. Após ter seguido a Rua Primavera, o trajeto ia pela Rua do Pilar até o conjunto de ocupações precárias no entorno da Igreja do Pilar, seguia até a obstrução na Rua de São Jorge e então retornava pelo mesmo caminho até a Rua Primavera, dali, o trajeto seguia sentido sul pela Rua Bernardo Vieira de Melo, até a Rua do Ocidente, que dava acesso à Rua de São Jorge, ou então seguia ainda mais à sul, até a rua do Moinho, que levava até a Avenida Alfredo de Lisboa, de onde o trajeto seguia como de costume.

Assim como o trajeto sul, este também possuía flexibilidade a depender de como o espaço era apreendido pelo pesquisador. Muitas vezes o trajeto foi alterado e algumas vezes

encurtado, principalmente por motivos de segurança. Por ser uma área mais vazia, a parte mais ao norte da Avenida Militar e do Cais do Apolo eram excluídas do trajeto, principalmente em horários noturnos. Claro que algumas vezes o trajeto foi realizado integralmente no período noturno, para isso foi necessário assumir riscos, mas foram riscos que permitiram enriquecer o resultado final da análise.

A observação caminhante através dos trajetos foi feita entre os últimos dias de agosto e os primeiros dias de novembro de 2019, um pouco mais de dois meses onde, nos turnos da manhã, tarde e noite, os trajetos foram realizados diversas vezes, em horários diferentes e com frequências variadas. Foi estabelecido que os dois trajetos deveriam ser realizados todos os dias da semana, nos três turnos adotados e na maior quantidade de vezes que fosse possível, não de forma consecutiva. Ou seja, podia-se variar os dias da semana para cada trajeto, desde que cada um fosse realizado numa segunda-feira, numa terça-feira e assim por diante. Da mesma forma isso deveria ser feito em relação aos turnos: manhã, tarde e noite. Para garantir que todos os trajetos fossem realizados em todos os dias da semana e turnos, o diário de campo possuía uma tabela para cada percurso com colunas para os dias da semana e linhas para os turnos, cujas células eram assinaladas assim que o trajeto correspondente àquele dia e turno fosse realizado.

Ao fim da segunda fase da pesquisa de campo e de todo o processo de observação caminhante, o pesquisador teve como resultado um diário de campo com todas as apreensões, anotações, comentários e percepções sobre a sociabilidade no Bairro do Recife, bem como a forma como que ele é utilizado, como seus habitantes se comportam na rua e como e em que momentos seus frequentadores desfrutam de seu espaço público. A compreensão da pluralidade de espaços e de sociabilidades, bem como os sentimentos que eram evocados em cada uma das microrregiões do bairro estão registrados no diário de campo e foram convertidos em um mapa afetivo exposto no capítulo 5.

Ao se adotar como inspiração o método de confecção de mapas afetivos e o entendimento do espaço fornecido por eles feito por Bomfim (2008), ao fim da segunda fase da pesquisa de campo, também se obteve um mapa afetivo do Bairro do Recife como produto. Bomfim (2008, p.253) apresenta uma metodologia de apreensão dos afetos através de mapas afetivos, e busca uma “compreensão psicossocial e sociocultural na relação entre subjetividade e espaço construído, enfatizando o afeto como grande agregador da percepção e do conhecimento sobre a cidade”. Entretanto, a apreensão do afeto em relação à cidade corresponde ao de atores sociais que se submeteram à metodologia.

Apreender a cidade através de desenhos e metáforas criadas pela população estudada, levou Bomfim (2008) a submeter os participantes à uma série de procedimentos como a

confeção e explicação através de palavras ou desenhos da cidade feitos pelo próprio participante da pesquisa, bem como, a descrição de sentimentos e pensamentos sobre a cidade, além da redução do arcabouço sentimental em palavras síntese. Diferente da metodologia aplicada por Bomfim (2008), nesta pesquisa, os mapas afetivos não serão gerados através das percepções de populações estudadas, mas sim da percepção assimilada pelo pesquisador sobre o Bairro do Recife. Desta forma, o mapa afetivo se configura como uma síntese de todo o processo de observação realizado nos trajetos da segunda fase da pesquisa de campo.

Através de palavras síntese, que evocam os sentimentos e afetos vivenciados em cada parte da área estudada, o Bairro do Recife foi mapeado de acordo com a afetividade sentida pelo pesquisador ao transitar por suas ruas em todos os dias da semana e nos mais variados horários. Palavras síntese foram associadas à determinados trechos do bairro, variando entre solidão, tristeza, intrusão e admiração, felicidade e acolhimento, além de mais uma série de sentimentos traduzidos em uma única palavra ou termos curtos. Desta forma, o conteúdo do diário de campo pôde ser traduzido em um elemento visual, que espacializa o bairro de acordo com as apreensões afetivas do pesquisador.

A observação caminhante se mostrou efetiva na apreensão das dinâmicas sociais, de uso, de sociabilidade e de comportamento. Foi possível compreender o bairro enquanto uma série de fragmentos associados uns aos outros ou apartados por espaços ociosos ou incompatibilidades. Entretanto, para complementar a análise etnográfica do Bairro do Recife, foi necessário realizar entrevista com um grupo específico de atores que ajudariam na resposta à questão enraizada no cerne desta pesquisa.

3.2.3 – Entrevistas

A necessidade de se realizar entrevistas com atores sociais inseridos dentro dos grupos observados na pesquisa de campo se mostrou indispensável para complementar a pesquisa etnográfica. A observação forneceu uma série de dados e percepções, ampliou o entendimento do bairro e os motivos pelos quais a questão habitacional enfrenta dificuldades em algumas de suas regiões. As etnografias realizadas por Frúgoli Júnior (1995, 2000) sobre a região central de São Paulo foram importantes fontes para a realização deste trabalho e compreensão do processo etnográfico. Sobre a relação entre a observação e a entrevista, o autor se expressa da seguinte maneira em uma entrevista:

“É mais comum que eu tente articular a observação com, eventualmente, a entrevista. Quase que dá para dizer que hoje a entrevista ocupa um lugar cada vez menor. Não que ela não deva existir, mas ela só deve acontecer depois de você ter amadurecido outras questões ligadas à observação.” (FRÚGOLI JUNIOR, 2013, p. 191)

Apesar de muito ter sido assimilado e muitas perguntas respondidas através da observação, as entrevistas se mostraram como um contraponto dos resultados proporcionados pela observação, além de fornecerem dados e informações que não seriam possíveis de se ter somente com a observação. As entrevistas deram um caráter de aproximação maior da pesquisa com o objeto, acentuando o *olhar de dentro e de perto* que levou à escolha da etnografia como método de pesquisa deste trabalho.

As entrevistas se concentraram no grupo caracterizado por pessoas que trabalham no Bairro do Recife, mas não residem lá. Como a proposta deste trabalho é entender o motivo de o bairro não ser visto como local de moradia, a população abordada é aquela que teria mais motivos de tomar uma residência no bairro, considerando que a proximidade do emprego é um fator de alta relevância na escolha do local de moradia na contemporaneidade.

Ao todo, nove⁴ pessoas foram entrevistadas, e houve a preocupação em se ter uma pluralidade de amostras, adotando uma variedade de áreas de atuação e funções exercidas pelos entrevistados, bem como de gênero, idade e locais atuais de residência. Não se deixou de atentar à composição familiar dos entrevistados e a capacidade que eles detêm de tomar escolhas sobre seu deslocamento habitacional no interior da cidade, excluindo-se, assim, os menores de idade que tendem a ter um maior grau de dependência na escolha do seu local de moradia.

As entrevistas foram realizadas por telefone no mês de abril de 2020. Realizar as entrevistas por telefone foi a saída encontrada diante do momento de isolamento social que o país se encontrava em decorrência da pandemia de COVID-19. Entretanto, percebeu-se que as informações colhidas tiveram uma qualidade satisfatória, bem como se mostraram fundamentais para a análise e os resultados da pesquisa apresentados no capítulo 5.

As entrevistas eram abertas e norteadas através de um roteiro de perguntas que deveriam levar o entrevistado a comentar sobre os temas abordados nessa dissertação, da mesma forma que passar a sua visão sobre o bairro, especialmente no que tange ao caráter habitacional. Os entrevistados iniciavam a entrevista sabendo apenas que se tratava sobre o Bairro do Recife,

⁴ O cálculo amostral foi feito com base no número de vínculos empregatícios ativos no Bairro do Recife que é de 42.911 de acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério da Economia realizada no ano de 2017 (apud CALHEIROS, 2019, p.11). O cálculo amostral foi realizado através da calculadora amostral disponível em <<https://comentto.com/calculadora-amostral/>>, relacionando a população de 42.911 trabalhadores com o erro amostral de 23%, o nível de confiança de 90% e a distribuição da população mais homogênea (80/20), chegando-se assim à amostra mínima de 9 pessoas.

aspectos específicos foram ocultados para garantir que eles não se armassem de preconceitos ou fossem influenciados por terceiros. As perguntas que nortearam as entrevistas foram:

- Onde mora atualmente (que tipo de residência)?
- Qual sua opinião sobre o Bairro do Recife?
- Você moraria no Bairro do Recife? Por que?
- O que o atrai no bairro, tem algo que gosta?

A entrevista iniciava-se com a coleta de informações pessoais, como nome, idade, profissão e local de trabalho, o tipo de residência que habitava e se era de caráter próprio, aluguel ou outros. Em seguida, o entrevistado era questionado sobre sua visão sobre o Bairro do Recife, a pergunta era feita de forma bem aberta, não direcionando o entrevistado para nenhum tema específico. A partir das perguntas feitas nesse sentido, foi possível captar a primeira imagem que os entrevistados têm do bairro, os temas que lhes vinham à mente primeiro, bem como aspectos que eles julgavam mais importantes e familiares em relação ao bairro.

Os entrevistados logo eram questionados sobre pontos positivos e negativos que o bairro lhes apresentava e logo depois era questionado se eles se utilizavam do bairro e se costumavam frequentá-lo fora do horário de trabalho. Essas questões possibilitaram entender como estes atores se relacionavam com o bairro e o nível de proximidade e apropriação que eles têm com a área estudada. Da mesma forma, foi possível identificar quais frequentavam o bairro apenas à trabalho e quais tinham um segundo tipo de vínculo, que possivelmente tornasse o bairro mais atrativo à habitação.

Após feitas essas perguntas, os entrevistados eram surpreendidos com a pergunta chave da pesquisa: “Você moraria no Bairro do Recife?”. Após momentos de silêncio, pausa para pensar ou trocas entre o “sim” e o “não”, muitos entrevistados se mostraram surpresos diante do tema da entrevista, o que por si só já forneceu um dado importante sobre a imagem como local de moradia que o bairro tem. Neste momento os entrevistados justificavam suas respostas e a entrevista seguia com perguntas livres feitas diante das respostas dadas, a fim de aprofundar a opinião do entrevistado ou estimular que sua opinião fosse dada integralmente.

As entrevistas tiveram tempos variados que foram de cerca de sete a dezesseis minutos, a depender do grau de ligação que o entrevistado tinha com o bairro e a resposta que ele dava sobre morar ou não. Apesar da observação ter fornecido um entendimento profundo do Bairro do Recife, as entrevistas se mostraram fundamentais para que se chegasse ao cerne do questionamento desta dissertação, sobretudo aos aspectos subjetivos e objetivos que levam o indivíduo a tomar a área estudada como um espaço a ser habitado ou um espaço que se mostra incompatível com o uso habitacional.

4 OS MORADORES DE ONTEM: UM HISTÓRICO RECENTE DA HABITAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE

Assim como em muitas cidades, o processo de urbanização e expansão urbana pelo qual a cidade do Recife passou a partir do último século, reconfigurou sua espacialidade, bem como a distribuição populacional sobre a malha urbana. Inserido nessas transformações, o centro histórico, e em especial o Bairro do Recife, passou por um processo radical de mudanças, sobretudo quanto ao caráter habitacional e social.

Este capítulo, que trata do bairro e dos moradores de outrora, reconstitui os processos urbanos que transformaram o Bairro do Recife a partir da reforma de 1910/13. Aborda, desde a perda populacional no pós-reforma, até a descrição das mudanças advindas da descentralização da cidade e posteriormente do resgate do bairro no contexto histórico e econômico. A intenção é compreender melhor o bairro e buscar nos processos passados e nos que ainda se desenrolam, vestígios que possam dar base para as considerações feitas no final deste trabalho, bem como responder a questões como: quem morou no bairro? E por que os índices populacionais decaíram tanto no decorrer do século passado?

4.1 A RENOVAÇÃO DA CIDADE COLONIAL: A REFORMA DE URBANA DO BAIRRO DO RECIFE DE 1910/13

A cidade do Recife passa a ter importância apenas com a ocupação holandesa em Pernambuco. Embrionado em um porto que servia a cidade de Olinda, o Bairro do Recife foi o ponto inicial da expansão urbana da cidade, que no período flamenco foi ampliada com os planos da *Mauritsstad* do conde de Nassau, na ilha vizinha de Antônio Vaz. O Bairro do Recife sempre teve vocação portuária e esteve envolto por uma aura ligada ao exterior, ao comércio de exportação e todas as características dadas aos bairros portuários, inclusive a prostituição e a disseminação de doenças por questões de saneamento durante o período colonial, levando Freyre (1936, p.166) a definir Recife como “primeira cidade verdadeiramente urbana que teve o Brasil”.

Nas décadas finais do século XIX, com o estabelecimento das elites açucareiras em regiões mais interioranas do território ou na ilha de Antônio Vaz, o Bairro do Recife passa a apresentar parte de seus residentes aglomerados em cortiços construídos em sobrados estreitos e altos. Também neste período, diversos aterros foram realizados na ponta da península em que

o bairro se encontrava, sendo assim edificadas novas vias, como a Rua do Apolo no início do século XIX e o Cais do Apolo, no final deste mesmo século.

No final do século XIX e início do Século XX, o Bairro do Recife era um espaço de alta densidade populacional, com habitantes convivendo com um porto pouco adaptado aos padrões mercantis da época e com uma gama de serviços públicos e financeiros, bem como uma variedade comercial. Este adensamento e a pluralidade de usos, sem a exclusão de habitantes, no Bairro do Recife “explica-se por ser uma área caracteristicamente ocupada por sobrados, nos quais, o pavimento térreo era, geralmente, liberado às atividades comerciais, deixando aos outros andares o uso residencial” (LUBAMBO, 1991, p.96).

Neste momento, as atividades portuárias tomam quase todas as faces da ilha, de acordo com Alfredo de Lisboa (1887, apud LUBAMBO, 1991, p.93-94) no bairro do Recife concentrava-se o comércio açucareiro, estando na parte sul a alfândega e os trapiches alfandegados, na parte leste se instalavam a Companhia Pernambucana de Navegação e os armazéns da marinha; ao norte, o cais existente não servia ao comércio de exportação, mas o Cais do Apolo, na margem oeste da Ilha, abrigava uma série de armazéns para o depósito de açúcar e outros bens importados. Alfredo de Lisboa ainda aponta para a expansão do porto que vinha ocorrendo no Bairro de Santo Antônio, estando concentrados ali o comércio exportador de algodão.

A descrição do ordenamento econômico relacionado ao porto relatado por Lisboa, faz com que Lubambo (1991, p.94-95) chegue à conclusão de que o bairro portuário concentrava o centro comercial e financeiro não só da cidade, mas de toda a região. Desta forma, sendo possível afirmar que “os edifícios públicos e privados, as casas, os armazéns e os terrenos desta parte da cidade detinham um valor de tal sorte elevado que uma propriedade, por pequena que fosse, neste local constituiria um patrimônio para quem a possuísse”.

O valor elevado da terra é justamente um dos motivos para que os habitantes, em grande parte de estratos sociais baixos, se concentrassem em cortiços e em quartos de aluguel, ou habitassem a região conhecida como fora de portas, mais ao norte, uma ocupação antiga marcada pela presença do mocambo.

A necessidade de expansão e modernização portuária são atendidas em 1907 com “Plano Geral de Melhoramento do Porto do Recife”, após quase um século de tentativas e apresentação de projetos. Além das obras portuária, a cidade do Recife havia encomendado o “Plano de Esgotamento Sanitário do Recife”, que estava inserido no movimento de transformação social pautado na modernização, limpeza e o embelezamento das cidades que tomava conta do país (LUBAMBO, 1991, p.79). Esses dois projetos foram fundamentais para a tomada de decisões

que levaram o Bairro do Recife a sofrer uma grande reforma de ordem urbana que teve reflexos de ordens sociais e econômicas, que talvez durem até hoje.

A mudança do traçado urbano do Bairro do Recife foi necessária para apagar a imagem de cidade colonial que ainda prevalecia no início do século XX. O bairro era composto por uma diversidade de ruelas e becos pouco iluminados já que eram ladeados por algumas das edificações mais altas da cidade: os sobrados de quatro, cinco e até seis andares. O plano de reforma urbana pode ser considerado a síntese ou a combinação de uma série de planos que não foram pra frente, entretanto que traduziam os desejos de onde e como reformar no Bairro do Recife.

Em meados do século XIX, projetos de reforma começavam a surgir no seio da administração urbana de Recife. Em 1844, o engenheiro politécnico francês, Louis L. Vauthier, durante sua estadia como engenheiro da Repartição de Obras Públicas da província de Pernambuco, apresentava algumas plantas de trechos do Bairro do Recife com propostas de reforma em seu arruamento.

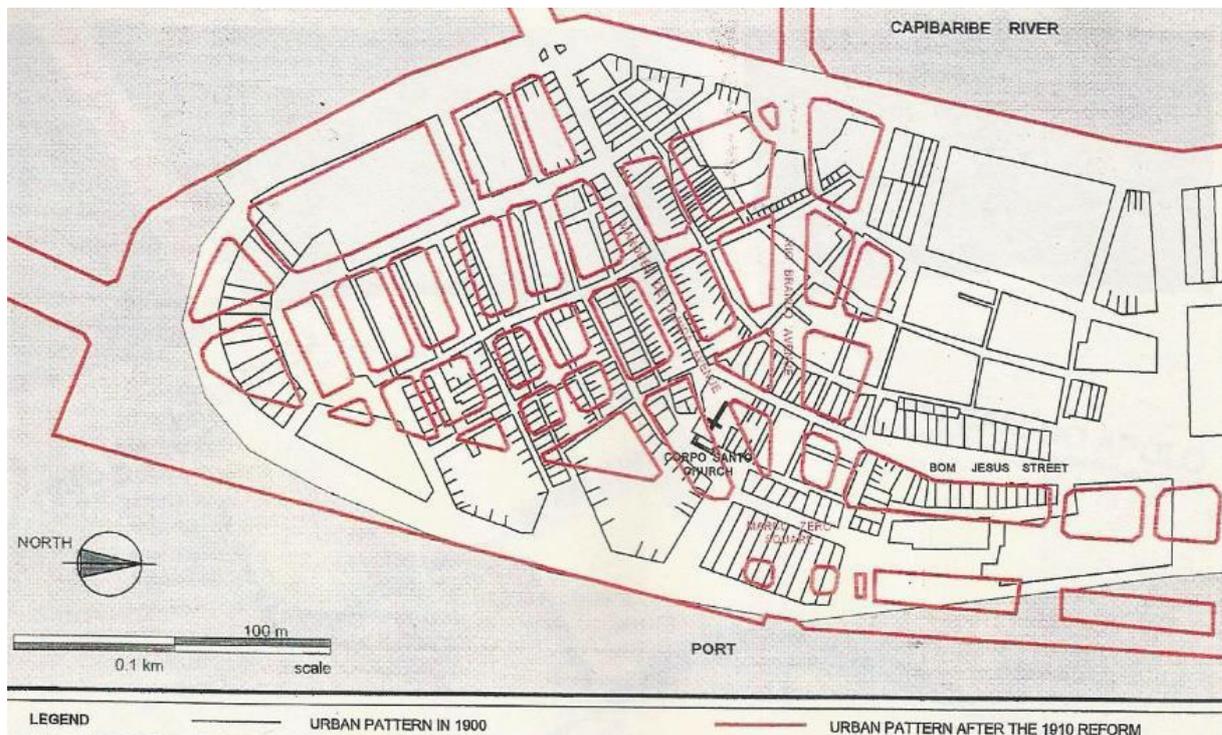
Além da proposta de Vauthier, Lubambo (1991, p.98) lista uma série de outros planos e projetos que tinham algumas regiões do bairro como foco de reformas, como os Cais da Alfândega e do Apolo, bem como o Cais do Porto, que além de terem suas instalações portuárias melhoradas, receberiam modificações em seus arruamentos. Ruas como a Marquês de Olinda, por terem uma concentração maior de comércio, recebem atenção especial nesses planos, o que reverbera na concepção final do Plano de Reforma elaborado por Alfredo de Lisboa.

A “Memória Descritiva e Justificativa do Projeto de Melhoramento do Porto do Recife” elaborado por Alfredo de Lisboa, é, de acordo com Lubambo (1991, p.99) o embrião para a reforma urbana no bairro. Este documento trazia a necessidade de reforma do traçado urbano com a criação de uma avenida para melhoria do acesso ao porto. A necessidade de modificação das entradas e saídas do bairro, combinada com as ideias higienizadoras e modernizadoras do plano de saneamento elaborado por Saturnino de Brito, foram as justificativas dadas para se fazer necessária a reforma do bairro. Esses argumentos ganharam ainda mais força com a execução das obras do porto entre 1887 e 1909 e foram mudando com a criação de diversas propostas de intervenção no bairro à medida que as obras no porto avançavam.

A concepção da Reforma Urbana para o Bairro do Recife, ‘evoluiu’ da simples conveniência em se abrir a Avenida do Cais [atual Av. Alfredo de Lisboa], para uma ‘justificada’ necessidade de se reconstruir uma parcela da cidade. Verificou-se um aumento progressivo das áreas incluídas, a cada proposta, correspondendo, possivelmente, a uma diversificação, cada vez maior, dos atores envolvidos. (LUBAMBO, 1991, p.102)

Além de criação da Avenida do Cais, posteriormente renomeada em homenagem ao engenheiro autor do projeto de reforma, foi criada a Avenida Central (Rio Branco) e mais algumas ruas que a ligariam com o outro eixo viário que se tornaria a Avenida Marquês de Olinda após o seu alargamento e retificação. A intervenção na antiga Marquês de Olinda causou a demolição da Igreja do Corpo Santo e do Arco da Conceição, localizados nas suas duas extremidades. Essas duas novas vias principais, que ligavam o porto às pontes e levavam ao bairro vizinho de Santo Antônio, se tornaram o foco do interesse imobiliário, renovando toda a camada social que anteriormente ocupava essas regiões. A Figura 5 ilustra como o novo traçado se dispôs sobre o antigo.

Figura 5 – Na cor preta a cidade colonial a partir do mapa de Douglas Fox e na cor vermelha o novo desenho do Bairro do Recife



Fonte: Proposta de Tombamento do Núcleo Original da Cidade, 1998, sem paginação *apud* Silva, 2015, p.33.

A abertura da Avenida Rio Branco ignorava completamente o traçado preexistente. Ao cortar o bairro ao meio, esta nova via exigiu que um número considerável de construções fosse posto a baixo. O mesmo acontece com a abertura da Avenida Alfredo de Lisboa, que arrasa com os antigos trapiches e galpões do porto. As demolições e mudanças no traçado se concentram na região sul do bairro. O novo traçado mais ortogonal decretava o fim da cidade colonial, descrita por Mário Sette (1947) como o antigo burgo que deu origem ao Recife.

A aquisição dos edifícios que seriam demolidos foi realizada através da desapropriação feita à baixos custos. Lubambo (1991, p.105-106) defende que convenientemente a “lei de desapropriação”, de nível federal, criada para facilitar a reforma que ocorreu no Rio de Janeiro, foi utilizada para diminuir os custos de desapropriação que a Comissão Fiscal Administrativa das Obras do Porto do Recife teria, tendo inclusive influenciado na expansão da área de intervenção da reforma.

Outra conveniência observada no texto da lei é a exclusão dos prédios considerados ‘ruinosos’, os parâmetros estabelecidos para indenização. Nessa categoria, poderiam ser enquadrados inúmeros pardieiros ocupados por oficinas e pequenos estabelecimentos comerciais ou transformados em casas de cômodos. Era comum que a demolição destes prédios ocorresse sob o atestado de ‘insalubridade’, executado pela Comissão de Saneamento. Tal alegação, serviu a que numerosas construções, mesmo fora dos limites físicos aprovados para desapropriação, fossem demolidas. (LUBAMBO, 1991, p.106)

A expropriação sem indenização recaiu sobre uma série de imóveis, mesmo que estes estivessem fora da zona de intervenção da reforma. Foram justificadas por motivos que variam de “insalubridade, à “periculosidade” e até “desagradável impressão”, este último associado aos mocambos (LUBAMBO, 1991, p.124). Isto levou ao arraso de edifícios no bairro todo e também à expulsão de uma grande camada de moradores e pequenos proprietários.

A remoção do pequeno comércio e das camadas mais pobres da economia preexistente no local é combinada com uma série de leis e parâmetros que estipulavam normativas de construção e aquisição dos terrenos, que no fim das contas favoreciam os detentores do grande capital. A construção compulsiva e a exigência de uma altura mínima de sete metros para as construções nas principais avenidas no bairro (Alfredo de Lisboa, Rio Branco e Marquês de Olinda) acabaram por impedir a compra de terrenos por aqueles menos favorecidos. Estes terrenos acabaram nas mãos de grandes corporações como bancos, empresas de exportação e instituições públicas.

A reforma de 1909/13 traz consigo uma série de conflito de interesses, e Lubambo (1991, p.109) não deixa de apontar a prática de concessão de privilégios, clientelismo e trocas de favores como algo recorrente durante todo o processo de reforma. Aliada a essas práticas, a influência política era determinante nas decisões que eram tomadas, e explica a série de mudanças que o projeto de reforma sofreu em seu período de elaboração, entre 1887 e 1909, quando as obras de fato são iniciadas. Em meio a este conflito de interesses, os prejudicados, sem dúvida, foram aqueles que tiveram seus imóveis desapropriados à baixo ou nenhum custo, ou os que tiveram que deixar o local em decorrência da supervalorização que elevou à índices altíssimos o preço do aluguel.

Lubambo (1991, p.125) aponta que de “3.000 a 5.000 pessoas foram desalojadas do Bairro do Recife entre 1910 e 1911”. São pessoas que tiveram suas residências ou locais de trabalho demolidos, levando-os a deixar o bairro, muitas vezes tendo seus problemas piorados diante dos atrasos no pagamento das indenizações. A autora ainda expõe a situação daqueles que moravam em quartos de aluguel, estes tiveram que sair de imediato, ficando sujeitos aos altos valores do aluguel nas proximidades do bairro, e conseqüentemente, optando por se fixarem em bairros mais afastados.

Foi justamente a valorização do bairro e a expulsão dos moradores dos edifícios destruídos que fez com que a população de um pouco mais de 13mil habitantes em 1910 decaísse para um pouco mais de 5mil em 1913. Assim, tem-se como consequência a “concentração espacial do grande capital principalmente comercial e financeiro, enquanto os comerciantes menores, entre estes também antigos residentes da área, foram marginalizados às áreas periféricas” (LUBAMBO,1991, p.132).

Com novos aterros e novas pontes, o Bairro do Recife também se veste com novos estilos arquitetônicos, sendo o estilo eclético o símbolo maior de poder, riqueza e modernidade. Os prédios que se erguem nos lotes, agora vagos, são construídos nesse estilo. Já os que permanecem, em sua maioria, adotam elementos ecléticos em suas fachadas, uma medida de adequação à nova cara do Bairro do Recife. As novas construções “salubres”, aliadas às novas praças e avenidas arborizadas, davam ares europeus a esse pequeno pedaço de terra do “nordeste pouco civilizado”, como diria o então presidente da Província de Pernambuco, Rosa e Silva (LUBAMBO,1991, p.103).

Entretanto os usos no novo bairro reformado não diferiam muito em relação aos que tinha antes da reforma. O comércio importador e exportador, bem como as instituições financeiras e seguradoras representavam os usos predominante nos grandes corredores criados com a reforma. Todavia é importante frisar que esses usos, outrora espalhados no bairro, se concentravam apenas em uma região e nas mãos de poucos. A pluralidade do Bairro do Recife pré-reforma foi extinguida, tendo seus serviços e comércios menores erradicados ou afastados para regiões mais periféricas do bairro ou de bairros vizinhos.

O novo Bairro do Recife estava renovado e valorizado, era uma imagem moderna na capital pernambucana, que de acordo com Silva (2015, p.33), atraiu uma série de empresas e comércio de alto padrão, que todavia não se consolidam. A Justificativa dada pela autora é o fato de o mesmo tipo de comércio e serviços estarem presentes no bairro vizinho de Santo Antônio, que não muito depois, passa por um processo de reforma similar, tese também

defendida por Zancheti *et al* (1998, p.13). Não tarda e muitos dos novos ocupantes deixam a área.

Quanto à questão habitacional, Lubambo (1991, p.130) apresenta o dado de que 40% das edificações ainda detinham esse uso em 1923. Mas os censos do IBGE apontam o declínio progressivo dessa população durante o século XX. Declínio esse, com início marcado pela reforma do bairro. O Bairro do Recife passa a ser dominado pelo porto e a abrigar a sociedade e vida boêmia de Recife, uma nova realidade ligada à cultura da noite, à música e à prostituição.

4.2 O NOVO BAIRRO BOÊMIO

Agora reformado, o Bairro do Recife foi transformado em símbolo de *status* e prestígio no contexto da cidade do Recife. Mas o porto ainda estava ali e ele demandava por usos que entravam em conflito com o comércio e os serviços de alto padrão voltado para os mais altos estratos sociais. O porto em seu constante tráfego de navios, recebia e abrigava, de forma temporária, marinheiros de várias localidades, além da presença constante dos trabalhadores locais que tinham no ali seu local de trabalho, como estivadores e carregadores. De acordo com Zancheti *et al* (1998, p.14), restaurantes populares, bares e prostíbulos tornam-se numerosos no bairro, se instalando nas proximidades do porto, estes são os principais serviços a entrarem em conflito com os “serviços de prestígio” que se instalaram no bairro durante a reforma.

Esse antagonismo resultou na evasão dos usos voltados para as altas classes, mas a este processo, também estavam combinadas a influência e a importância que o Bairro de Santo Antônio passava a ter em escala regional. Assim como no Bairro do Recife, Santo Antônio também passa por um processo de “modernização” com a abertura da Avenida Guararapes, é lá que esses serviços irão se concentrar após sua saída do Recife Antigo.

Madureira (1996, p.67) aponta esses movimentos de modernização, também de Santo Antônio, como sinais de descentralização do Bairro do Recife. Este autor frisa que mesmo com a saída desses serviços, o bairro continua sendo a área “mais importante da cidade”, já que o capital financeiro e mercantil ainda está lá alojado. Este *status* é mantido pelo bairro até o início dos anos 1970, quando o processo de metropolização muda a dinâmica econômica do bairro.

No período pós guerra, aos poucos, Santo Antônio vai se tornando o “centro simbólico” da cidade, pois concentrava o comércio local, enquanto o Bairro do Recife se consolida como centro financeiro e de negócios. Neste momento, quase todos os bancos da cidade se encontravam na Avenida Rio Branco ou Marquês de Olinda no Bairro do Recife. Todavia, influenciada pela alta concentração de bares e também pela presença de tropas estadunidenses

durante a II Guerra Mundial na cidade do Recife, o bairro torna-se um símbolo da boemia e da vida noturna. É o que aponta Cavalcanti (2014, p.25) ao afirmar que:

A partir de 1944, a cidade iria sofrer novas mudanças, agora não mais no aspecto urbano-paisagístico, porém nos modos, procedimentos sociais e costumes de sua vida noturna. Essa mudança brusca teve como responsável a presença de tropas norte-americanas na cidade, por ocasião da II Guerra Mundial.

A boemia toma impulso no bairro e os estabelecimentos boêmios, que existiam nas proximidades do porto, passam a concorrer com um maior número de novos bares e cabarés que se instalavam nas proximidades. Neste espaço de tempo que se inicia na década de 1930 e vai até o final da década de 1960 é o “período de ouro” da boemia recifense, que se concentrava no Bairro do Recife.

A boemia no Recife, com suas peculiaridades e decorrências, teve seu apogeu entre os anos trinta e sessenta do século passado, e como principal referência o período da II Guerra Mundial, aumentando o número e dando novas feições a vários bares e outros lugares de diversões que existiam, quando a interferência ianque ficou patenteada em muitos deles. (CAVALCANTI, 2014, p.25-26)

Cavalcanti lista uma série de bares que teriam surgido ou criado fama neste período. Gambrunus, O Valdemar Drink’s, Bar do 28, Scotch Bar e As Galerias eram alguns dos bares mais famosos e clássicos do Bairro do Recife. Destes, apenas o Bar do 28 e As Galerias continuavam funcionando no período em que a pesquisa de campo foi feita. Um reflexo deste período memorável da história do bairro.

A Orla era o termo empregado à uma região da Avenida Alfredo de Lisboa que concentrava uma série de bares especializados no consumo de uísque, como o Bar do 28 e o Scotch Bar, “para velhos boêmios e bons bebedores de uísque bastaria a pequena expressão para dizer tudo” (CAVALCANTI e CAVALCANTI, 2015, p.31-32). Detinha esse nome por estar na avenida que margeia o Rio Capibaribe à leste do bairro. Havia um ponto focal n’A Orla por ser este o ponto imediatamente ligado ao porto, mas os bares se espalhavam por toda a região sul do bairro, que concentravam os boêmios, responsáveis pela movimentação da vida noturna recifense regada a música, poesia, bebida e cultura.

Em meio a isso tudo, a presença feminina era dada através da prostituição. Madureira (1996, p.44) elucida que, no Recife Antigo, “a boemia estava intimamente associada à presença da mulher como via da sexualidade”. Deste modo, a mulher na vida noturna era representada, na maior parte do tempo, pelas prostitutas. A boemia da “zona portuária”, transformava o Bairro

do Recife em um espaço de prostituição, quase como se esses dois aspectos dependessem um do outro para que existissem.

A relação entre a prostituição e a boemia era tão íntima, que as “pensões” funcionavam nos andares superiores dos bares, e assim, como os bares eram numerosos, os prostíbulos também eram. Estavam, sobretudo, dispostos na parte reformada do bairro: Avenida Marquês de Olinda e Alfredo de Lisboa, bem como a Rua da Moeda, Guia, Bom Jesus e Vigário Tenório que eram o foco da prostituição e também da vida noturna a ela atrelada. As mulheres que habitavam os prostíbulos eram tão numerosas nesse “período áureo” da noite do bairro, que se caracterizavam como uma parcela significativa da população residente.

O Bairro do Recife, em sua noite boêmia, era como um espaço de liberdade e transgressão. Era nesse espaço que artistas se reuniam. Músicos, poetas e escritores tiraram dali inspiração para seus trabalhos que contribuíram para a criação de uma crônica urbana de Recife, que dava a feição boêmia da cidade para o Bairro do Recife.

Entretanto, os autores falam que o “período dourado” teve fim nos últimos anos da década de 1960. Esse período coincide com a evasão das empresas e do capital financeiro do bairro para outras regiões da cidade, e de certa forma isso pode ter relação com a diminuição da movimentação noturna e o fim daquele período boêmio. As noites passaram a ser menos frequentadas e aos poucos os bares foram fechando e com eles os prostíbulos. Restaram apenas o comércio atacadista e os serviços portuários no bairro, que entrou em um processo acelerado de degradação e ruína. Um processo que durou até a decisão de reabilitá-lo no final da década de 1980.

4.3 MARGINALIZAÇÃO, DETERIORAÇÃO E INFORMALIDADE

A expansão industrial ocorrida na década de 1960, aliada ao aumento populacional e a integração entre as economias regionais, levam, de acordo com Zancheti *et al* (1998, p.14), à formação da Região Metropolitana do Recife – RMR, um fenômeno que já tomava forma ainda na década de 1950. O processo de metropolização resultou ou foi resultante da descentralização que ocorreu na cidade do Recife. Um processo que reconfigurou espacialmente a distribuição econômica na cidade, sobretudo no espaço ocupado pelo grande capital industrial e comercial.

A criação de parques ou zonas industriais na RMR se concentraram nos municípios circunvizinhos à capital pernambucana. Atraídas pela oferta de trabalho, grandes massas populacionais, não só de Recife, mas de todo o estado, se deslocaram para esses municípios.

Neste processo, é notável que as cidades do entorno de Recife passaram a ter índices de aumento populacional superior aos do município central da RMR.

Para Zancheti *et al* (1998, p.14), a concentração de camadas populacionais de estratos sociais mais baixos, compostas sobretudo por operários e migrantes do interior do estado, ocorre nos limites da cidade, na periferia. Ao mesmo tempo, a concentração populacional de estratos mais elevados, incentivada pela construção de novos eixos viários, se desloca para áreas da Zona Sul e Centro-oeste (popularmente conhecida por Zona Norte) de Recife. Bairros como Boa Viagem, Casa Forte, Graças, Espinheiro e Parnamirim tornam-se residência não só dos habitantes com maior potencial monetário, como passam a abrigar o grande capital financeiro, que outrora se instalava nos bairros do Centro, dentre eles, o Bairro do Recife. De acordo com os autores (ZANCHETI *et al*, 1998, p.14), no final da década de 1960, Boa Viagem figurava como o bairro com o maior número de edificações verticais voltadas para a moradia das classes médias e alta, e na década seguinte, esse processo de verticalização transborda para o bairro de Piedade, no município vizinho de Jaboatão dos Guararapes.

O processo de descentralização levou para os novos centros o comércio e os serviços de alto-padrão. Também deixaram o centro, as sedes de uma série de empresas e instituições financeiras, como bancos e até firmas ligadas ao comércio de importação e exportação. A concentração desses tipos de serviços, voltados à classe média alta e elite, culmina com a criação de shopping centers na década de 1980 nas novas centralidades.

Neste momento, os índices habitacionais do Bairro do Recife, que já eram baixos, despencam, assim como nos de outros bairros do Centro. A redução habitacional leva consigo não só a maioria dos poucos habitantes que resistiam no bairro depois da reforma de 1909/13, mas também, quase toda a aura boêmia que era característica do bairro. Diversos prostíbulos e bares tiveram as portas fechadas, sobretudo porque esses serviços de lazer, bem como mais uma série de novos serviços de entretenimento, eram oferecidos nas novas centralidades.

Com as camadas pobres e trabalhadoras alocadas nas periferias e as classes médias e ricas nas novas centralidades, o Centro se torna um espaço exclusivo do comércio popular. A noção de centralidade persiste em Recife, e o centro, apesar de privado dos serviços e do comércio de alto padrão, permanece como a maior concentração de comércio e serviços, mesmo que voltados para as classes de menor poder aquisitivo, além das instituições administrativas e governamentais, que se mantém, em grande maioria, no centro da cidade. Nesse contexto, a comercialização de produtos de consumo imediato e primeira necessidade encontram campo fértil para se desenvolverem. Os “camelôs” se instalam nas calçadas e ruas exclusivas para

pedestres do centro, que continua vivo e fervilhante, mesmo que apenas durante o dia (ZANCHETI *et al*, 1998, p.15)

Na franja desse processo, que atinge Santo Antônio e Boa Vista de forma mais expressiva, o que acontece no Bairro do Recife é um agravamento dos processos que vinham ocorrendo desde os anos 60. A estagnação econômica é causada pelo êxodo do capital financeiro do bairro, bem como a diminuição da variedade de usos, e tem como consequência a desvalorização do solo no bairro.

Diante da desvalorização iniciada na década de 1960, o Porto não encontra competição na aquisição do solo e avança sobre a estrutura urbana do Bairro do Recife. Neste primeiro momento, o Porto do Recife passa por uma reforma que amplia o número de galpões de armazenagem, bem como são construídos um novo terminal açucareiro e um parque de tancagem. Sob pressão do avanço portuário, vias importantes, como a Avenida Alfredo de Lisboa, são absorvidas pelo porto, sendo incorporadas aos pátios de manobras de caminhões e aos espaços de carga e descarga.

A Petrobrás, que no período, geria o porto, chegou a desapropriar algumas quadras na região central da ilha para a construção de novos armazéns e ampliação da área portuária. Apesar da demolição das quadras, que se encontravam em avançado processo de deterioração, as construções nunca aconteceram diante do declínio do transporte hidroviário frente ao rodoviário. A região, até então ociosa, foi ocupada por aglomerados precários com finalidade habitacional.

Nas décadas de 1970 e 1980, o bairro do Recife passa por algumas intervenções que tinham o intuito de transformar o bairro novamente em um centro financeiro da cidade, mas tiveram pouco ou nenhum resultado. É nesse contexto que a Ilha ganha mais um acréscimo.

Pensado originalmente para ser um parque urbano, o Aterro do Cais do Apolo torna-se um novo polo administrativo, já que, pouco a pouco, uma série de instituições públicas vão ocupando o lugar. Todavia, o espaço se tornou um grande pátio de estacionamento pontilhado por edifícios verticais que mudaram a paisagem do bairro de forma radical. Com a criação desse novo polo administrativo, – que conta com a presença da Prefeitura da cidade – pensava-se que de alguma forma a dinâmica do bairro seria efetivada, o que não veio a acontecer.

Na contramão da decadência e estagnação econômica que o bairro vivia, o comércio atacadista se amplia diante dos baixos preços da terra. Ao contrariar o movimento que se via no país todo, onde os espaços de armazenagem iam para a periferia, no Bairro do Recife ele prospera diante do triunfo do comércio atacadista. Conforme o que é defendido por Zancheti, *et al* (1998, p.15), esse fenômeno caracteriza o Bairro do Recife como uma “periferia central”,

sobretudo na região norte e central da ilha. Os antigos galpões portuários do Cais do Apollo, agora aterrado, se tornam depósitos e o espaço público daquela região torna-se uma espécie de pátio de carga e descarga dos produtos comercializados e armazenados nos galpões das empresas atacadistas.

Os barracos que se instalam nas quadras demolidas pelo porto e no interior de quadras arruinadas dão origem à Favela do Rato. Os barracos de madeira ocupavam não só os lotes, mas também as calçadas da região central do Bairro do Recife. De acordo com Nery (2002, p. 56-57), a favela recebe esse nome devido à grande quantidade de ratos que se proliferavam na região, atraídos pelos resíduos de trigo processados no Moinho do Recife nas imediações da ocupação. O nome também faz referência às condições sanitárias que os moradores desse local estavam sujeitos, já que não possuíam saneamento básico, muito menos condições sanitárias mínimas de habitação. Posteriormente, a população reivindica junto à prefeitura a mudança de nome para Comunidade do Pilar, o que foi acatado e perdura até os dias atuais.

A comunidade do Pilar surge da necessidade de alguns trabalhadores portuários – carregadores, estivadores, etc. – de se instalarem nas proximidades do porto. As ocupações que começaram nas calçadas dos edifícios abandonados, logo ocupam quadras inteiras, e mesmo estando à cerca de 200 metros do edifício da Prefeitura do Recife, a Comunidade do pilar sempre esteve entre os locais da RMR com os menores índices de qualidade de vida, saneamento básico, e os maiores índices de mortalidade infantil.

A Comunidade do Pilar, desde seu surgimento, configura-se como a maior concentração habitacional do bairro do Recife. É fruto da periferização deste bairro na dinâmica econômica da cidade. Com o fim do período de ouro da boemia na década de 1960, o Bairro do Recife passou por um processo de deterioração acelerado. O abandono de algumas edificações e a falta de uso de grande parte levou o bairro a ser predado pelo porto e pelo comércio atacadista que se valeram da crescente desvalorização imobiliária. Sem os bares e cabarés que mantinham o bairro vivo durante a noite, e o centro financeiro que fazia esse papel durante o dia, o Bairro do Recife esteve abandonado à própria sorte nas últimas décadas do século XX, até que as iniciativas de reabilitação são implementadas na década final do século passado.

4.4 OS MOVIMENTOS DE REABILITAÇÃO

Na década de 1980, tendências mundiais levaram a administração da cidade do Recife a voltar-se para a área central mais uma vez e de alguma forma recuperar sua estrutura e devolver a importância que detinha no passado. Todos os Bairros do centro sofreram

intervenções de caráter urbano, legal e/ou econômico. O Bairro do Recife ganha nesse momento os holofotes da valorização, sobretudo cultural e patrimonial, intensificado pelo recente Plano de Preservação de Sítios Históricos do Recife, sancionado em 1979, que atribuía proteção para o conjunto urbano do bairro como um sítio histórico. De acordo com Pontual (2007), este plano “teve por paradigma o Plano de Bolonha no que concerne ao entendimento de conservação de um sítio histórico”, dividindo o bairro em região de proteção rigorosa e de proteção ambiental, levando em consideração todo o conjunto urbano e não apenas monumentos isolados.

Após a instituição do Plano de preservação dos Sítios históricos do Recife, dá-se início à um período onde diversos planos e projetos são criados e postos em execução, pretendendo reinserir o Bairro do Recife na dinâmica econômica e metropolitana da cidade do Recife, mas é notável, também, a preocupação desses planos na manutenção da população que residia no bairro, bem como a atração de novos moradores. Em 1988, o Plano de reabilitação do Bairro do Recife é finalizado pela Empresa de Urbanização do Recife. Este plano justificava-se pela “detenção do processo de perda populacional e a degradação física da área”, e vinha na contramão da visão comercial e portuária que o bairro sempre teve, já que as “propostas se voltaram para a conservação dos bens patrimoniais e à participação da comunidade pobre residente no bairro” (PONTUAL, 2007).

Neste primeiro momento, é instalado na Rua do Bom Jesus o Escritório do Bairro do Recife, que fica à frente na implementação das propostas apresentadas pelo plano de 1988. Apesar de prever a construção de centros comunitários, escolas, habitações coletivas e restaurantes populares; pontuar a necessidade de recuperação das fachadas dos antigos edifícios e a promoção de atividades e eventos culturais e identitários; além de apresentar algumas ideias a respeito da atração turística, o plano não recebe muito apoio financeiro e pouco é feito. Com a mudança de gestão municipal, o Escritório do Bairro do Recife é fechado, e esse primeiro momento chega a seu fim.

Os anseios de reabilitação do bairro são retomados em 1993 com o Plano de Revitalização do Bairro do Recife. Este novo plano tem forte apelo à questão econômica do bairro. A renovação econômica, a exploração do potencial turístico e o resgate da memória e dos aspectos tradicionais do bairro nortearam as diretrizes desse plano.

A conservação do patrimônio era carro chefe ao lado da transformação econômica. Logo nos primeiros anos de implementação, muitos sobrados e edifícios ecléticos tiveram suas fachadas e estrutura interna restaurados em parceria com a iniciativa privada. Todavia a estratégia de frear a degradação do patrimônio edificado consistia na reinserção de uma

pluralidade de usos que o bairro havia perdido no decorrer do século XX, como a habitação, bem como a atração de serviços e usos modernos, ligados à tecnologia.

A antiga tradição boêmia é resgatada. Aos poucos, bares remanescentes da “época de ouro” do Bairro do Recife, tomam um novo fôlego e novos bares se instalam, sobretudo nos arredores da Rua do Bom Jesus e Praça do Arsenal, bem como da Rua da Moeda e Vigário Tenório. Entretanto é necessário notar que os prostíbulos foram sumindo aos poucos até deixarem de existir. O bairro perde a imagem de espaço de prostituição e “lazer adulto” para uma nova imagem de espaço de “lazer familiar”.

Apesar do foco na questão econômica, o Plano de Revitalização do Bairro do Recife reconhecia a importância fundamental da habitação para seu êxito. Neste contexto, o plano propunha tornar o bairro ativo na maior parte do dia, a execução desse objetivo seria “mais facilmente realizada com a introdução da habitação na área, como forma de utilização importante dos imóveis” (ZANCHETI *et al*, 1998, p.38). O plano lista alguns benefícios da habitação, dentre eles, que o bairro:

- Perca suas características de área marginal e vazia;
- Ganhe vitalidade no uso dos espaços públicos em vários momentos do dia e da noite;
- Atraia atividades econômicas e sociais de suporte à vida familiar;
- Atraia o turista e o visitante da cidade. (ZANCHETI *et al*, 1998, p.39)

O Plano de Revitalização do Bairro do Recife ainda foca na importância do pequeno comércio para a manutenção e permanência da habitação no bairro e aponta para a ociosidade dos andares superiores dos edifícios “que podem ser transformados em pequenos apartamentos” (ZANCHETI *et al*, 1998, p.38). A partir das intervenções realizadas no intervalo de tempo que vai da criação do plano até o ano 2000, Leite (2004, p.188) afirma que “o volume de investimento públicos e privados no bairro esteve voltado para as metas centrais do Plano de Revitalização, ou seja, para criar um espaço central e nobre para a cidade”.

As diretrizes de habitação foram pouco atendidas e o bairro torna-se um centro turístico na cidade, atraindo serviços ligados a essa nova função. Deste modo, a diminuição populacional atinge seu apogeu em números que são mantidos até os censos mais recentes, onde existem apenas 602 moradores no Bairro do Recife, destes, apenas 10 estão fora do polígono do setor censitário da Comunidade do Pilar⁵.

⁵ Segundo sinopse por setores do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística-IBGE referentes às pessoas residentes por setor censitário do censo de 2010. O setor censitário da Comunidade do Pilar corresponde ao setor

Alguns anos mais tarde, a parceria entre os poderes executivos municipais, estadual e federal foi bem trabalhada no Plano do Complexo Turístico Cultural Recife Olinda, com a criação de um modelo de gestão que instituía um conselho político, um núcleo gestor e câmaras temáticas, como o objetivo de garantir a implementação do plano e assegurar a elaboração do Projeto Urbanístico Recife/Olinda (2006). No âmbito deste projeto, o Bairro do Recife é tomado como um dos polos estruturantes do projeto, principalmente pelo seu caráter patrimonial, cultural, turístico, portuário e o recente potencial tecnológico.

A Comunidade do Pilar toma papel de destaque como um dos setores de intervenção do Projeto Urbanístico Recife/Olinda (2006) que prevê a “urbanização da área através da construção de novas unidades habitacionais, comércio, serviços e equipamentos coletivos, comunitários e de geração de renda” (Projeto Urbanístico Recife/Olinda, 2006, p. 59), além de articular a comunidade com a cidade e propor a criação de espaços públicos e de lazer para os habitantes. Após as resoluções fundiárias, a Prefeitura do Recife adquiriu a propriedade dos terrenos das quadras em que a comunidade está instalada e as obras tiveram início em 2010, entretanto, permanecendo inacabadas.

Nesse contexto de mudanças econômicas que o Bairro do Recife vinha sofrendo, o Porto Digital assume um papel fundamental na reinserção do bairro na economia da cidade e na reabilitação de parte de seu estoque construído. O parque tecnológico, se instalou inicialmente no Bairro do Recife no ano 2000, e posteriormente foi expandindo-se para outros bairros do centro (Santo Antônio e Santo Amaro). O parque abriga cerca de 300 empresas voltadas para o segmento de tecnologia da informação e comunicação (TIC) e economia criativa (EC) instaladas em edifícios outrora sem utilização, principalmente do Bairro do Recife. Na página oficial da entidade na internet, é informado que “desde a fundação do Porto Digital, já foram restaurados mais de 84 mil metros quadrados de imóveis históricos em toda a extensão territorial do parque tecnológico”⁶ que hoje abrigam empresas ligadas ao Porto Digital, caracterizando-se, assim, como um importante agente na recuperação do patrimônio do Centro Histórico do Recife.

A dinamização imobiliária do Bairro do Recife assume um papel significativo na movimentação da economia pernambucana outrora estagnada (LACERDA e FERNANDES, 2015, p.340) e faz do Porto Digital o principal responsável por reinserir no bairro uma quantidade significativa de novos empreendimentos e, por consequência, novos trabalhadores.

261160605180118. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>> acessado em 10 de fevereiro de 2019.

⁶ Disponível em <<http://www.portodigital.org/parque/o-que-e-o-porto-digital>> acessado em 29 de janeiro de 2019.

Entretanto a vinda de uma nova população trabalhadora não garantiu sua fixação no bairro, os índices populacionais ainda são baixos ao sul e os movimentos pendulares ainda são realizados pela maioria dos funcionários das empresas instaladas no Bairro do Recife.

Porém não é possível negar o crescimento do interesse imobiliário voltado à moradia em outros bairros do Centro, sobretudo Boa Vista e Santo Amaro, impulsionados pela presença do mercado imobiliário que investe na construção de condomínios verticais no mesmo padrão construtivo de outras áreas verticalizadas da cidade.

É perceptível, no quadro de um novo fluxo populacional de retorno ao centro, o Bairro do Recife como personagem alheio. Apesar dos investimentos e a criação de atrativos funcionais e econômicos no bairro, seus edifícios ecléticos ainda são ocupados principalmente por empresas do Porto Digital, por órgãos institucionais voltados para o turismo, a cultura e administração pública ou, no pior dos casos, encontram-se desocupados, abandonados ou em péssimo estado de conservação.

Os progressos trazidos pelos planos e intervenções urbanas foram eficazes em alterar a imagem periférica que o bairro tinha algumas décadas atrás, dando-lhes novos atributos sociais e estéticos. A parte sul do bairro torna-se um centro cultural na cidade, é foco na atração de turistas que visitam Recife e com a instalação do Porto Digital, torna-se um polo tecnológico de importância nacional. Mas e a habitação nesse contexto atual?

Os números do Cadastro Imobiliário do Bairro do Recife de 2010, mostrados acima, são imprecisos em relação ao uso habitacional, sobretudo considerando que a maior parte dos moradores do bairro não ocupam lotes formais ou têm suas residências edificadas sobre as calçadas e a via pública. Esses números também diferem dos encontrados através da pesquisa de campo realizada no âmbito desta pesquisa, feita nove anos após a divulgação dos dados de 2010. Em essência percentual, os números permanecem similares, entretanto, nesta pesquisa, uma variante maior de usos foi adotada, conforme descrito no próximo tópico.

No decorrer do último século, é possível afirmar que o Bairro do Recife sofreu uma série de transformações e mudanças em seu caráter físico e espacial, mas sobretudo na sua dinâmica de usos e no seu caráter habitacional. Esse processo não foi a mudança simples de uma para outra forma de utilizar o bairro, mas foi composto por uma série de transformações que geraram novos usos ou resgataram usos e funções antigas, reabilitadas sobretudo depois das intervenções e planos urbanísticos que visaram resgatar o bairro de sua estagnação econômica, em parte causada pela reforma de 1910/13 que removeu as populações tradicionais, mas sobretudo pela descentralização e a periferização deste bairro central.

Os baixos índices populacionais no bairro se devem, em grande parte, pela intervenção do plano de Revitalização do Bairro do Recife implementado a partir de 1993, que renovou o bairro e removeu a população que ali residiu por séculos. Entretanto, muitos problemas e patologias deste espaço, inviabilizaram o retorno de populações residentes.

A visão do bairro como lugar de prostituição, atribuído durante a “era de ouro da boemia”, impediu que famílias se instalassem na parte sul do bairro por questões ligadas à pressupostos morais. O estilo de vida boêmio era visto com maus olhos, relacionando os boêmios com a “vagabundagem”. Os adjetivos dados à vida noturna do bairro afugentavam as populações mais conservadoras, e o Bairro do Recife, que durante o dia se caracterizava como um espaço de trabalho, à noite se transvestia em um espaço de lazer adulto, de prostituição e de bebedeiras, bem como de poesia, música e arte.

Da mesma forma, a visão centralizadora, pautada pelo zoneamento modernista, classificava aquele espaço como uma zona comercial, imprópria para a moradia, que deveria se localizar em regiões na periferia do grande centro, ou além, na periferia da cidade. Essa concepção era sustentada por todo o investimento público em eixos viários e linhas de transporte público, que asseguravam os movimentos pendulares no interior da cidade e posteriormente da metrópole.

Vias abertas nos bairros vizinhos, como a Avenida dos Guararapes em Santo Antônio, a Avenida Conde da Boa Vista na Boa Vista e a Avenida Agamenon Magalhães no perímetro ocidental da região central são exemplos, como já mostrado, de um reordenamento urbanos modernista e centralizador. Esse pensamento preconizava os movimentos das populações entre o centro, como um local de trabalho, e a região periférica, onde se abrigava a grande massa populacional, estando a classe média e alta mais próximas do centro, enquanto as classes baixas se instalavam nas extremidades do perímetro urbano.

É no momento da descentralização, quando outros bairros fora da região central passam a abrigar centros especializados, como Boa Viagem e Espinheiro, que o centro se desvaloriza e passa a ser fortemente ocupada por populações mais pobres, além da fuga de capital para esses novos centros, que acaba por mergulhar os bairros do centro em uma estagnação econômica. Nesse cenário, o Bairro do Recife toma local de destaque, a saída do capital financeiro e de grande parte do comércio internacional leva consigo a vitalidade da noite boêmia e instaura o processo de degradação física de seu estoque edificado, agora pouco utilizado e sendo corroído pelo tempo, muitas vezes impróprio para o uso. Um processo que só começa a ser revertido com os planos de reabilitação.

Nota-se que uma série de processos durante o século XX impossibilitou a reocupação do Bairro do Recife por novas populações que substituíssem as populações expulsas durante a reforma do início daquele século. O porto e os estigmas ligados à prostituição e à boemia, num primeiro momento, aliado da concepção modernista de um bairro comercial e de negócios. Posteriormente, a aversão habitacional estaria ligada à estagnação econômica proveniente da descentralização, que degradou o espaço, bem como suas edificações, que como eram em grande parte comerciais, precisavam ser convertidas em residências, além de restauradas ou recuperadas dos efeitos devastadores do tempo em que passaram ociosas. Por fim, os processos de reabilitação, de fato se propuseram a realizar esse resgate voltado para o uso habitacional, mas a visão mercadológica prevaleceu e o bairro se tornou um espaço de turismo, lazer e negócios.

Mesmo que a comunidade do Pilar tenha surgido nesse meio tempo, durante o processo de degradação que o bairro quase abandonado passava, essa ocupação se deu de forma irregular e clandestina. Os moradores ocuparam não só os lotes arrasados pelo porto durante o período de desvalorização imobiliária, mas também o espaço público e o espaço entre os esqueletos dos antigos sobrados há muito arruinados. Eles ficaram restritos à região central do bairro, nas proximidades do porto e longe da parte sul, que perdeu sua população e, que pelos motivos acima listados, não conseguiu recuperá-la ou atrair novos moradores. Mas esse processo histórico seria o único motivo?

A partir deste levantamento histórico apresentado neste capítulo, o capítulo seguinte traz um levantamento mais atual dos usos do Bairro do Recife, feitos com base na primeira fase da pesquisa de campo, conforme exposto no capítulo 2. Além de quantificar o uso por área total nos lotes, o capítulo seguinte, os espacializa no bairro, além de tomar o uso habitacional como foco de análise, apontando onde e como ele se manifesta.

5 OS MORADORES DE HOJE: DINÂMICAS ATUAIS DE USOS E DA HABITAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE

Graças às intervenções urbanísticas e econômicas no Bairro do Recife, realizadas deste a implementação do Plano de Revitalização, a dinâmica de usos atual foi se configurando e se consolidando. Hoje, funções antigas, como a portuária, resistem no bairro, ainda que o Porto do Recife não tenha mais a importância que um dia teve, principalmente após a construção do Porto de Suape nos municípios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca na região metropolitana.

Da mesma forma, a atração dos chamados “serviços modernos” e a criação do Porto Digital deram uma nova face ao Bairro do Recife, que se torna um espaço onde a tecnologia tem protagonismo. Uma série de empresas voltadas não só para a tecnologia da informação (TIC), mas também para a economia criativa (EC), se instalam neste bairro diante dos incentivos fiscais e a localização privilegiada. Após a construção de uma infraestrutura especializada, como o estabelecimento de uma internet de ponta, essas empresas se apropriam em algumas edificações antigas que são então restauradas. Outros serviços, principalmente de lazer e turismo, estão ali instalados, bem como o comércio e as atividades institucionais que tomam este espaço como sede.

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos na primeira fase da pesquisa de campo, que teve como objetivo realizar um levantamento do uso do solo no bairro do Recife. Foram quantificados e identificados os usos no interior dos lotes formais, deste modo, identificando a forma como o bairro é utilizada, especializando os usos e os descrevendo conforme a realidade observada através das técnicas empregadas e das categorias de uso elencadas, consoante disposto no capítulo 2.

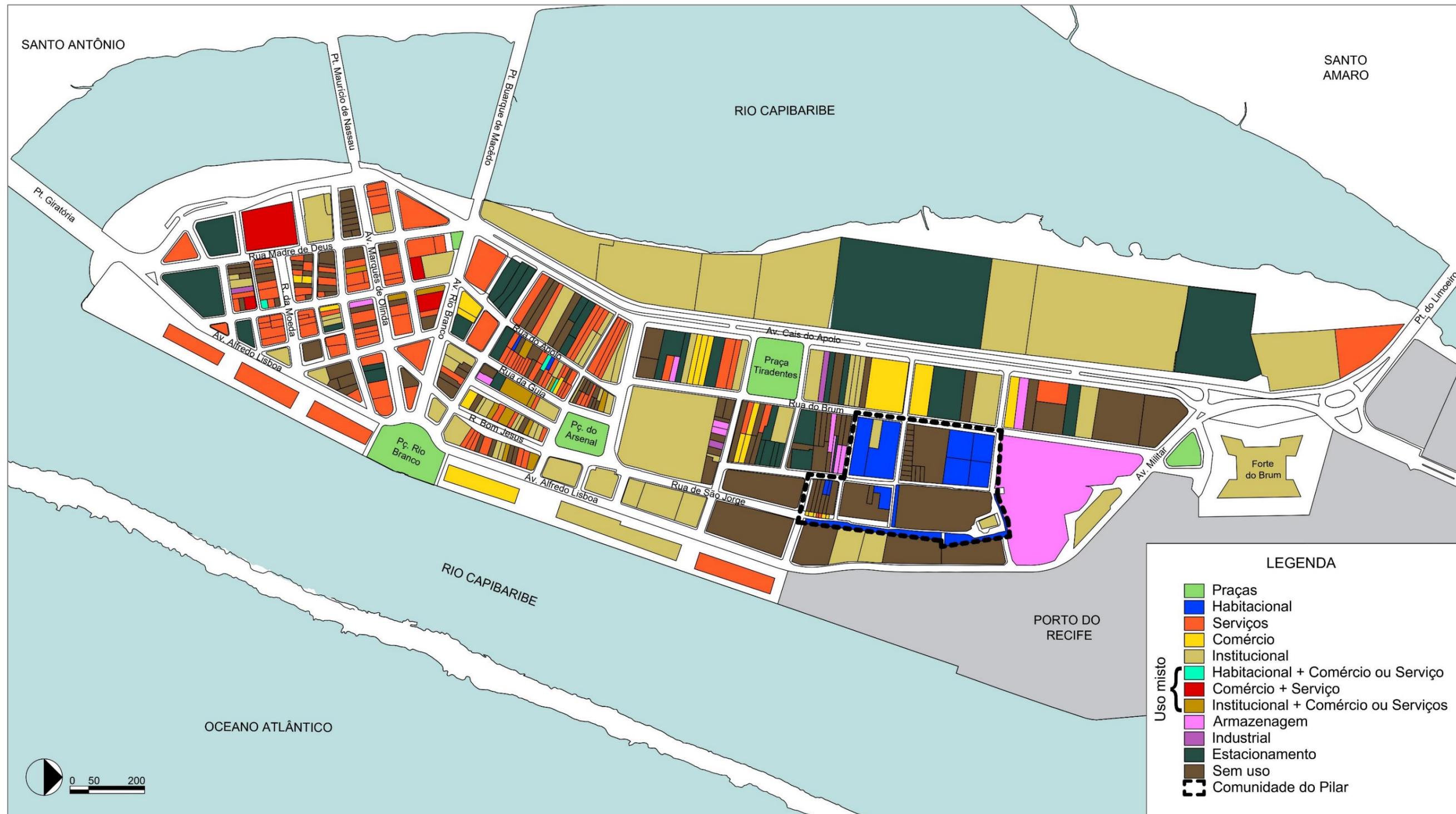
5.1 LEVANTAMENTO DE USOS DO SOLO NO BAIRRO DO RECIFE

Através do levantamento de uso do solo, a situação que foi constatada é a predominância de variados tipos de serviços, bem como de serviços institucionais ligados à administração pública, sindical, educacional e instituições culturais como museus e espaços culturais. O comércio atacadista se faz presente, enquanto o comércio varejista se concentra, sobretudo no interior de espaços privados como no Shopping Paço Alfândega. Espaços de armazenagem também são comuns, e estão fortemente ligados às atividades do comércio varejista. Entretanto há uma grande quantidade de edifícios totalmente ou parcialmente não utilizados por todo o bairro, assim como a existência de alguns lotes não edificados.

A utilização de muitos edifícios como estacionamento é algo que se faz notável em todo o bairro. A presença do automóvel é consequência dos movimentos pendulares exercidos pelos trabalhadores do bairro, criando uma demanda por espaços de estacionamento. Todavia, em contraponto ao elevado percentual de aproveitamento do espaço nos lotes feito por usos ligados à guarda de automóveis ou até mesmo à ausência de qualquer um, o habitacional é escasso, principalmente na região sul do bairro. A Comunidade do Pilar é a maior expressão habitacional no bairro, mas não a única. Espacializar os usos foi necessário para entender como a dinâmica de utilização se dá no Bairro do Recife e como ela interfere na escassez de habitantes e espaços de habitação dentro deste centro histórico.

No Bairro do Recife, uma série de tipologias arquitetônicas se relacionam numa dinâmica urbana que envolve tempo e uso. Tempo, pois, edifícios das mais diversas idades e estilos arquitetônicos se reúnem no recorte mais antigo da cidade. Uso, pois, eles abrigam uma grande variedade de funções e utilidades. Essa pluralidade de usos é espacializada neste tópico com a identificação dos usos no solo urbano do bairro. A análise do mapa da Figura 6, na página seguinte, permitiu identificar tendências, problemas e características próprios da dinâmica de usos no Bairro do Recife.

Figura 6 – Mapa do uso do solo por lote no Bairro do Recife (2019)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Inseridos dentro do recorte da pesquisa de campo, notou-se um total de 373 lotes, edificados ou não, além de três quadras que se encontravam totalmente ou parcialmente recém-demolidas. Nestas quadras, que se encontravam sem uso ou em obras, a identificação dos lotes ficou debilitada, optou-se, então, por contabilizá-las como sendo apenas um lote, adotando-se um total de 376 lotes expressos no quadro abaixo, que sintetiza os dados apresentados no mapa da figura da página anterior:

Quadro 2 – Uso dos Imóveis no Bairro do Recife por lotes (2019)

		Número de lotes	%	
Usos	Habitacional	11	2,13	
	Serviços	112	29,79	
	Comércio Atacadista	12	3,19	
	Comércio Varejista	5	1,33	
	Institucional	63	16,76	
	Uso misto	Habitacional + Comercial ou Serviços	3	0,80
		Comercial + Serviços	4	1,06
		Institucional + Comercial ou Serviços	13	3,46
	Armazenagem	11	2,93	
	Industrial	3	0,80	
	Estacionamento	32	8,51	
	Sem uso	110	29,26	
	Total	376	100	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Para entender melhor como o espaço é utilizado dentro dos lotes, levando em conta que alguns imóveis apresentam variedade de uso entre seus pavimentos, optou-se por especificar o uso de acordo com a parcela da área total de cada edifício que é destinada para cada uso, uma decisão metodológica descrita no capítulo 2. Desta forma, chegou-se a um número aproximado, mas não exato, de como o espaço é utilizado dentro dos lotes da área estudada.

O Quadro 3 demonstra a área total dedicada à cada tipo de uso, o que traz à tona, novas nuances de como o Bairro do Recife é utilizado. Neste momento, optou-se por excluir da contagem a região do Aterro do Cais do Apolo, já que a grande quantidade de espaço utilizado como estacionamento naquela região, prejudicaria na análise, sobretudo do tecido urbano mais antigo, que é o foco desta pesquisa.

Quadro 3 – Uso dos Imóveis no Bairro do Recife por área total dos lotes (2019)

		Área total (m ²)	%
Usos	Habitacional	14.878	2,54
	Serviços	191.179	32,66
	Comércio Atacadista	12.066	2,06
	Comércio Varejista	11.790	2,01
	Institucional	114.702	19,60
	Armazenagem	17.037	2,91
	Industrial	1.590	0,27
	Estacionamento	46.868	8,01
	Sem uso	175.193	29,93
	Total	585.303	100

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Os usos dominantes no bairro estão ligados à prestação de serviços e ao uso institucional, que, respectivamente, têm 112 (29,79%) e 63 (16,76%) lotes. Os lotes que têm estes usos de forma exclusiva, contabilizam um pouco mais de 46% se somados seus percentuais, ou seja, quase metade dos lotes levantados. Entretanto, a categoria que assume a segunda posição, superando o uso institucional, é justamente a dos lotes sem uso, com um total de 110 lotes, representando 29,26% do universo pesquisado. Os lotes destinados ao uso de estacionamentos somam o percentual de 8,51%, ou seja, 32 lotes.

De certa forma, ao se analisar sob a ótica do uso por área total do lote, a hierarquia se manteve, em relação ao uso por lotes. O uso de prestação de serviços continuou como a aplicabilidade mais comum, com 32,66% da área total, sendo o uso que mais se utiliza da área total disponível. Este é seguido pelo uso institucional (19,60%) e logo depois pelo uso como estacionamento (8,01%), demonstrando pouca variação percentual em relação ao uso por lotes. Essa leve variação percentual se confirma também na categoria sem uso, que representa o segundo maior valor percentual sobre a área total, 29,93% da área total dos lotes do Bairro do Recife, um percentual similar à quantidade de lotes nesta categoria. Usos como o comércio atacadista e varejista, de armazenagem e o industrial, permanecem como os menos expressivos, demonstrando leves variações percentuais para mais ou para menos em relação ao percentual de uso por lote.

À exceção do uso serviços, institucional e a categoria sem uso, os demais usos têm expressões mais brandas se tratando do número de lotes, como é o caso do uso habitacional que apresenta apenas 11 lotes exclusivamente com esse uso⁷, além dos 3 lotes que aparecem na

⁷ Vale lembrar que as ocupações na Comunidade do Pilar se dão no interior de grandes lotes, ou nas calçadas. Assim, o número de lotes com uso habitacional se mostrou pequeno, mas um único lote pode abrigar uma série de barracos.

categoria de uso misto, conciliando este uso com o uso comercial ou de serviços. Vale pontuar ainda, o número relativamente elevado de 14.878m² destinados ao uso habitacional, causado principalmente pela presença de edifícios verticais de habitação multifamiliar na Comunidade do Pilar. Todavia, esse número não foi suficiente para elevar a taxa percentual do uso habitacional comparado aos dados de uso por lote, tendo inclusive uma leve queda nesse valor, em relação ao valor percentual demonstrado no Quadro 2.

Ao analisar brevemente o mapa da Figura 6, é possível afirmar que há uma pluralidade de usos no Bairro do Recife, o que é potencializado ainda mais se considerarmos a variedade de serviços ali presentes. Entretanto, com um olhar mais atento, nota-se que alguns usos se concentram em determinadas áreas, como é o caso do uso de serviços e habitacional, à medida que outros, como o institucional, se espalham por todo o bairro.

Dentre os serviços identificados, predomina-se os ligados ao lazer e alimentação; serviços de tecnologia e criatividade; assessoria jurídica e contábil; serviços bancários; e serviços imobiliários. Escritórios de empresas de tecnologia, bem como de publicidade, advocacia e contabilidade ocupam as salas de uma série de edifícios comerciais, ou então sobrados inteiros, assim como fazem uma diversidade de profissionais liberais prestadores de serviços. Da mesma forma, alguns escritórios imobiliários se instalam no bairro.

A predominância do uso de serviços na parte sul também se deve aos estabelecimentos que movimentam a vida noturna, como os bares e restaurantes. Estes, além do Cais do Porto, se concentram nas imediações da Rua da Moeda, Avenida Rio Branco e na região que reúne a Praça do Arsenal, a Rua da Guia e a Rua do Bom Jesus. Outros estabelecimentos existem de forma pontual na Rua do Apolo, Vigário Tenório, Marquês de Olinda e Alfredo de Lisboa, mas percebe-se que todas essas ruas estão na região sul da área de estudo.

Os bares e restaurantes estão, comumente, em pequenos sobrados ou no térreo de alguns sobrados maiores ou edifícios de grande porte. Absolutamente todos os bares se valem do espaço público no período da noite, quando estão em maior atividade, mas, especificamente os restaurantes, também tiram proveito da grande quantidade de pessoas que circulam no período diurno, sobretudo nos horários de refeições.

As agências bancárias são numerosas, havendo no bairro agências dos principais bancos em atuação no país. Estes estabelecimentos se instalam de forma diversa, por exemplo, a agência do Banco do Brasil se instala em um dos maiores edifícios do bairro, com mais de quinze pavimentos e de caráter moderno, à medida que a agência da Caixa Econômica Federal se instala em um dos edifícios ecléticos de quatro pavimentos edificadas no período da reforma de 1910/13.

Além destes estabelecimentos de prestação de serviços, pode-se listar a presença de postos de gasolina, ateliês, cartórios, salões de beleza e escritórios de empresas das mais diversas ordens. Neste momento, vale pontuar a contribuição do Porto Digital para que a utilização dos edifícios para a prestação de serviços seja o número mais expressivo. O restauro de alguns edifícios, outrora sem uso, para o acolhimento de empresas de tecnologia, comunicação e de economia criativa fez esse número subir, sendo estes alguns dos mais comuns entre os serviços listados, equiparados apenas aos serviços de lazer e alimentação, como bares, restaurantes, cafés e lanchonetes.

Já o uso institucional, este se espalha por todo o bairro, concentrando-se mais na região central da área de estudo e no aterro do Cais do Apolo. Este uso consome 114.702 m² de toda a Área total contabilizada no bairro, o que representa um percentual de quase 20%. Aqui, a predominância são as repartições públicas e as instituições de caráter administrativo e governamental. Expressivamente, são órgãos que costumam demandar de um alto índice de área total da edificação, muitas vezes ocupando quadras enormes, quase que exclusivamente, como é o caso da Capitania dos Portos que ocupa quase toda a quadra quadrangular no centro da área de estudo.

Como nessa categoria foram contabilizadas as edificações ligadas à administração pública e governamental, é possível afirmar que o Bairro do Recife surge como um polo administrativo dentro da cidade do Recife, abrigando a Prefeitura Municipal, o gabinete da vice-governadora assim como uma série de secretarias municipais e estaduais. O bairro também abriga alguns departamentos jurídicos federais, a Capitania dos Portos e a sede da superintendência de Pernambuco da Polícia Federal, tendo, assim, órgãos nos níveis municipal, estadual e federal.

O alto número de lotes com uso institucional também se deve à presença de instituições culturais, sejam elas públicas ou não. Museus, teatros e espaços de fomento à cultura se concentram no bairro, servindo principalmente ao turismo, lazer e a preservação do caráter patrimonial e cultural da população. Sedes de maracatus, grupos de teatro, dentre outros tipos de manifestações artísticas e culturais se instalam em alguns pontos do bairro, de forma mais tradicional e altamente integrados ao espaço público.

Espaços ligados a instituições de ensino também se fazem presentes, e são até numerosos. Através da pesquisa de campo, notou-se que é um uso crescente no bairro, com uma série de novas instituições de ensino superior e técnico, sobretudo voltadas à especialização em áreas de TIC e EC, que chegam para atender uma demanda crescente do Porto Digital. Além dos institutos especializados, o bairro ainda conta com duas escolas públicas, uma de ensino

fundamental básico e outra de ensino médio. Também estão presentes alguns laboratórios e institutos ligados a universidades públicas e privadas. Em menor número, mas de caráter notável, ONGs e instituições religiosas se fazem presentes e foram contabilizadas nesta categoria de uso.

Da mesma forma que o uso institucional, o uso destinado aos estacionamentos está presente em todo o bairro, desde os grandes edifícios garagem no extremo sul, até os grandes parques de estacionamento no aterro do Cais do Apolo e em uma série de lotes dispostos por toda a área, ainda que, ao norte do bairro, tendam a estar próximos do eixo viário da Avenida Cais do Apolo.

Apesar do bairro ser atendido pelo transporte público, sobretudo por linhas de ônibus e do BRT, o automóvel é bastante presente e única opção de transporte para grande parte da classe média e alta. A grande quantidade de veículos que circulam diariamente pelo bairro cria uma demanda por espaço de estacionamento, mesmo que muitos carros ocupem o acostamento das vias públicas, estes são insuficientes. Assim, os 32 lotes que têm seu espaço ocupado exclusivamente como espaço de estacionamento são edifícios garagens construídos especificamente para essa função, ou adaptados em antigos galpões e até na “casca” de antigos sobrados ⁸ (Figura 7 na página seguinte).

O uso do espaço dos lotes por estacionamentos fez com que este uso predominasse em algumas quadras, principalmente no extremo sul do bairro, onde existem edifícios garagem de múltiplos andares que servem, principalmente, ao Shopping Paço Alfândega. Entretanto, nota-se que a presença de parques de estacionamento no aterro do Cais do Apolo é tão latente, que é possível afirmar que eles dominam a paisagem nesta região (ver Figura 8 na página seguinte). O que se soma à presença marcante deste uso em muitos dos galpões que margeiam a face leste da Avenida do Cais do Apolo, complementando essa paisagem dominada pelos carros.

⁸ Na Rua vigário Tenório existe um edifício eclético, em boas condições de conservação externa, mas que funciona como um edifício garagem de múltiplos andares. Todos os pisos que em algum momento constituíam os seus andares foram substituídos por uma estrutura em concreto de múltiplos pavimentos, resistente o suficiente para abrigar automóveis.

Figura 7 – Edifício garagem no interior de edificação eclética na Rua Vigário Tenório.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 8 – Parque de estacionamento no aterro do Cais do Apolo.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

O comércio no bairro, dividido entre atacadista e varejista, pontua todo o mapa da Figura 6, mas tende a se segregar, estando o comércio atacadista, predominantemente, ao norte, enquanto o pouco comércio varejista fica ao sul. O comércio atacadista é representado por 12 lotes (3,19%), enquanto o comércio varejista está presente em apenas 5 lotes de forma exclusiva, mas também em alguns que foram contabilizados como uso misto, seja na presença simultânea de habitação, serviços ou do uso institucional.

O Shopping Paço Alfândega configura-se como a maior concentração de comércio varejista no Bairro do Recife, havendo ali, lojas de vestuário, artesanato e artigos de decoração. A área de estudo também conta com algumas galerias de arte que foram enquadradas nesse uso. Já o comércio atacadista é representado pelos centros de distribuição de alimentos e venda de peças mecânicas e artigos especializados. Estes estabelecimentos estão alojados na parte norte do bairro, principalmente na afluência da Avenida Cais do Apolo, entretanto algumas distribuidoras ainda resistem na parte sul, um vestígio deste uso que outrora era numeroso nesta região também.

O uso de armazenagem tem características de disposição no espaço muito ligadas à do comércio atacadista, nesse sentido, tende a estar mais concentrado na parte norte, apesar de pontuar em alguns lotes da parte sul, assim como o comércio atacadista também se manifesta. 11 lotes são utilizados exclusivamente como espaços de armazenagem e representam aproximadamente 17.037m² da área total levantada. Alguns são lotes que auxiliam os estabelecimentos atacadistas presentes no bairro, mas alguns são galpões de armazenagem de empresas localizadas em outras regiões da cidade. Este número, relativamente baixo, contrasta com períodos anteriores, quando o bairro, principalmente na parte norte, era dominado por espaços de armazenagem, que lhe conferiam uma característica periférica.

Em síntese, o que se pode afirmar sobre a dinâmica de usos no Bairro do Recife é a notoriedade da predominância do uso de serviços, principalmente nas quadras da região sul. É nesta região que se concentram os esforços de adaptação dos imóveis aos “serviços modernos” feitos pelo Porto Digital, além de todo o aparato econômico que se vale do turismo que predomina nesta área. É onde estão as agências bancárias e quase todas as salas comerciais ocupadas por profissionais liberais e empresas prestadoras de serviços. Nota-se também a predominância desses usos nos galpões do Cais do Porto, na margem sudeste da ilha do Bairro do Recife, estão ali muitos restaurantes e bares, além de espaços para a realização de eventos.

Porém, assim como o uso de serviços predomina e se concentra na parte sul do bairro, são numerosas as quadras onde a predominância é de área não utilizada. Estas formam um grande bloco na parte norte da área de estudo, o que cria um panorama totalmente diferente do encontrado na região sul do bairro, tornando as duas tão díspares.

Contudo, não é apenas na parte norte da área de estudo que estão os espaços sem uso. Apesar da atuação do Porto Digital na recuperação de imóveis abandonados ou degradados para a implantação de seus serviços característicos, a região sul do bairro é pontuada por diversas edificações sem uso algum. Outro problema se dá na ausência de usos em alguns dos pavimentos superiores das edificações, que muitas vezes apresentam uso em apenas algumas partes limitadas, como o térreo, por exemplo. Assim, por mais que a maioria dos lotes de algumas quadras tivessem uso, ao serem analisados sob a ótica do uso por área total no interior do lote, a balança virou para a categoria sem uso diante da área ociosa nos andares elevados.

Dispostos os dados do levantamento do uso do solo, bem como uma breve descrição de como os usos se espacializam no bairro, cabe agora analisar com mais cuidado alguns aspectos da dinâmica de uso, bem como focar no uso que norteia essa pesquisa: a habitação. Os tópicos seguintes trazem uma descrição mais detalhada de como a habitação se manifesta no Bairro do Recife, além de analisar como os outros usos se relacionam e dão suporte, ou não, para que ela ali se mantenha. Logo após, será abordada a questão dos imóveis sem uso com maior proximidade, e como a presença e inexistência de alguns usos afetam na dinâmica usual negativa que assola parte do Bairro do Recife, como uma sombra de um passado de degradação.

5.1.1 A Presença Habitacional e Suas Características

O número de habitantes no Bairro do Recife é escasso e, de acordo com o levantamento de uso do solo apresentado, apenas 14.878 m² são dedicados ao uso habitacional, o que corresponde à um pouco mais de 2,5% da área total nos lotes inseridos no recorte da pesquisa

de campo⁹. Entretanto, esses números correspondem apenas aos lotes formais, ou seja, os lotes que estão demarcados no interior das quadras do bairro, caracterizados pelos edifícios de habitação multifamiliar e os lotes ocupados por barracos na Comunidade do Pilar, além dos cinco sobrados que abrigam moradores na parte sul. Mas grande parte da população residente no Bairro do Recife ainda se encontra em ocupações precárias, construídas nas calçadas, ficando de fora dos percentuais apresentados no levantamento previamente descrito.

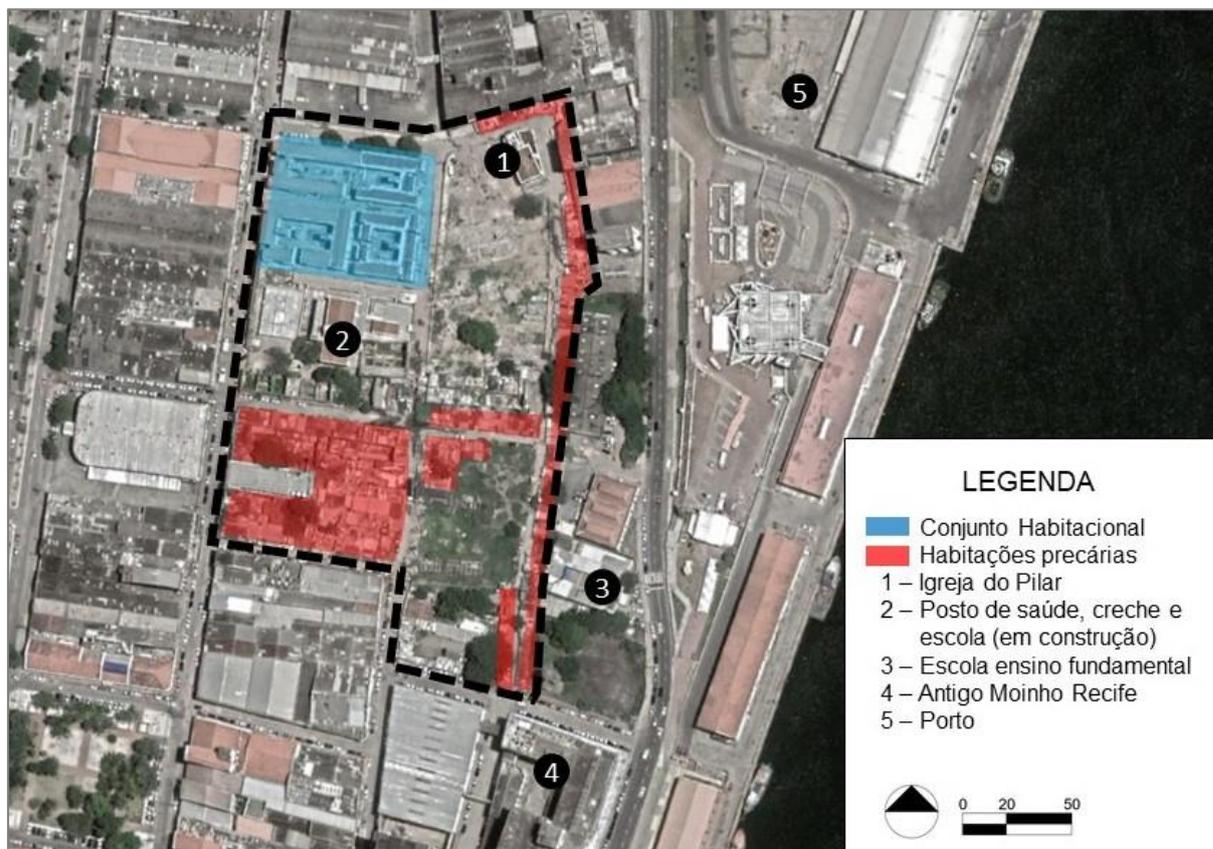
A aglomeração habitacional na parte norte da área de estudo é significativa. A Comunidade do Pilar reúne em mais de 98% da população residente. E após as intervenções na região, feitas de forma morosa, essa população se distribuiu de formas diferentes, em situações de habitação destoantes e até mesmo conflitantes.

Apenas quatro dos dezessete blocos de edifícios residenciais estão concluídos até o momento. Entretanto isso não foi suficiente para erradicar as moradias em condições deploráveis de saneamento, espaço interno, salubridade e conforto. Uma série de edificações erguidas em materiais de rápido perecimento, como madeira, telhas de fibrocimento e metal, se aglomeram nas calçadas dos edifícios sem uso ou subutilizados que contornam a comunidade do pilar, bem como o interior de algumas quadras e entre os esqueletos de antigos sobrados arruinados há muito tempo.

Como já dito, a Comunidade do Pilar está cercada de um espaço expressivamente sem uso do Bairro do Recife. Em determinado momento, as quadras ao norte e leste tiveram seus acessos obstruídos por muros e construções ligados aos galpões que existem naquela área, assim, essa região fica, de certo modo, isolada. Os diversos momentos de realocação, demolição, abandono e reocupação, moldaram a forma como as ocupações se dispunham nessa região, sobretudo nos últimos dez anos, período em que a comunidade passaria por uma renovação. Assim, resultando nos padrões construtivos que lá existem hoje. A Figura 9, na página seguinte, ilustra as áreas habitadas na Comunidade do Pilar, bem como diferencia os seus padrões construtivos.

⁹ Está excluída deste percentual toda a região do aterro do Cais do Apolo.

Figura 9 – Padrões construtivos da Comunidade do Pilar



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Em azul, está a única quadra que teve suas obras concluídas, onde foram edificados quatro prédios habitacionais que receberam parte dos habitantes que outrora ocupavam os barracos, hoje demolidos, da quadra diante da Igreja do Pilar. Nas áreas em vermelho estão as habitações precárias que ainda resistiam no período da primeira fase da pesquisa de campo. Esses barracos compõem algumas ocupações antigas, como a que se instala na quadra quase que totalmente vermelha que margeia a Rua do Brum (ver Figura 10 na página seguinte), outras são mais novas, como a ocupação no entorno da Igreja do Pilar.

As calçadas da Rua do Ocidente, Rua Edgar Werneck e Rua de São Jorge encontravam-se ocupadas por uma série de barracos de madeira ou pequenas residências de alvenaria, todavia, durante o processo da pesquisa de campo, a demolição de muitas dessas construções vinha acontecendo. No decorrer da pesquisa parte da população foi removida, tendo suas habitações arrasadas para abrir espaço para os canteiros de obra, enquanto que outros permaneciam em meio a casas semidemolidas (ver Figura 11 na página seguinte) ou escombros, à medida que novas ocupações ocorriam nos arredores da Igreja do Pilar.

Figura 10 – ocupações diante de ruínas de edificações antigas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 11 – Casas habitadas em meio à casas demolidas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Diferente da parte sul da área de estudo, aqui a população residente exerce um grande peso na dinâmica urbana e de usos da região, já que o uso habitacional é predominante em meio à uma área repleta de espaços sem uso. Muitos dos moradores trabalham no sul do bairro ou no porto, ocupando empregos formais, mas um grande contingente trabalha como comerciantes ambulantes, se valendo do alto fluxo de pessoas na região sul, economicamente mais desenvolvida. Essa concentração de moradores cria um senso de comunidade, que experiencia a organização social junto à alguns movimentos sociais para reivindicar direitos e sobretudo o adiantamento das obras na região.

Mas é notável que os recentes processos de reforma nesta região alteraram essa unidade comunitária, já que atraiu novos ocupantes de outras áreas da cidade, que têm a esperança de conseguir uma unidade habitacional nos edifícios que serão construídos, bem como separou vizinhos dentro do conjunto habitacional, forçando as pessoas à criação de novos laços de vizinhança. Mas também é perceptível que, com a existência de dois padrões construtivos, bem como por eles estarem separados por grandes espaços sem uso, acabou-se por criar subgrupos dentro da Comunidade do Pilar, diferenciados justamente pelo senso de comunidade que desenvolveram diante da segregação, sobretudo pautada na distinção construtiva e espacial de suas residências.

Assim, temos três grupos: Os habitantes do conjunto residencial, que conseguiram sair das ocupações precária para melhores condições de moradia; os ocupantes da quadra entre a Rua do Brum e a Rua Bernardo Vieira de Melo, bem como os que ocupam a região do cruzamento desta última com a Rua do Ocidente e os moradores mais ao sul da Rua de São Jorge, estes são ocupantes mais antigos que ainda lutam por condições melhores de moradia; o último grupo é o das ocupações nos arredores da Igreja do Pilar, que habitam em ocupações

novas e muitos vêm de outras partes da cidade, estando alheios à população histórica do local, mesmo que aos poucos firmem relações mais sólidas com ela.

Entre os edifícios habitacionais, e nas ruas do entorno, há a presença de alguns vendedores de comida de rua, como pastel e cachorro quente, que tem os próprios moradores da comunidade como clientes. Da mesma forma que algumas habitações ocupam as calçadas, também pode-se encontrar pequenos estabelecimentos na mesma configuração: pequenos salões de beleza, bares e mercearias. O mesmo ocorre com os apartamentos que se localizam no térreo dos edifícios habitacionais, ali, muitos moradores adaptam parte da casa para implantar uma fonte de renda advinda do comércio ou da prestação de serviços. De certa forma, configurando-se como uma demanda imposta pela habitação que domina a região.

O número de edificações com uso habitacional na parte sul do Bairro do Recife (ver a Figura 12 na página seguinte) é bem inferior ao encontrado na Comunidade do Pilar. Quatro dos cinco lotes habitacionais da região sul encontram-se em uma única quadra, que fica entre a Rua do Apolo e a Rua da Guia. O lote residencial da Rua da Guia se tornou habitacional após o Plano de Reabilitação do Bairro do Recife de 1988, que transformou aquele sobrado em um conjunto de dois apartamentos. O Sobrado de três pavimentos tem um restaurante no térreo e a residência do proprietário no andar superior, o segundo andar é alugado pelo proprietário, sendo usado também como residência.

Na Rua do Apolo, três lotes abrigam o uso residencial, sendo que dois deles funcionam como residência de uma única família. Em um destes dois lotes, que são lindeiros, funciona um antiquário no térreo, o outro lote conta com a garagem da residência, esses dois espaços são encimados pela residência, que abarca os dois lotes. O Outro sobrado residencial da rua é mais estreito, porém mais alto, quatro pavimentos todos ocupados por um único núcleo familiar. Mais um pequeno lote, situado na esquina da Travessa Tuyuty e Rua Mariz e Barros funciona com um estacionamento para motocicletas no térreo, enquanto quartos são alugados no andar superior.

Estes são os representantes do uso habitacional na parte sul do Bairro do Recife, onde aproximadamente dez pessoas residem. Um número simbólico, que permite afirmar que essa população reduzida não interfere de forma significativa na dinâmica urbana do local. Mesmo que alguns estejam relativamente próximos, que senso de comunidade pode surgir daí?

Figura 12 – Edifícios com uso habitacional na parte sul do Bairro do Recife



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Diante da pequena comunidade, se é que ela existe, a demanda por serviços e comércio ligados à habitação, característico da região norte, não existe na região sul. Como visto anteriormente, a predominância ali é de serviços e comércio voltados à uma demanda menos específica que à da habitação, configurando-se como um polo de tecnologia, turismo e lazer, que acaba por levar a grande maioria dos serviços da área a se encaixarem nessas categorias. De fato, existe um pequeno mercado, instalado no térreo de um dos edifícios ecléticos nas proximidades da Avenida Rio Branco, mas o espaço é pequeno e tem disponível apenas produtos que possam suprir uma urgência momentânea. Também há uma única farmácia, que sofre reclamações em relação ao alto custo de seus produtos. No mais, não existem padarias, quitandas, academias e outros serviços e comércios que são essenciais para que a habitação se mantenha.

Entre as diretrizes do Plano de Revitalização de 1993, estava a atração de “atividades econômicas e sociais de suporte à vida familiar” (p.39) se referindo à necessidade de estabelecimentos como farmácias, padarias, mercados, escolas, unidades de saúde, creches, e outros como sendo fundamentais para a permanência e atração de moradores. É notável que o

processo de reabilitação do bairro falhou em promover a atração desse tipo de serviço. Uma culpa que recai sobre os ombros da visão mercadológica que predominou entre os executores do plano de 1993.

Conforme observado na pesquisa de campo, há uma concentração de serviços no Bairro do Recife, e mesmo que haja pluralidade, eles tendem a se alocarem em poucos nichos: TIC, EC, lazer, alimentação. Serviços básicos ao suporte da habitação são pontuais ou não existem ali. Esse é um dos fatores que fazem a situação habitacional do bairro permanecer estagnada e a atração de novos moradores ser algo difícil. Os motivos são muitos, mas podemos concluir que os principais se devem ao alto custo do solo nesta região, mas também diante da inexistência de serviços especializados e comércio de suporte ao uso residencial. Há um grande dilema nesta região: enquanto não houverem esses serviços, os habitantes não terão interesse em se instalar, da mesma forma, enquanto não houverem habitantes, não haverá demanda, e conseqüentemente esses serviços e comércio não irão se estabelecer no bairro.

Deve-se atentar ainda para a questão do perfil dos moradores, pois os estabelecimentos comerciais e de serviço da região norte têm caráter local e de pequeno porte, que realidade seria visível se esses moradores pertencessem à classe média? As grandes redes de supermercado, de farmácias, entre outros, se estabeleceriam na região sul se houvesse uma comunidade expressiva, mas de perfil de baixa renda?

A presença habitacional na Comunidade do Pilar tem outras nuances, estando elas voltadas principalmente à movimentos de resistência e permanência, ao problema nacional do déficit habitacional e a falta de moradia e acesso ao solo para as camadas mais pobres da sociedade. Notar que essa população está reclusa em uma área que foi e talvez ainda seja, a mais degradada do bairro, se fundamenta no que foi discutido no capítulo 1 deste trabalho, que o centro degradado atraiu a ocupação das camadas mais pobres da população, desesperadas por um local de residência, independente das condições de moradia.

O abandono daquela região tornou mais fácil a ocupação, visto que, muitas vezes, os proprietários não apresentaram resistência às ocupações ou estavam alheios a esse processo. Esse é o motivo das ocupações na região sul não serem efetivas, apesar de comunidades de moradores de rua se instalarem nas calçadas de alguns prédios sem uso, como veremos no capítulo seguinte. Enquanto os altos preços do solo impedem que os moradores das classes mais pobres se instalem no bairro formalmente, a Comunidade do Pilar surge como única opção de moradia, ainda que precária. Pode-se dizer também que existe a esperança de que os Conjuntos habitacionais sejam concluídos e que condições melhores de moradia lhes sejam dadas, e que talvez sejam asseguradas diante da conversão da comunidade em uma ZEIS, um processo que

tramita junto da revisão do Plano Diretor de Recife, que se encontrava em processo de revisão durante a escrita deste trabalho.

Antes de partirmos para os resultados da segunda fase da pesquisa de campo, provenientes da observação, uma questão relacionada à dinâmica de usos descrita neste capítulo chamou a atenção e é necessário criarmos um adendo sobre esse tema, olhando-o com mais cautela e atenção. A situação de inatividade em algumas partes do bairro, encabeçada pela categoria sem uso do levantamento do uso do solo, se mostrou um problema que permanece relevante e forte no Bairro do Recife, mesmo que este problema tenha sido um dos principais pontos a serem combatidos em todos os planos de reabilitação ou intervenção urbana das últimas décadas. O tópico seguinte suscita questionamentos e uma análise sobre os usos que atribuem inatividade à cidade, mas, fundamentalmente, o abandono.

5.1.2 A Sombra do Abandono

Não faz muito tempo que o Bairro do Recife saiu de uma estagnação econômica, um reflexo desse período é a permanência de um elevado número de edifícios sem uso ou parcialmente utilizados. Durante a pesquisa de campo, era perceptível que vários prédios do bairro passavam por reformas ou reabilitação, sendo adaptados para novos usos inseridos através das iniciativas do Porto Digital. Entretanto, conforme Lacerda e Fernandes (2015, p.347), em virtude das limitadas ofertas de espaço construído e do bairro ter se transformado em um ambiente propício ao lazer, o turismo e a instalação de empresas de tecnologia da informação, “os preços de compra e venda de imóveis passaram a conter fortes elementos de monopólio locacional”.

Nesse contexto, o estado, através do Núcleo de Gestão do Porto Digital, age como um agente imobiliário “ora viabilizando espaços físicos, mediante cessão onerosa ou não, ora identificando aqueles disponíveis no aludido mercado” (LACERDA; FERNANDES, 2015, p.350). Deste modo, a variação do preço do solo no Bairro do Recife teve o maior crescimento entre os bairros do centro histórico, em função dos investimentos públicos em infraestrutura e as ações do Porto Digital, que através desse “monopólio locacional” condiciona boa parte das transformações e ocupações dos lotes no bairro às empresas de tecnologia e demais serviços incorporados pelo parque tecnológico.

Essa interferência dificulta o acesso de outros usos ao bairro, que diante da valorização imobiliária, se mostra inacessível, salvo para as empresas vinculadas ao Porto Digital, que gozam de benefícios fiscais e imobiliários. Assim, apesar de promover boa parte do resgate de

edifícios outrora sem uso, o poder público e o Porto Digital têm parcela de culpa na forte presença de imóveis ainda nessas condições.

Nesse cenário, o número de lotes sem uso algum ainda é elevado, 107 lotes para ser mais exato, o que significa que quase um terço de todos os lotes da área de estudo estão inseridos nessa realidade. Da mesma forma, se apresentam quadras inteiras, símbolos de processos inacabados ou a saída de investimentos que vieram para o bairro em função do Plano de Revitalização, mas que perderam o fôlego no decorrer das últimas décadas. Neste cenário, o Edifício Chanteclair, localizado na Avenida Marquês de Olinda, é símbolo de um restauro inacabado e uma fuga de um capital que foi perdendo o interesse no bairro. Restaurantes, cafés e bares também fecharam as portas nos últimos anos, sintomas de um enfraquecimento do setor de lazer e turismo.

A Figura 13 na página seguinte traz um mapa que espacializa não só os lotes que se encontram sem uso, como novas categorias dissecadas a partir de dinâmicas de abandono ou ociosidade presentes em algumas edificações ou em partes destas. Deste modo, considerou-se também a problemática da subutilização, dos lotes não edificadas, os lotes em obras e os edifícios garagem.

É possível perceber a existência de lotes sem uso em grande parte das quadras, espalhados por todo o bairro. Entretanto, o problema se agrava na região norte da área de estudo, nas imediações da comunidade do Pilar, onde quadras inteiras se encontram sem uso ou não edificadas. As quadras nessa situação no interior do polígono da comunidade, contribuem para a criação de uma área de esquecimento e pioram as condições de vida dos moradores, um problema inerente à morosidade das obras na comunidade.

As quadras não edificadas foram demolidas para a implantação do projeto habitacional para a Comunidade do Pilar, todavia, quadras edificadas apresentam-se totalmente abandonadas, onde grandes edificações entram em processo de arruinamento e conferem ao espaço público um ar de degradação e abandono. Nesse contexto estão os edifícios onde antigamente funcionavam o Moinho Recife e a Fábrica da Pilar, mas o problema se repete em lotes pequenos, de edifícios outrora habitacionais ou comerciais que estão fechados e ruindo desde o período de estagnação econômica de meados do século passado.

O mapa da Figura 13 ilustra também os lotes que se encontram subutilizados. Neste trabalho, a noção de lotes subutilizados leva em consideração o aproveitamento de sua área. Estão classificados nesse tipo, os lotes onde 50%, ou mais, de sua área total encontra-se sem uso. Enquadram-se aqui lotes que se valem apenas de um dos pavimentos, deixando os andares superiores fechados e alheios à dinâmica de usos do bairro. Essa situação é recorrente na região

Os lotes não edificados se distribuem por todo o bairro, entretanto são utilizados de maneiras diferentes de acordo com a região que se localizam. Nota-se que quadras inteiras dentro do polígono da Comunidade do Pilar encontram-se não edificadas. As quadras tiveram os barracos demolidos, e no espaço outros edifícios residenciais seriam erguidos, entretanto, o ritmo das obras é lento, e o espaço encontrava-se ocioso, já que os trabalhos de construção focavam na finalização do posto de saúde e da construção da creche e escola da Comunidade do Pilar¹⁰.

Já os cinco lotes não edificados na parte sul estão sendo utilizados como estacionamento. Em determinado momento, as edificações, que nestes lotes existiam, ruíram e foram demolidas, dando lugar à estacionamentos. Isso é realidade na Avenida Rio Branco, onde um lote não edificado de proporções consideráveis funciona como um estacionamento. Um espaço de garagem onde outrora se erguia um edifício eclético.

Os dois lotes no Aterro do Cais do Apolo, representados na Figura 13, possuem a mesma função, são enormes parques de estacionamento que se conectam com os parques de estacionamento das repartições públicas que funcionam ali. Nestes lotes, as únicas edificações existentes são guaritas que controlam a entrada e saída de veículos.

A demanda por estacionamento que o elevado número de automóveis circulando no Bairro do Recife exige é responsável pela adaptação de muitas edificações para o abrigo de carros. Como exposto anteriormente, estes edifícios estão na Avenida Cais do Apolo e nos arredores da Praça Tiradentes, eram galpões que armazenavam açúcar, quando esta avenida ainda era um cais. Sem utilidade após o aterro, eles foram usados como espaço de armazenagem do comércio atacadista, mas aos poucos essas construções se tornaram estacionamentos, uma medida que muitas vezes é adotada para dar uma função para o edifício, uma espécie de paliativo que danifica a estrutura histórica dessas edificações e pouco agrega para a dinâmica urbana e a vitalidade do espaço.

Por esse motivo os edifícios garagem foram incorporados nesta seção do trabalho. A adaptação de muitos edifícios para o uso como estacionamento acaba por desconfigurar seu caráter histórico ou patrimonial, tornando-se um agente nocivo na preservação do patrimônio. Outro fator é que estes espaços funcionam somente enquanto houver trabalhadores no bairro, estando fechados durante a noite e criando contínuos espaços urbanos totalmente “mortos” em períodos “não comerciais”. Além de privar o espaço público do pedestre, já que os trabalhadores

¹⁰ Na segunda fase da pesquisa de campo, o posto de saúde teve suas obras concluídas, assim como foi inaugurado. As quadras não edificadas da Comunidade do Pilar foram então cercadas para que as obras dos conjuntos habitacionais e da praça fossem realizadas, mas as obras não tiveram início até o período de escrita deste trabalho.

optam pelo carro, em detrimento do transporte público e o passeio a pé. É uma relação de duas vias, à medida que mais vagas de estacionamento surgem, mais carros irão circular no Bairro do Recife, da mesma forma, quanto mais carros circulando, mais vagas precisarão surgir.

A tendência é que muitos dos lotes sem uso, aos poucos se tornem espaços de estacionamento, sobretudo os situados nas vias de alto fluxo, como a Rua Madre de Deus e a Avenida do Cais do Apolo. Estes são espaços onde a presença de estacionamentos se faz, ao mesmo tempo que possuem um elevado número de edifícios não utilizados.

Os lotes sem uso configuram-se como um problema atual para a vitalidade urbana do bairro, e com este problema, uma série de fatores limitam a atração de novos usos, elevando índices negativos, como o de violência urbana. Entretanto, este problema pode se tornar uma potencialidade no bairro, já que são espaços “livres” para a recepção de novos usos, sobretudo aqueles intrínsecos às demandas gerada pela habitação e por que não ao abrigo de moradias?

Como já dito, a experiência de habitação em centros históricos no Bairro do Recife é dada pela Comunidade do Pilar e seu projeto de habitação, mas esse processo se dá através da renovação de um espaço degradado que perdeu seu valor histórico. Todavia, experiências de conversão e adaptação foram raras e muito pontuais no Bairro do Recife, diferindo assim da experiência de Salvador exposta por Bonduki (2002) e debatida no capítulo 1 deste trabalho. O Bairro do Recife tem espaço e edifícios disponíveis para a conversão em habitação, mas esbarra em problemas relacionados à propriedade, ao elevado custo da terra e o custo da adaptação dos edifícios, muitas vezes de tipologia comercial, ao uso residencial.

Além do mais, quais garantias seriam dadas para que as populações, que por ventura se instalassem na parte sul do Bairro do Recife através de conversões dos edifícios históricos em unidades habitacionais de interesse social, não sejam expulsas pela pressão de um processo de gentrificação? Haja vista que o Recife Antigo, a região sul, é um espaço de consumo voltado para as classes média e alta, um espaço que apresentaria resistência diante da popularização habitacional, ainda mais sendo ela de caráter social.

Todos esses aspectos devem ser levados em consideração para a realização de uma abordagem habitacional sobre um tecido que perdeu todos seus habitantes e se tornou um centro especializado e de consumo específico. Valor da terra, serviços e comércio de suporte à habitação, o pensamento centralizador que zoneia a cidade de acordo com usos e o *status quo* de bairro de consumo, de turismo e de lazer, se configuram como barreiras poderosas para a atração de populações residentes ao bairro. Entretanto, para entender esse espaço mais à fundo, optou-se por estar perto e dentro, munido do olhar etnográfico dado através da observação e da apreensão de falas dos atores envolvidos com o bairro. O capítulo seguinte discorre sobre o

Bairro do Recife em seu aspecto relacional, bem como social e humano, fruto dos resultados da segunda fase da pesquisa de campo.

6 O BAIRRO DO RECIFE: CAMINHOS E AFETOS

O presente capítulo descreve os resultados obtidos através da segunda etapa da pesquisa de campo, que se caracterizou pela observação guiada por trajetos preestabelecidos sobre a área de estudo delimitada para esse trabalho. Desses trajetos, se obteve um diário de campo com as anotações das experiências individuais vivenciadas pelo pesquisador durante o ato de caminhar e observar o bairro, que também estão expressas nesse capítulo. Do mesmo modo, estão descritos os resultados obtidos através das entrevistas realizadas com atores que têm no Bairro do Recife o seu local de trabalho. Assim, este capítulo suscita os motivos objetivos e subjetivos responsáveis pela escassez habitacional no Bairro do Recife, sobretudo na parte popularmente conhecida como Recife Antigo, que corresponde à parte sul do recorte da pesquisa.

No capítulo anterior, se entendeu como o bairro funcionava no interior do lote (espaço privado), agora isso será feito na rua (espaço público), através das formas de sociabilidade, bem como o relato de alguns comportamentos notáveis e situações envolvendo os atores atuantes no interior do Bairro do Recife, descritos nesse capítulo. A partir da observação e da síntese das experiências vividas pelo pesquisador nas ruas do bairro em questão, também está exposto graficamente um mapa afetivo do lugar, traduzindo espacialmente como o bairro funciona no que tange a apropriação do espaço público pela população, bem como as relações sociais que exercem nele. Do mesmo modo, a última parte deste capítulo traz as exigências feitas pelos entrevistados quanto a possibilidade de moradia, evidenciando e fundamentando através de seus relatos os motivos que fazem o bairro ter uma população tão ínfima.

Ao todo, nove trabalhadores do bairro se disponibilizaram para uma entrevista aberta de perguntas livres, mas com uma estrutura, que embora maleável, era pré-definida. A entrevista abordou não só o tema da habitação, através da pergunta principal: Você moraria no Bairro do Recife? mas, também, as visões que os entrevistados detinham sobre o bairro, como pontos negativos e positivos, além de questionar as funções dadas por eles ao bairro, além daquelas ligadas ao trabalho. O Quadro 4, na página seguinte, sintetiza o perfil dos entrevistados.

Houve a preocupação em ter uma variedade de perfis entre os entrevistados, buscando pluralidade etária, de gênero e também de profissões. De modo similar, houve uma pluralidade quanto ao local de residência dos entrevistados, sendo todos residentes da região metropolitana, especificamente das cidades de Recife e Olinda (que tem acesso facilitado ao Bairro do Recife). Os entrevistados possuem residências que pontilham várias regiões da cidade do Recife, estando em bairros socialmente variados. A grande maioria era originária da cidade do Recife, com exceções de três pessoas, uma que nasceu em Curitiba-PR, mas que reside na cidade desde

a infância; outro proveniente de São Paulo-SP, mas que reside na cidade há trinta e sete anos; e outro de São Joaquim do Monte-PE, que se mudou para a cidade com fins educacionais há alguns anos.

Quadro 4 – Perfil dos entrevistados na pesquisa.

Entrevistado	Gênero	Idade	Profissão	Bairro Atual	Tempo de Trabalho no bairro
1	Masculino	24	Engenheiro de software	Várzea	Dois anos
2	Feminino	31	Administradora de Empresas	Soledade	Um ano e Nove meses
3	Masculino	63	Funcionário público Federal e músico	Graças	Quinze anos
4	Masculino	38	Arquiteto e urbanista	Boa Viagem	Três anos
5	Masculino	63	Motorista	IPSEP	Dez anos
6	Feminino	45	Secretária	Ouro Preto (Olinda)	Cinco anos
7	Feminino	37	Designer	Carmo (Olinda)	Sete anos
8	Masculino	24	Engenheiro de software	Boa Viagem	Dois anos
9	Masculino	53	Gerente de TI	Casa Amarela	Seis meses

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Com um grupo, que possuía um tempo razoável de trabalho no bairro, foi possível dar credibilidade aos relatos feitos. As falas coletadas abordaram uma série de fatores que por ventura viriam a se configurar como um problema em enxergar como o Bairro do Recife funciona, assim como permitiu ao pesquisador verificar se as situações e experiências observadas durante a pesquisa também eram observadas e do conhecimento dos entrevistados. Deste modo, este capítulo se debruça sobre essa série de dados coletados através das técnicas de pesquisa ligadas ao método etnográfico norteador desta pesquisa.

6.1 A DIVERSIDADE E HOMOGENEIDADE DO BAIRRO

Adentrar o Bairro do Recife é sempre uma experiência animadora. Ainda mais quando se está disposto a descobrir algo novo sobre aquele lugar antigo e novo, belo e feio, rico e pobre, vivo e morto. A dualidade no bairro é marcante e, numa análise de longe, é bem delimitada espacialmente: segregada. Mas, num olhar aproximado, fruto de uma frequência de visitas e vivências, é possível afirmar que a dualidade se relaciona e se mistura por todo o bairro. A beleza é vizinha da feiura, assim como a pobreza é da riqueza, separadas por alguns metros de distância ou pelos poucos centímetros de espessura de uma parede.

Ao assumir que trabalharia com o Bairro do Recife, o pesquisador estava ciente que pouco dele conhecia. Vindo de uma cidade do interior do estado, o conhecimento prévio do bairro aconteceu diante de poucas visitas feitas durante o curso de arquitetura e urbanismo ou em idas durante dois carnavais, donde lhe foi apresentada apenas a parte sul. Era um lugar novo a ser explorado, observado e compreendido, mas ainda assim, foi necessário abandonar opiniões prévias, feitas sem muita base concreta e através de pensamentos de terceiros. Foi um processo de desconstrução e reconstrução realizado durante todo o tempo dispendido caminhando pelas ruas do bairro.

Morar no lugar pesquisado é visto com bons olhos numa pesquisa onde o olhar se propõe a ser tão aproximado, mas infelizmente o pesquisador não pôde realizar tal feito. Sim, ele se incluí no grupo que, num primeiro momento, não tem interesse de morar no bairro. Mas tentou-se remediar essa distância estando perto do bairro, indo morar no Centro do Recife, num bairro mais adequado aos padrões e necessidades exigidas pelo pesquisador. Deste modo, o Bairro da Boa Vista foi escolhido, estando o pesquisador residindo à cerca de novecentos metros do bairro, indo até ele à pé numa caminhada de um pouco mais de dez minutos. O caminho até a área de estudo era feito ao se atravessar as pontes Princesa Isabel e Buarque de Macêdo, além da Praça da República no extremo norte do Bairro de Santo Antônio, um trajeto que foi realizado em diversos horários, turnos e dias, tomado como entrada do bairro sempre o cruzamento da Avenida Cais do Apolo e a Avenida Rio Branco.

Como exposto no capítulo 2 desse trabalho, os trajetos de observação no interior do bairro foram dois, que abarcaram, cada um, as duas áreas subdivididas no recorte da pesquisa. Assim como o recorte de pesquisa foi subdividido em dois, duas são as cidades analisadas neste trabalho. O Bairro do Recife ao sul é diferente do mesmo bairro ao norte. Essa era a ideia que se tinha em mente antes da realização das observações e que foi reforçada com a conclusão da pesquisa de campo. Deste modo, a análise se debruçará sobre essas duas “cidades” de forma isolada, mas não impondo limites para que aspectos de um, que por ventura influenciem o outro, não sejam desconsiderados.

6.1.1 A Parte Sul do Bairro do Recife como Cidade Diversa

Muitos são os que frequentam a parte sul do Bairro do Recife. Empresários, funcionários públicos, funcionários do setor de tecnologia, turistas, vendedores ambulantes, profissionais liberais e mais uma série de pessoas que vão ao bairro todos os dias seja a trabalho ou a lazer. Mas no fim de cada dia, seja ele útil ou não, quase todos partem de volta para suas casas e

hospedagens. Claro que o horário que o dia termina pode variar. Para a grande maioria, o dia acaba quando sua jornada de trabalho se finaliza com o anoitecer. Neste momento, outros podem estar chegando, principalmente quando é final de semana, ou este está próximo. Os bares e alguns restaurantes são ocupados, assim como a rua, a qual, estes estabelecimentos, se utilizam sem medo.

Mas antes de adentrarmos nas questões de frequência e ocupação da rua, é necessário nomear os atores identificados na pesquisa de campo. Na parte sul, temos uma variedade maior que na parte norte, a maior pluralidade de usos reflete uma maior pluralidade de usuários. Temos aqui o turista, que está na cidade a passeio, e encontra no Bairro do Recife um espaço que possa lhe fornecer entretenimento, cultura e história no curto período de tempo que ficará na cidade; logo temos o trabalhador, aquele que vai ao bairro pois é lá o seu posto de trabalho; o visitante esporádico é o recifense, ou habitante de cidades próximas, que costuma visitar o bairro pelos mais diversos motivos, seja o consumo de um serviço oferecido pelas empresas de TI, ou para uma ida num bar ou restaurante, e também para visitar museus e outros espaços culturais, ou apenas usufruir da rua através de uma pedalada ou corrida num final de semana, tudo isso feito de forma um pouco rara, não havendo o costume de ir sempre lá; o visitante frequente é, pelo contrário, habituado a fazer suas idas no Bairro do Recife, pelos mesmos motivos do visitante esporádico, mas usufrui com maior frequência, e até como rotina, do Bairro do Recife; por fim, temos o morador, estes são poucos nesta região do bairro, mas também estão incluídos aqui os moradores de rua que tomam nesse espaço um lugar para residirem de forma extremamente precária.

Muitos atores estão inseridos em mais de uma dessas categorias, principalmente na relação entre trabalhar e usufruir da rua e dos serviços oferecidos no bairro. Da mesma forma, muitos podem circular entre as duas regiões do bairro, como por exemplo alguns atores residentes da parte norte, que costumam ir ao sul para trabalhar, estudar ou consumir.

Ao se ter em vista que na parte sul do bairro há diversidade de usos e atores, a primeira grande impressão que é dada é a enorme quantidade de pessoas nas ruas em determinados horários. As ruas desta região, algumas das quais de uso exclusivo para pedestres, comportam um grande número de pessoas que transitam a pé ao mesmo tempo que grupos de turistas circulam por determinados pontos, fascinados pela história e cultura atrelados ao bairro.

Entretanto, é preciso frisar que o bairro é utilizado e a sociabilidade se manifesta de formas diferentes a depender do horário, do dia ou de eventos que por ventura venham a ocorrer no bairro. Esse contraste é mais visível na parte sul, que muda suas características conforme as horas se passam e os dias são contados. Nos dias de semana, em horários diurnos, o bairro se

configura como um centro de trabalho. Nesta Parte, as ruas ficam mais calmas durante o horário de trabalho, mas nos horários de intervalo e nos horários de chegada e de saída, o bairro é tomado por pessoas.

Em todos os dias úteis, por mais cedo que se chegasse no Recife Antigo, sempre haveria alguém que já estava na rua. Sejam as pessoas que esperam na fila da agência de empregos, ainda fechada, ou sejam os muitos trabalhadores que esperam seus trabalhos abrirem, sentados nas calçadas, ou no mobiliário urbano. Neste meio tempo, outras pessoas atravessavam as pontes, a pé, vindas dos terminais de transporte público de Santo Antônio, ou caminhavam pela Avenida do Cais do Apolo, onde os BRTs e os ônibus paravam para que seus passageiros desembarcassem.

Logo os carros estão nas vias arteriais do bairro. Avenida Cais do Apolo, Avenida Alfredo Lisboa e Rua Madre de Deus estão repletas de automóveis que apenas passam pelo bairro, ou que, mais comumente, adentram em suas ruas estreitas em busca de vagas de estacionamento nos acostamentos, onde são recepcionados por flanelinhas (ver Figura 14), ou nos diversos edifícios garagem e parques de estacionamento espalhados pelo bairro. Logo as empresas, repartições públicas, museus e demais estabelecimentos estão abertos e o número de pessoas na rua diminui, mas muitas ainda estão lá.

Figura 14 – Veículos tomam acostamentos e parte das calçadas nas imediações da Praça do Arsenal.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 15 – Excursão de estudantes passa pela Rua do Bom Jesus



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Logo chegam os turistas, e com eles os vendedores ambulantes, que oferecem fotografias instantâneas, pequenos souvenirs, ou as famosas sombrinhas de frevo, além de uma série de comidas de rua e petiscos. É comum haverem excursões guiadas pelo bairro (ver Figura 15), em que grandes grupos se deslocam por algumas ruas, mas é notável, a partir da observação

constante, que há um núcleo onde os turistas se concentram e por onde passam as excursões guiadas.

A Praça Rio Branco, mais conhecida por Praça do Marco Zero, é o ponto central deste complexo turístico e de onde esses usuários costumam irradiar. Unido pela praça do Marco Zero, esse complexo turístico é composto pelas Ruas do Bom Jesus e pelas Avenidas Rio Branco e Praça do Arsenal, além do Cais do Porto, indo do Marco Zero e dos restaurantes nos galpões ao sul da praça, até o Centro de Artesanato e o Museu do Cais do Sertão ao norte. Algumas vezes, a Avenida Marquês de Olinda e a Rua da Moeda são inseridas nesse roteiro guiado, levando os turistas até a região da Alfândega, onde há a Igreja Madre de Deus e o shopping. O parque das esculturas, localizado nos arrecifes entre o Rio Capibaribe e o Oceano Atlântico, é parte integrante deste complexo turístico, o acesso até este local é dado por pequenas embarcações que ligam a Praça do Marco Zero aos rochedos do outro lado do rio, um passeio bastante procurado pelos turistas.

Os edifícios de caráter histórico são a maior atração do bairro, e através deles o Recife Antigo define sua paisagem. Essa excepcionalidade é notada não só pelos turistas, mas por muitos dos frequentadores do bairro, o que pode ser traduzido na fala de alguns dos entrevistados, como: “Assim, muito pessoalmente, eu gosto muito daquelas construções antigas, aqueles prédios antigos, eu acho muito bonito” (ENTREVISTADO 9, 2020). Claro que existem edifícios mais novos, e muitos que fogem aos padrões arquitetônicos do bairro, sobretudo referentes à gabarito e estilos. Entretanto, a região sul da área estudada consegue preservar boa parte da escala urbana proporcionada pelos edifícios, um fator de profunda importância no caráter humanizado desta parte do bairro.

Como todo e qualquer lugar tem um núcleo. Então aquele núcleo ali da Praça do Arsenal até aquele shopping lá, ele é até bem caminhável, né? Tem algumas calçadas estreitas, mas você consegue, [...] porque a escala é mais humanizada, então, tipo, você mostra que aquilo não é lugar de carro, aquilo é lugar de gente, é de pessoas. (ENTREVISTADO 4, 2020)

E é no horário do almoço, nos dias de semana, que o bairro se mostra “caminhável”. É quando – à exceção de momentos de festivais, como o carnaval – o bairro está mais ocupado por pedestres. Nesse momento, os trabalhadores das empresas e de tantos outros estabelecimentos e repartições públicas saem à rua para seu intervalo do almoço. Os restaurantes, numerosos no bairro, já estão abertos e passam a acomodar milhares de profissionais que irão fazer suas refeições, seja em seus espaços internos, ou em mesas espalhadas pelas calçadas.

Todo esse processo de locomoção leva uma série de pessoas, que normalmente andam em pequenos grupos, a ocuparem a rua e realizarem trajetos de seus postos de trabalho até espaços de alimentação. Os grupos são formados por pessoas de um mesmo local de trabalho, há uma relação de coleguismo, onde o horário de almoço é um momento não só de alimentação, mas de cultivo das relações e laços criados no ambiente de trabalho. Este momento não foi percebido apenas pelo pesquisador, mas também por um dos entrevistados:

Então, assim, eu sempre imaginava... trabalhar no Recife Antigo, eu imaginava ter um escritório lá, ou trabalhar para alguma empresa, alguma instituição lá, né? [...] eu procurava resolver sempre uma coisa lá, por que? Porque eu adorava ver aquelas pessoas, né? Na hora do almoço. Pra mim era a coisa mais... pra mim é a coisa mais poética que tem no Recife é a hora do almoço do Recife Antigo. Porque é, você tá ali, tem gente, assim, de terno, tem mulheres de *tailleur*, super elegantes, como tem também aquelas pessoas super informais, de bermuda e camiseta, né? Então, assim, tem uma... tem uma mistura, né, bacana, e as pessoas estão andando. (ENTREVISTADO 4, 2020)

Apesar de haver uma mistura de pessoas, o contato entre elas é mínimo. A disposição do andar em grupos conhecidos, seja do trabalho, ou da família de turistas, barra um pouco o contato entre eles, assim como os diferentes padrões de estabelecimentos e restaurantes acaba por selecionar e distribuir os seus clientes de acordo com o poder de compra. Nota-se também que alguns trabalhadores de algumas repartições públicas do Cais do Apolo participam deste momento do bairro, mas é um número pequeno, e quanto mais ao norte está o trabalhador, maiores são as chances de ele não ir aos restaurantes do bairro nesse momento, e se o fizer, será com o auxílio do automóvel.

Todavia, ao fim do almoço, da alimentação propriamente dita, os trabalhadores permanecem nas mesas conversando até o momento que devem retornar, ou então partem para espaços de desfrute no bairro, como, por exemplo, a Praça do Arsenal e os mobiliários urbanos da Avenida Rio Branco ou da Rua do Bom Jesus. Cria-se assim um momento de repouso, contemplação e conversa em vários pontos do bairro, que acaba quando os trabalhadores retornam a seus postos de trabalho, conforme observado e o relato do entrevistado:

Ah, durante [a semana] ... sim. Você sai, vai num café, vai no Paço, volta. Termina o almoço a gente vai dar uma... acho que dá uma circuladazinha. (ENTREVISTADO 3, 2020)

As tardes em dias de semana no Bairro do Recife são tranquilas e até mesmo bucólicas em algumas ruas. O Cais do Porto está agora sombreado pelos galpões, criando assim um espaço refrescante que atrai uma série de pessoas que se distribuem pelo espaço de acordo com a forma como querem socializar. Os restaurantes desta região, com vista para o rio e o mar,

ainda contam com alguns clientes que conversam sem hora para acabar. Na praça do Marco Zero, a agitação é a mesma que dura o dia inteiro, provocada pelos turistas, ambulantes e guias turísticos. É nesse ponto onde os turistas se concentram, tirando fotos e aguardando o embarque em um dos barcos que os levará até o Parque das Esculturas, ou um passeio de catamarã pelo Rio Capibaribe.

Porém, é nos extremos do Cais do Porto que se observa padrões interessantes de uso do espaço público e de sociabilidade. Enquanto que na parte norte, nos arredores do vão do Museu do Cais do Sertão, muitos se sentam no gramado para apenas contemplar o rio ou a cidade, ao sul, grupos de jovens costumam se concentrar para se divertirem com o auxílio de música, conversa e bebida alcoólica.

O vão do Museu do Cais do Sertão cria uma ligação entre o Rio Capibaribe e a Avenida Alfredo de Lisboa na altura da Praça do Arsenal. O gramado do entorno e a sombra do edifício criam um espaço convidativo no horário da tarde. Pequenos grupos se sentam ali para conversar, ao mesmo tempo que outros apenas contemplam a paisagem de forma individual ou em casal. Pequenos e poucos grupos de jovens às vezes se reúnem ali para conversas descontraídas e o consumo de álcool, mas os grandes grupos que fazem isso estão ao sul do cais.

Na altura dos dois últimos galpões mais ao sul, diversos grupos de jovens se transformam em um grande aglomerado de pessoas que usufruem do espaço público (ver Figura 16 na página seguinte). Estes jovens são estudantes do turno da manhã de escolas nos arredores do bairro, que largam de seu dia de aula e partem para aquela região do bairro para se divertir com os amigos, consumir bebidas alcoólicas e paquerar. Apesar de também acontecer no sábado, esse fenômeno acontece com maior força nos dias de semana, pois estes são os dias de aula, e tendem a ser mais frequentes nos dias finais da semana útil, a partir da quarta-feira, mesmo que nas segundas e terças isso ainda ocorra de forma rara e em menor proporção.

Da mesma forma que é comum essa ocupação juvenil da parte sul do bairro, também é comum notar que a polícia, por diversas vezes, acaba se dirigindo para aquela área. A polícia, que faz a “segurança turística” do bairro, marca presença e se configura como um elemento de contenção dos jovens. Da mesma forma que seguranças privados podem estar nesta área exercendo o mesmo papel, provavelmente contratados pelos restaurantes, voltados à consumidores de maior poder aquisitivo, que se instalam nos galpões desta área.

Figura 16 – Jovens se aglomeram no extremo sul do Cais do Porto.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Os jovens permanecem ali até o anoitecer, quando o bairro explode mais uma vez em movimentos. Os carros tomam as ruas arteriais mais uma vez, assim como os pedestres que se dirigem aos pontos de ônibus e estações de BRT lotadas. Logo, o bairro do Recife se esvazia e a concentração de pessoas é mínima. O espaço cheio de pessoas do dia se transforma em um espaço vazio, mas é válido fazer ressalvas quanto às diferenças entre os dias da semana. Normalmente o bairro esvazia nas segundas, terças e quartas, quando não há lazer noturno notável, propiciado pelos bares. Às quintas e sextas, bem como sábados e domingos, são dias em que muitos costumam ir ao bairro em busca de diversão e entretenimento noturno. Durante a pesquisa, iniciou-se um evento semanal chamado Terça do Vinil, um festival que dura todo o verão no Bairro do Recife e tem como premissa a apresentação de DJs no vão do Cais do Sertão nas terças-feiras. Esse evento foi o responsável por tirar esse dia da semana do hall de dias vazios durante a noite, pelo menos enquanto o festival durar.

Seria incorreto afirmar que a parte sul do Bairro do Recife não tem vida durante à noite, assim como também é errôneo fazer a afirmação inversa. Isso porque essa parte do bairro tem espaços distintos. Locais como a Praça do Arsenal costumam ter pessoas na rua em quase todos os momentos, independente do horário ou dia. O mesmo se dá na Avenida Rio Branco. Mas isso é quase que exclusivo desses dois espaços. A questão é que a noite potencializa uma faceta da parte sul do Bairro do Recife que é difícil de enxergar durante o dia, um dos motivos para que ele seja desconsiderado como uma opção de moradia: a característica do vazio noturno dos bairros comerciais.

Quando eu não estou trabalhando, não vou no bairro, porque não gosto. Porque (inaudível) de... e... se não tem segurança, né? Fica uma coisa... fica meio... o bairro não tem, apesar de ter um núcleo... um núcleo de polícia lá dentro, né? E você não vê os policiais fazendo um policiamento adequado, nem da guarda municipal, nem da

polícia. À noite nem se fala, você fica exposto a noite toda. Você saiu ali do bairro mais de oito horas da noite, já é... já tá começando a ficar complicado. (ENTREVISTADO 3, 2020)

Mas eu acho que se tivesse pessoas, se tivesse, vamos dizer, um uso misto dos prédios, se tivesse moradia e comércio, talvez tivesse uma vida depois das dezoito horas, sabe. Tipo, é muito raro você ver, quando você vai pro Bairro do Recife, tipo num dia que tá tudo fechado. (ENTREVISTADA 7, 2020)

E assim, como eu trabalho ali, eu adoro, velho, adoro o Recife antigo, o clima dali... assim, dessa parte que é a mais movimentada, essa parte turística, que é só o que a galera cita. Eu adoro porque o clima de lá é totalmente diferente, [inaudível] muito agradável, de noite, o pessoal correndo, fazendo corrida pelo mesmo. Também tem um pessoal fazendo exercícios de academia, a academia estimula ali o [uso do] espaço público, pra fazer aulas. Assim, é uma área bem aproveitada, pelo menos essa parte mais pra cá, que eu disse, mais movimentada. (ENTREVISTADO 8, 2020)

Nos três relatos acima, fica notável que as opiniões podem divergir um pouco, enquanto na primeira fala, há a reclamação da falta de vigilância policial nos períodos noturnos e da sensação de insegurança, a segunda reforça essa visão colocando na escassez de pessoas a culpa pela sensação de insegurança e ainda sugere uma solução através do uso misto, conciliando a moradia com outros usos. Mas este segundo relato especifica que essa sensação existe “num dia que tá tudo fechado”, o que nos leva ao terceiro relato, onde a noite na parte sul do bairro é elogiada, não só pelo uso do lazer noturno oferecido pelos bares, mas principalmente pela presença de pessoas fazendo exercícios físicos e praticando esportes nas ruas.

Essas três visões foram constatadas pelo pesquisador no período de observação. São nelas que ficam expostas como certas áreas da parte sul podem criar uma ilusão quanto ao uso do espaço público à noite. Ver pessoas praticando exercícios na Avenida Rio Branco e, por vezes, no Marco Zero, fez o Entrevistado 8 afirmar que a parte sul do bairro é bem aproveitada, mas ao caminhar por outras ruas da parte sul, outrora movimentadas no período da manhã e da tarde, é possível notar a inexistência de atividade relacional entre pessoas, assim como a presença delas. Em momentos onde as regiões de entretenimento e lazer noturno estão ativas, essa sensação cai muito, porém ainda é presente em muitas áreas e conforme a noite vai passando, a situação tende a piorar.

Nos finais de semana a situação se inverte, enquanto dias como quinta-feira e sexta-feira costumam ser ativos em todos os turnos do dia, sábados e domingos tendem a ser mais ativos no fim do dia e nos períodos noturnos. Nos sábados boa parte dos estabelecimentos no bairro não abre, visto que são estabelecimentos de prestação de serviços que funcionam apenas de segunda à sexta. Os museus e outros espaços de entretenimento abrem normalmente. Mas o Bairro do Recife não tem a mesma vitalidade urbana que o bairro vizinho de Santo Antônio tem nestes mesmos momentos, causado pelo comércio varejista, que é quase inexistente no Antigo.

As manhãs dos sábados costumam ter menos pessoas que as manhãs de outros dias da semana. Alguns turistas e usuários frequentes costumam ir até lá, os primeiros pelos motivos turísticos, os segundos para a prática de exercícios, lazer e contemplação, atividades restritas à algumas regiões. Neste momento, toda a área dominada por estacionamentos está vazia, bem como o espaço de lazer noturno e as regiões onde o uso de serviços predomina. Apesar da Praça do Arsenal e da Avenida Rio Branco e Marquês de Olinda estarem movimentadas, elas não tiram a imagem que muitos têm de um bairro vazio e morto quando o Porto Digital não está ativo.

À tarde mais pessoas chegam ao bairro buscando o entretenimento que ele oferece, seja nos estabelecimentos culturais ou no próprio espaço público, que promove um ambiente de interação e socialização entre os caminhantes e usuários. Enquanto turistas são apresentados ao bolo de rolo, crianças brincam no vão do Cais do Sertão, enquanto são observadas pelos pais que desfrutam da brisa que vem do oceano. Na Rua da Moeda, as mesas já estão sendo arrumadas na rua, e não são raros os grupos que já se instalam para uma conversa animada enquanto tomam cerveja. Aos poucos o bairro vai ganhando uma vida semelhante à dos dias de semana, mas agora não existe a atmosfera de bairro de trabalho, e sim de um bairro de lazer, essencialmente turístico e de entretenimento.

um dos poucos lugares aqui de Recife que tem a concentração grande de coisas interessantes, de coisas culturais, de eventos, principalmente de cultura e lazer. [...] a gente deve mais exaltar do que... do que botar pra baixo o bairro. É um lugar muito importante, né? (ENTREVISTADO 8, 2020)

No período noturno do sábado, o bairro fervilha. A praça do Marco Zero está totalmente tomada por pessoas que praticam esportes, ou que assistem apresentações de teatro de rua ou que apenas passeiam. No rio, barcos e lanchas estão paradas diante do Cais do Porto, com música alta e com seus tripulantes se divertindo, tirando proveito da aura do bairro que é um lugar de entretenimento e diversão como nenhum outro na cidade.

Quase todas as ruas da parte sul apresentam pessoas em interação ou circulação, são poucas as exceções, que ficam na periferia desta área, no extremo sul e na área de transição com a região ao norte. Nos sábados à noite, assim como nas sextas-feiras, a Rua Vigário Tenório é tomada por barracas que vendem comidas de rua e bebidas alcoólicas. Ruas menos ativas durante a semana, Como a Rua da Guia, a Rua Tomazina e Rua do Apolo mostram sua face ligada à vida noturna, de alguns bares e ou casas de show, que lembram a atmosfera boêmia que o bairro já teve no passado. Nessas ruas, muitos frequentadores se reúnem em mesas

dispostas na rua, assim como ocorre na Rua da Moeda e na Praça do Arsenal. Porém, nestes dois últimos espaços a quantidade de pessoas é absurdamente maior e mais diversificada.

Vários grupos de diferentes características e padrões se reúnem na Rua da Moeda (ver Figura 17 na próxima página), que é tomada pelos mais diversos ritmos musicais que agradam uma população mais jovem, reunida diante de alguns bares que conseguem lotar a rua de clientes em muitos sábados e sextas-feiras, ainda que esse feito não seja atingido todas as semanas. Um público mais diversificado se reúne na Praça do Arsenal, ocupando o espaço público de forma similar ao que ocorre na Rua da Moeda. No Cais do Porto, a população dos bares se distingue claramente em relação ao poder aquisitivo e classe social, enquanto que no espaço público essas características são visivelmente diversas, aqui um único padrão predomina, num espaço de caráter mais privado.

Comerciantes ambulantes estão em todas as áreas onde há pessoas na rua. No horário da noite é a venda de bebida e comida que impera, ainda que vendedores de souvenirs continuem em busca dos turistas. Nesse contexto, podemos caracterizar a Rua Vigário Tenório como um polo de comida de rua, onde esses vendedores se instalam de forma temporária em muitas ruas que atraem frequentadores em busca do entretenimento e serviços oferecidos pelos bares.

Mas vale pontuar aqui mudanças que aconteceram em relação a períodos passados e processos que visivelmente estão em curso nesta região, sobretudo em relação à atividade noturna ligada aos bares e restaurantes. Ruas que antes estavam inseridas nesse corredor do lazer noturno, hoje apresentam apenas sombras de um passado glorioso. Nesse processo, a Rua do Bom Jesus (ver Figura 18 na próxima página) é o maior exemplo dentro do Bairro do Recife. Após o processo de revitalização do bairro, a Rua do Bom Jesus era a porta estandarte da ressurreição da vida boêmia do bairro, e assim se manteve por muito tempo, estando essa concepção atrelada a ela até os dias de hoje. Entretanto a surpresa veio ao constatar que, hoje, pouca coisa ligada à boemia existe nesse espaço. Os bares não abrem em todos os finais de semana, quando o fazem, servem poucos e nesse processo a animação da Praça do Arsenal, logo ao lado, acaba cooptando muitos dos potenciais consumidores.

Figura 17 – Rua da Moeda tomada por pessoas na noite de sábado de 14 de setembro de 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 18 – Rua do Bom Jesus quase vazia na noite de sábado de 14 de setembro de 2019.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Esse mesmo processo é visto na Avenida Rio Branco, Rua da Guia, Rua do Apolo e Rua Tomazina e até mesmo na Rua da Moeda, cujos bares nem sempre funcionam. Ao mesmo tempo que alguns estabelecimentos nessas regiões já consolidadas passam a abrir menos, novos bares começam a abrir as portas de forma experimental em ruas com a Vigário Tenório e a Avenida Marquês de Olinda, apresentando propostas novas que talvez atraiam um público interessado em novidade.

Há muitos anos atrás, sei lá, quinze anos atrás, a minha adolescência inteira foi no Bairro do Recife. A gente só saía pelo... pro bairro, não é? Quinta, sexta, sábado e domingo, era quase sempre as ruas estavam cheias, a rua da moeda. Antes disso, eu lembro que a Rua do Bom Jesus vivia cheia, entupida, não dava nem pra andar. Não sei o que aconteceu, que de repente, hoje em dia não tem nada. Abre um bar, ele sustenta um pouco e fecha. (ENTREVISTADA 7, 2020)

Essa constatação não foi feita apenas pelo pesquisador, mas também relatada por alguns entrevistados, principalmente os que costumam frequentar o bairro a mais tempo, como visto no relato acima. Andar pelo bairro revela uma série de edifícios fechados que outrora abrigavam algum uso, principalmente quando esse estava associado ao lazer, como bares, cafés e restaurantes, muitos, aparentemente, ainda em excelente estado de conservação. Até mesmo nas ruas mais movimentadas, é notável que alguns bares estão fechados há muito tempo. Por todos os micropolos de entretenimento presentes na parte sul do bairro, isso é perceptível e deriva da fuga de parte do capital e de seu desinteresse no Bairro do Recife.

No Domingo, a noite é, de certa forma, similar às noites dos sábados e sextas, entretanto com menor fluxo e concentração de pessoas. Como em todos os domingos, há um clima de despedida do descanso ou da animação do fim de semana que serão trocados pela rigidez da semana de trabalho que se inicia no próximo dia. Entretanto, o período diurno no domingo é

mais movimentado que no sábado e apresenta singularidades relacionais que não são encontradas em outros momentos durante a semana.

Todos os domingos é realizada uma feirinha na Rua do Bom Jesus. Artesanato, comidas típicas, decoração e mais uma infinidade de produtos, não só de apelo turístico, mas também que interesse aos frequentadores locais, são comercializados em barracas que são montadas de forma provisória. Durante todo o dia pessoas transitam nessa rua indo da Avenida Rio Branco até a Praça do Arsenal, que costumam estar cheias de pessoas transitando e interagindo.

Na Avenida Rio Branco, assim como na Praça do Marco Zero e Avenida Alfredo Lisboa, a prática esportiva é notável. A escala mais humanizada do bairro, que afasta o carro, atrai as bicicletas e muitos são os ciclistas circulando por toda a parte sul do bairro. Vindos de várias regiões da cidade, estes se aproveitam do sistema de ciclovias e faixas reservadas exclusivamente para ciclistas que funciona em toda a cidade do Recife nos dias de domingo (Figura 19).

À Tarde, o bairro é tomado pelo trovejar das alfaias dos grupos de maracatu nação que se espalham por toda a parte sul do bairro para ensaiarem suas apresentações (Figura 20). Esse acontecimento reúne muitas pessoas nas ruas em volta dos grupos. A Avenida Rio Branco concentra um número maior de grupos, mas eles estão presentes em outras ruas menos movimentadas, como a Rua Mariz e Barros, Avenida Marquês de Olinda e Avenida Barbosa Lima, mesmo que algumas destas não apresentem tantas pessoas em outros momentos, agora muitos transitam por elas guiados pelo som dos maracatus.

Figura 19 – Ciclistas ocupando restaurante/bar num domingo no início da tarde



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 20 – Grupo de maracatu nação se apresentando na Avenida Rio Branco



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

A parte sul do bairro do Recife apresenta uma variedade de usos e também de formas como as pessoas se apropriam de seu espaço público, mas, até agora, nessa narrativa, os

residentes dessa parte não tomaram nenhum destaque. Como são tão poucos, a partir do processo de observação, a interferência deles nos processos de sociabilidade descritos foram mínimos. Isolados em suas casas, poucos foram os que se fizeram notar na rua, a única exceção foi o residente na Rua da Guia, proprietário de um restaurante, que costuma passar o dia na calçada conversando com funcionários de estabelecimentos vizinhos.

Essa relação de coleguismo e até amizade entre os trabalhadores do bairro não foi notada apenas nesse caso que envolveu um morador, mas é algo comum. Como os estabelecimentos se voltam muito para rua, o espaço público vira um espaço de interação entre os trabalhadores de estabelecimentos próximos. Essas interações serão o que a parte sul terá de mais próximo à uma relação de vizinhança, que ao invés de ser exercida pelos moradores, é praticada por pessoas que estão constantemente no bairro, mas não residem ali, apenas trabalham (ver figura 21).

Os residentes que mais se fizeram notar nesta parte do bairro foram os moradores de rua. Há uma concentração de pessoas e até famílias inteiras que tomam o espaço público como local de morada, numa forma altamente precária, onde o que os separa das ações do clima são cobertores e as marquises das edificações. As calçadas diante de edifícios sem uso são preferidas, há indivíduos espalhados pela Avenida Rio Branco (ver figura 22) e Rua Vigário Tenório, mas a concentração maior se dá na Avenida Marquês de Olinda, quase na extremidade desta via com a Praça do Marco Zero, num dos principais cartões postais de Recife.

Figura 21 – Trabalhadores de diferentes espaços da Avenida Marquês de Olinda conversam na calçada numa relação de coleguismo



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 22 – Moradora de rua dorme na calçada enquanto trabalhadores caminham pelo bairro no horário de almoço



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019

Durante todos os dias e em todos os horários é comum ser abordado por algumas destas pessoas à procura de esmolas ou comida, da mesma forma, é comum observar os trabalhadores

do bairro fazendo seus descansos pós-almoço enquanto um dos moradores de rua dorme ao lado, no chão ou em bancos. Essa realidade é um lembrete que o bairro do Recife não é um espaço exclusivamente desenvolvido e o antro do que há de mais moderno e tecnológico em Pernambuco. Há pobreza e desigualdade, mesmo que muitas vezes ela seja invisibilizada ou simplesmente ignorada.

Assim, surge a necessidade de abordar a parte norte do bairro, onde estão a maior parte dos seus habitantes e também o maior lembrete de que o Bairro do Recife passou por um processo de estagnação e ainda sofre com a degradação física fruto deste período. O estado atual desta região se reflete na forma como as pessoas usam aquele espaço, o que destoa bastante de como isso é feito na região sul.

6.1.2 A Parte Norte do Bairro como Lugar de Ócio e Habitação

Circular pela região norte do bairro se mostrou uma tarefa difícil e até mesmo arriscada em determinados momentos do dia, sobretudo em horários noturnos. Ainda assim, houve a preocupação de se transitar por aquela região em todos os horários, mesmo que alguns espaços tenham sido observados de longe, tomando cuidado para não adentrar em áreas tão vazias que proporcionavam uma profunda sensação de medo e de perigo, ou mudando levemente o percurso para regiões aparentemente mais seguras. Essas tomadas de decisões, que prezavam pela integridade do pesquisador, acabaram por tornar o trajeto da parte norte bastante mutável e variável.

A parte norte do recorte da pesquisa abriga a Comunidade do Pilar, bem como toda a região do Aterro do Cais do Apolo e uma série de quadras sem uso, conforme observado no capítulo 4. Durante os dias úteis da semana, assim como nos fins de semana, a atividade das pessoas nas ruas varia, bem como os padrões de sociabilidade que elas exercem. Aqui os atores são diferentes dos encontrados na parte sul, trabalhadores estão presentes em grandes quantidades, assim como os moradores. Os visitantes frequentes são raros, já os esporádicos acessam apenas uma parte da região, principalmente os estabelecimentos e instituições presentes na Avenida do Cais do Apolo. Os turistas são poucos, e se restringem, principalmente, ao Forte do Brum.

Ao começar pela Avenida do Cais do Apolo, percebe-se que ela está ligada à dinâmica usual da parte sul do bairro, mas se configura como uma grande via arterial que corta o bairro de norte a sul. Os carros aqui são protagonistas e as pessoas estão, em grande maioria, no seu interior. Os espaços públicos são pouco ocupados, e tem a espera por transporte público como

a maior responsável pela aglomeração de pessoas na rua. Alguns circulam pelas calçadas, mas o movimento é mínimo. Quanto mais ao norte for o posto de trabalho, mais alheios às atividades urbanas da parte sul estarão os trabalhadores. Esse isolamento foi constatado através das entrevistas, como exemplificam os seguintes relatos:

Aqui [na prefeitura] é um pouco mais esquisito. Mas acaba que a locomoção, ela é feita pra cá geralmente de carro ou ônibus. Mas aqui é um pouco mais isolado, essa ponta. (ENTREVISTADA 2, 2020)

Olhe, eu não tenho muito o que dizer do bairro, porque, na verdade eu não ando muito por lá. [...] Porque eu fico muito presa dentro da prefeitura. (ENTREVISTADA 6, 2020)

As falas dos entrevistados que trabalhavam na parte norte, sobretudo na prefeitura, tendiam a colocá-los em um grupo que não usufrui ou costuma frequentar o Bairro do Recife. A única exceção foi uma das entrevistadas que trabalhava na prefeitura, mas morava na região central de Recife, e deste modo, costumava frequentar o bairro nos finais de semana. A dissociação de muitos desses trabalhadores levou o Entrevistado 5 a declarar que:

O que deveria melhorar ali era justamente os estacionamentos. Os estacionamentos ali é difícil. Entendeu? É difícil o estacionamento, umas áreas é esquisita, não tem, é... como chama? É... policial para tomar conta. É, algumas pontes são desertas, não tem policiamento. É a crítica que eu faço. (ENTREVISTADO 5, 2020)

Essa fala exemplifica a realidade de que muitos trabalhadores acessam o bairro apenas através de seus automóveis, onde as mudanças que eles prezam tem a ver com o acréscimo de vagas de estacionamento, aumentando o problema que esse tipo de uso causa tanto nas edificações como no espaço público, conforme demonstrado no capítulo 4.

Entretanto a situação dos trabalhadores da região do Cais do Apolo se agrava ainda mais diante da realidade de que o grupo do sul costuma caminhar pelo bairro nos horários de almoço ou intervalos, enquanto estes permanecem isolados em uma área urbana que oferece pouco conforto e uma maior sensação de solidão e, em alguns horários, insegurança. E, da mesma forma que estes não costuma ir ao sul, os trabalhadores da região sul só acessam essa região mediante a necessidade de apanhar transporte público ou fazer algo mais específico em uma das instituições locais, como no traz o relato abaixo:

Aquela parte eu não vou muito, eu quase não vou. É porque eu passo... é como se você entrasse... é que eu passo de carro, quando eu vou andando pra lá, eu acho horrível, porque é muito sol e é horrível de atravessar a avenida. E não é... não acho muito agradável para pedestres, assim. Quando você está indo resolver alguma coisa na prefeitura, ou nos outros órgãos, mas... Também tem aquela praça do CESAR, que é toda bonita, mas vive vazia, não é? E eu acho que pra frente, ali, perto do posto, da

Ponte do Limoeiro, eu nunca vou. Eu realmente nunca fui andando, pra lá, e eu sou pedestre, né, eu não tenho carro. (ENTREVISTADA 7, 2020)

Alguns entrevistados compartilhavam desse pensamento, atribuindo às regiões fora no núcleo do Recife Antigo, na parte sul, adjetivos como “perigoso”, “vazio” e “esquisito”. E essas adjetivações não estavam restritas apenas à Avenida do Cais do Apolo (ver Figura 23), eram características dadas à grande parte da região norte, mesmo aquelas onde estavam instaladas empresas ligadas ao Porto Digital ou instituições públicas nas proximidades da Praça do Arsenal e principalmente da Praça Tiradentes (ver Figura 24). Analisar essas regiões do bairro sob uma abordagem etnográfica se mostrou difícil, sobretudo pela ausência de pessoas no espaço público ou de interações sociais. No contexto da região Norte, é a Comunidade do Pilar e seus dilemas sociais que fornecem material de trabalho mais palpável e também um dos mais importantes para o tema central deste trabalho, que é a habitação.

Figura 23 – Baixa movimentação de pedestres na Avenida Cais do Apolo, nas imediações da prefeitura, em horário comercial.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Figura 24 – Série de edificações sem uso e espaço público completamente vazio na Travessa Tiradentes, nas proximidades da praça homônima.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019

Diferente do que ocorre na parte sul do bairro, na região do Pilar existe um senso de comunidade, talvez até mais do que em um único arranjo. Conforme estabelecido no capítulo 4, puderam ser observados três arranjos sociais ligados diretamente ao sentimento de comunidade. Nos últimos anos, há o interesse de ONGs que atuam naquela região em unificar esses três grupos, no intento de somar forças na cobrança de providências quanto ao desenvolver das obras habitacionais na área. Mas, ainda que distintos por questões relacionadas ao padrão de moradia ou o tempo de ocupação, os habitantes do Pilar, de forma geral, mantêm um senso de comunidade e cultivam relações de vizinhança.

Enquanto famílias inteiras têm suas residências em conjuntos habitacionais que oferecem boas condições de habitação, os moradores que ainda não foram agraciados com uma unidade habitacional permanecem em condições precárias. Entrar na comunidade do Pilar pela primeira vez se mostrou um pouco difícil. A circulação de pessoas de fora daquele núcleo é mínima e em alguns pontos inexistente, aliando isso ao senso de comunidade, que faz com que todos se conheçam, mesmo que apenas de vista, atraiu os olhares dos moradores ao pesquisador.

Na Rua do Brum, nas proximidades da Comunidade, essa sensação é menor devido às atividades do comércio atacadista, já que o espaço público é normalmente ocupado por carregadores e motoristas de caminhão que estão constantemente carregando e descarregando mercadorias. Ali os moradores estavam nas calçadas, principalmente perto de uma venda construída nas proximidades do Sindicato dos Estivadores, nas imediações de onde se tem acesso ao conjunto de habitações precárias no interior daquela quadra. Os adultos conversavam e transitavam por ali, consumindo nos pequenos estabelecimentos construídos de forma irregular, enquanto algumas crianças brincavam um pouco mais ao norte, próximas dos conjuntos habitacionais.

Essa mistura de usos do espaço público é realidade nos dias de semana, mas tende a ser exclusiva desta área próxima da Rua do Brum. Nas ruas mais internas, como Rua de São Jorge, Rua do Ocidente e Rua Bernardo Vieira de Melo, o uso habitacional é quase que exclusividade, pontuado por uma ou duas barracas de comida que funcionam apenas em períodos noturnos. Aqui, muitos estão nas ruas, os barracos pequenos não fornecem um espaço confortável, então os moradores costumam colocar cadeiras nas calçadas, onde muitos passam boa parte do dia em contemplação e conversa, sobretudo os mais idosos.

Sempre há crianças na rua, a escola que funciona em anexo à comunidade tem turnos matutinos e vespertinos, o que faz com que haja crianças brincando na rua em todos os momentos do dia. Nos arredores da Igreja do Pilar, as donas de casa geralmente estão nas ruas fazendo serviços domésticos como a lavagem de roupas. É notável que muitos trabalham em outros lugares durante boa parte do dia, seja na região sul ou noutros bairros da cidade. Os moradores que permanecem em casa costumam estar no espaço público, evitam o interior dos barracos, muitas vezes quentes e apertados. Comportamento que não é tão comum entre os moradores dos conjuntos habitacionais, que possuem espaço suficiente para se acomodarem confortavelmente no interior de suas casas.

Nos finais de semana, mais pessoas estão em casa, conseqüentemente há mais vida e barulho na região. Os moradores costumam escutar música alta em suas casas, ou até mesmo colocar mesinhas nas calçadas para beberem e conversarem com alguns vizinhos e amigos. As

ruas são tomadas por moradores em animação, buscando um descanso da semana de trabalho, enquanto as crianças correm para todos os lados em brincadeiras de pega e outros jogos infantis. Entretanto, as áreas que tiveram grande parte dos barracos arrasados para as futuras obras, e onde estruturas semidemolidas marcam a paisagem urbana, estão alheias à essa movimentação de moradores, já que são áreas menos densas e que não oferecem o conforto urbano para uma ocupação pública, seja ela através de uma sombra ou de uma calçada sem escombros.

Os moradores não se restringem ao perímetro da comunidade, é comum, nos finais de semana, ver jovens que ali moram irem para a Praça Tiradentes, que fica próxima da comunidade. Esta praça tem uma série de serviços hospedados em seu entorno, como por exemplo uma escola técnica voltada à formação de profissionais do setor de tecnologia. Entretanto ela permanece vazia a maior parte do tempo, tendo fluxos apenas nas chegadas e saídas dos alunos, que costumam ir de carro para o local. São os moradores de comunidade que mais se utilizam desse espaço, sejam os jovens, já citados, ou as mães que levam seus filhos para brincarem nas caixas de areia da praça.

Todavia, em todos os momentos do dia, a vida urbana no interior da Comunidade do Pilar, contrasta dramaticamente com a morte do espaço público de seu entorno. A grande quantidade de edificações sem uso arrasta muitas das ruas do entorno para uma situação de monotonia, sem a presença de pessoas durante a maior parte do tempo, sejam elas transeuntes ou que permaneçam no espaço. O entorno do Moinho Recife, bem como da Avenida militar é um espaço de solidão, e foi evitado em muitos dos trajetos realizados na área, especialmente os feitos à noite, é uma região evitada também pelos entrevistados, conforme o relato abaixo:

Então, da Praça do Arsenal pra trás, onde fica o moinho, onde fica lá aqueles prédios institucionais, aí já é muito ruim. E assim, muita gente pode dizer que é porque já está mais próximo da Favela do Pilar, porque já está mais próximo da avenida ali que passa por trás da... aquela avenida que vai dar na prefeitura... o Cais do Apolo. Mas não é só isso, né? Simplesmente porque, tipo, várias estruturas de galpões que estão sendo pouco utilizados, subutilizados, e não existia ali um tratamento melhor pras calçadas, pras ruas [...] esse núcleo do Recife Antigo do paço Alfândega pro arsenal eu acho muito bom caminhar, mas quando a gente vai... expande mais, como Recife Antigo, mais pra essa área até o Pilar, realmente é um absurdo, é ruim. (ENTREVISTADO 4, 2020)

Uma ou outra pessoa pode ser vista nesses locais em alguns momentos do dia. Sejam transeuntes que vão da Comunidade do Pilar para a parte sul, e vice-versa, ou pais levando seus filhos para a escola do bairro. Pode-se, também, observar um ou outro segurança que passam parte do dia em alguns estabelecimentos em específico que, na maior parte das vezes, são

depósitos. No geral, não há trocas sociais significativas, e essa ausência só é quebrada rapidamente em ações de locomoção entre alguns pontos do bairro.

No extremo norte da área estudada, o Forte do Brum e a Estação do Limoeiro formam um segundo polo turístico no bairro. Em tese, a Igreja do Pilar estaria inserida dentro deste complexo menor, mas diante o isolamento que ela se encontra junto à Comunidade do Pilar, é excluída do roteiro dos turistas. Essas duas atrações funcionam como museus e, diferentemente da grande maioria dos museus da parte sul, têm horário de funcionamento atrelado ao horário comercial, estando fechadas nos finais de semana. São atrações menos frequentadas, em detrimento das outras do bairro, e o seu acesso é feito de automóvel, indo os turistas até eles através de seus carros ou de ônibus fretados por companhias de turismo. A igreja fica como um espaço de uso exclusivo dos moradores da comunidade, tendo a celebração de uma missa em todas as tardes dos sábados, um rito que normalmente reúne pouquíssimos fiéis.

Ao contrário da igreja católica que é pouco presente na Comunidade do Pilar, uma igreja evangélica se instala nas imediações e presta uma série de serviços sociais aos habitantes. Seja uma creche voltada para os moradores ou espaço para a reunião das lideranças da comunidade, essa instituição é próxima dos habitantes e junto à ONGs, que atendem em toda a cidade, é prestada assistência aos moradores, bem como incentiva a organização comunitária na cobrança de seus direitos habitacionais. É estimulada, também, a educação, sobretudo nas crianças, através da promoção de passeios culturais e educativos pelo próprio Bairro do Recife, como pôde ser observado durante a pesquisa, quando um grupo de crianças visitava a Estação do Limoeiro, onde funciona o Memorial de Justiça de Pernambuco, com exposições sobre o cangaço e o escravagismo no estado.

A análise de *perto e de dentro* do Bairro do Recife permitiu compreendê-lo e apreendê-lo como um espaço heterogêneo, principalmente em relação às qualidades urbanas e padrões de sociabilidade. Como um dos resultados da pesquisa de campo, a identificação e distinção desses espaços, feitos sob uma ótica de qualidades urbanas, bem como de manifestação social, permitiu mapear o bairro através de suas características sensoriais, cognitivas, humanas e sentimentais, conforme apresentado no próximo item.

6.2 AFETOS E SENTIMENTOS: O BAIRRO DO RECIFE ATRAVÉS DE UM MAPA AFETIVO

O mapa afetivo surge neste trabalho como uma síntese visual das apreensões e sentimentos despertados mediante a circulação pelo espaço público do bairro, uma tentativa de

tentar espacializar aspectos subjetivos experienciados pelo pesquisador no decorrer da etapa de observação caminhante do bairro. A compreensão do espaço através dos sentimentos, como uma expressão afetiva diante da cidade, pôde ser traduzida em um mapeamento de espaços distintos e qualificando-os de acordos com características em comum, bem como os sentimentos evocados ao se transitar por cada um deles.

Os espaços públicos destacados no mapa afetivo foram classificados e categorizados de acordo com qualidades que se repetiam e assim formavam classes de espaços. Ao se ter em vista os resultados obtidos na segunda fase da pesquisa de campo, bem como a experiência vivida durante esta etapa, ao todo foram definidas cinco categorias referentes às qualidades dos espaços públicos no Bairro do Recife, pautadas em cinco adjetivos empregados ao espaço em questão: vazio, habitado, alegre, acolhedor e plural. Mesmo que uma área fosse alocada em uma dessas categorias, é preciso esclarecer que ela poderia ter mais de uma dessas qualidades, entretanto, aquela que prevaleceu foi a que melhor representava os sentimentos a ela atrelados.

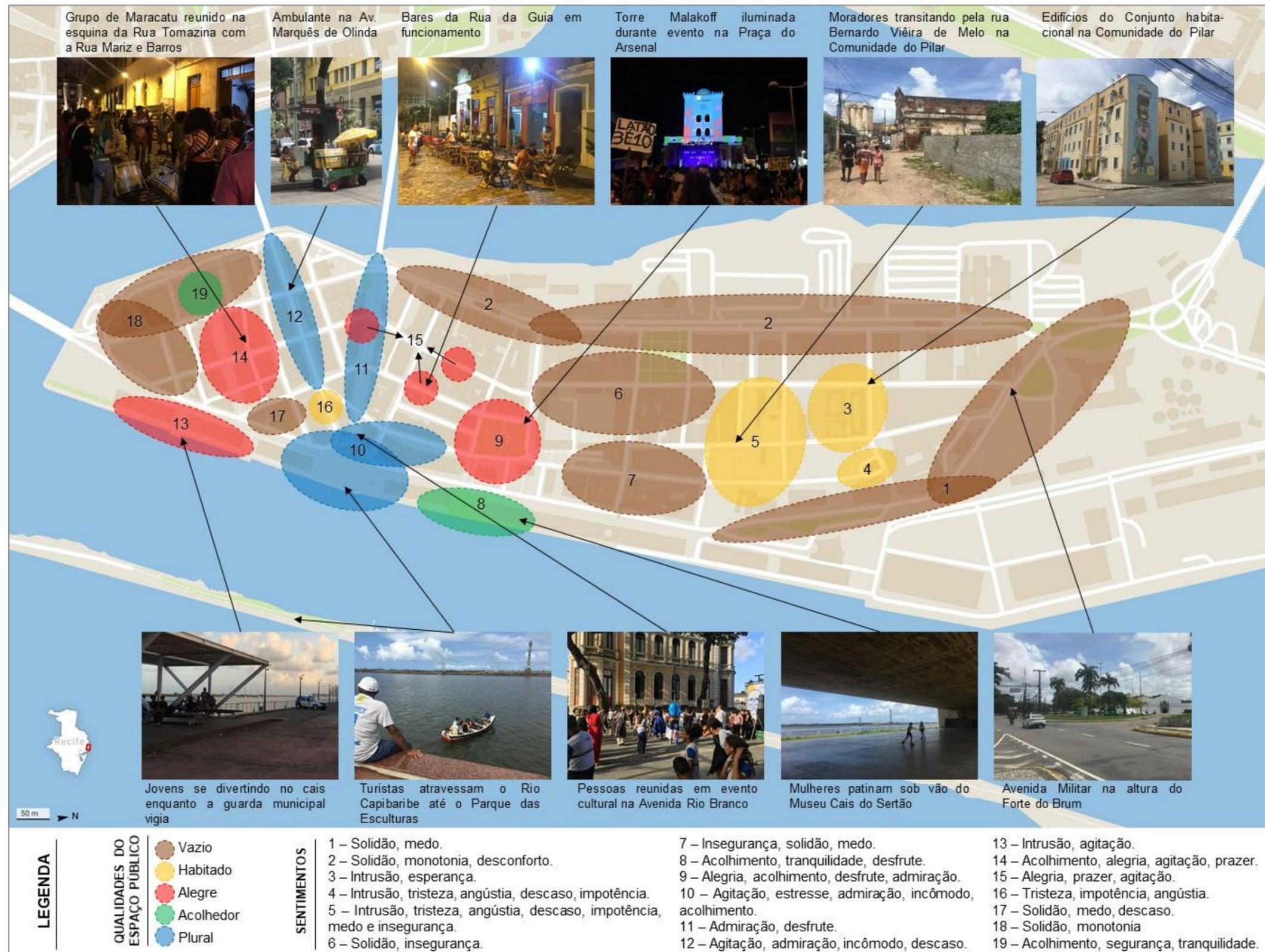
Vale ainda ressaltar que as qualidades atribuídas são fruto não só das experiências vividas, mas também do perfil do próprio pesquisador. O pesquisador, sendo um homem branco e cisgênero, advindo de uma classe trabalhadora, mas sendo arquiteto por profissão e indivíduo não recifense, natural do interior do estado, onde estudou até o fim da graduação, teve uma experiência que pode diferir em muitos aspectos de outro indivíduo de classe, gênero, naturalidade, profissão e ideologias diferentes. Portanto, é fundamental pautar que os resultados obtidos através do mapa afetivo derivam dessas características individuais, ainda que se tenha recorrido ao método da observação, que forneceu dados sobre como os indivíduos, pertencentes aos mais variados grupos, recepcionavam e eram recepcionados pelo espaço.

Nesse aspecto, a qualidade de vazio foi dada aos espaços públicos que apresentavam a ausência de pessoas na maior parte dos períodos em que o pesquisador transitou por eles, mesmo que em determinados momentos esses espaços pudessem apresentar atividades sociais ou uma concentração de pessoas em interação. Já os espaços habitados eram aqueles onde atividades ligadas ao uso habitacional e a presença de moradores se fazia notar e, de certa forma, dominavam as dinâmicas existentes no local. Os espaços alegres eram os que comumente estavam associados a festas e ao lazer e entretenimento, principalmente de caráter noturno, ainda que alguns manifestassem essa qualidade em períodos diurnos. Os espaços acolhedores eram responsáveis por prover um espaço de conforto, abrigo e recepção, muitas vezes uma fuga da agitação ou das dinâmicas de uso aceleradas em algumas partes do bairro. Por fim, a qualidade plural foi dada aos espaços onde uma série de processos sociais se desenrolavam simultaneamente na maior parte do dia, eram espaços tomados por turistas em algumas partes

do dia, atraídos, sobretudo, por essa característica de imponência, história e patrimônio, mas também por frequentadores assíduos do bairro, bem como por aqueles que o visitam esporadicamente em busca de serviços, sendo esses espaços lugares de confluências de fluxos de pessoas.

Na seguinte página, a Figura 25 espacializa essas características bem como os sentimentos despertados por cada um desses espaços, num arranjo visual que permite traduzir os aspectos subjetivos do bairro em um mapa afetivo capaz de fornecer uma compreensão da área estudada, fruto de uma abordagem de perto e de dentro, trazendo proximidade ao objeto de estudo.

Figura 25 – Mapa Afetivo do Bairro do Recife (2019)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

À área 1, é dada a qualidade de vazio. O extremo norte da Avenida Alfredo de Lisboa e todo o trajeto da Avenida Militar está constantemente desocupado e privado de interações sociais, ainda que automóveis passem por essas vias e em alguns momentos e o Forte do Brum possa atrair alguns turistas. Os sentimentos evocados foram, na maior parte das vezes que se passou por esse espaço, a solidão e o medo. A solidão impera durante o dia, quando quase não há pessoas, mas há carros passando. Durante a noite o sentimento é o medo, pois nem os automóveis costumam transitar nessa região. Esse sentimento fez com que essa área fosse evitada nos trajetos durante a noite, ainda que, em algumas, o pesquisador se pôs em risco passando pelo local escuro e ermo.

A área 2, assim como a anterior, é qualificada como vazia, ainda que costume apresentar mais atividade social que a área anterior. A monotonia e a solidão são os sentimentos evocados ao se transitar por essa região, assim como o desconforto, ao se caminhar pelo lado leste da Avenida Cais do Apolo, pouco arborizada e que recebe diretamente os fortes raios solares do período vespertino. Assim como na área 1, a solidão é fruto da ausência de pessoas no espaço público em muitos horários, mas aqui há terminais de transporte, bem como diversos pontos de ônibus, o que faz com que em certos trechos, pessoas se aglutinem enquanto esperam sua condução. Já a monotonia é gerada pela paisagem, uma paisagem de parques de estacionamento instalados no aterro do cais, que provocam uma sensação de continuidade e mesmice ao espaço pouco ocupado por pedestres.

Os conjuntos habitacionais de Comunidade do Pilar e seu entorno estão representados pela área 3, qualificada como um espaço público habitado. Os sentimentos evocados no pesquisados são a intrusão, à medida que adentrar nesse espaço gera estranheza e curiosidade da população, acostumada com rostos familiares e um espaço apropriado, onde estranhos não são comuns. Entretanto, um sentimento bom de esperança é extraído ao se passar por este espaço, principalmente diante da satisfação dos habitantes com as boas condições de moradia que mantêm, um objetivo de vida almejado por tantos outros moradores daquela parte do bairro.

A área 4 corresponde ao entorno da Igreja do Pilar, aqui o espaço é isolado, o que potencializa o sentimento de intrusão, já que, após a interrupção da Rua de São Jorge, o espaço passou a ser frequentado apenas por moradores locais. Mas os sentimentos de tristeza, angústia e impotência também são evocados, motivados pelas péssimas condições de moradia e vida da população que ali reside. Crianças descalças próximas ao esgoto à céu aberto e poças de água parada, assim como uma série de problemas sociais atrelados à pobreza e à habitação precária. Este espaço público, assim como a anterior, recebeu a qualificação de habitado.

Habitado também foi a característica dada ao espaço público da área 5, ainda que alguns trechos se mostrem vazios, diante das demolições e dos espaços não edificadas. Os sentimentos manifestados no pesquisador ao transitar por esta região são similares aos da área 4, mas à tristeza, angústia, impotência e intrusão, somam-se o medo e a insegurança. Os espaços vazios são os principais responsáveis por evocarem esses novos sentimentos, o que é intensificado pelas construções semidemolidas, que podem abrigar perigo em horários noturnos, onde a iluminação pública é deficiente. Transitar por esta região, evidenciava a idade das péssimas condições de vida na Comunidade do Pilar, já que ali estão as povoações mais antigas que ainda resistem, bem como as marcas históricas mais evidentes de que aquelas pessoas estão ali há bastante tempo.

A área 6 e a área 7 são espaços similares e ambos estão inseridos na categoria de espaço público vazio, mas existem algumas diferenças, que são as responsáveis pela distinção destas duas áreas e o afeto atrelado a elas. A área 6 possui um espaço público pouco povoado durante a maior parte do dia, entretanto, muitas edificações possuem usos, que se mostram bem variados. Todavia, esses usos tendem a negar a rua, concentrando as pessoas no interior dos edifícios, fazendo com que espaços de acolhimento, como a Praça Tiradentes, permaneçam pouco usada em todos os momentos do dia. A falta de pessoas no espaço público é o motivo principal para que os sentimentos de insegurança e solidão estejam atrelados a esta área.

Na área 7, a predominância é de edificações sem uso, caracterizadas principalmente pelo complexo de prédios ligados ao antigo Moinho Recife. Ainda assim, ao sul desta área, existem algumas repartições públicas e o acesso à capitania dos portos, o que confere certa movimentação de pessoas durante o dia, mas esse espaço tende a estar mais vazio que o anterior. A ausência de usos torna aquele lugar inóspito e vazio, despertando os sentimentos de insegurança e solidão, sendo este um dos lugares onde se sentiu uma das maiores doses de medo, mediante o abandono e a escuridão deste espaço em períodos noturnos.

O espaço 8 se apresentou como um dos prediletos do pesquisador, um espaço de acolhimento, relaxamento e contemplação em grande parte dos momentos vividos no Bairro do Recife, era normalmente o espaço escolhido para se escrever as apreensões e experiências vividas no bairro ou descansar após um dos trajetos feitos à tarde. O gramado ao redor do Cais do Sertão e o vão sob o museu foram caracterizados como espaços públicos acolhedores, tendo essa característica dominante nos períodos vespertinos, bem como nas primeiras horas da noite em dias que não houvessem eventos sendo realizados no espaço, como a Terça do Vinil, quando o espaço se tornava o foco de uma grande concentração de pessoas em busca de entretenimento musical. Os sentimentos relacionados a esse local são acolhimento, tranquilidade e desfrute, já

que proporcionava um espaço de fuga da agitação da parte sul do bairro, ainda que em alguns momentos raros, pudesse despertar sentimentos de agitação provenientes de eventos ou apresentações no vão do edifício. Durante a manhã era um espaço evitado e perdia a caráter de conforto, assim como todo o Cais do Porto, uma consequência da ação direta do sol da manhã.

O espaço 9 é um polo de entretenimento, cultura e lazer no Bairro do Recife, caracterizado pela Praça do Arsenal e arredores. A característica dada a esse espaço público foi alegre, mas outras qualidades elencadas também podem ser dadas, como plural e acolhedor. Os numerosos estabelecimentos como bares, cafés e restaurantes, em associação com museus, as sedes de algumas empresas de tecnologia e repartições públicas, mantêm a vida nesta área em todos os momentos do dia. A praça em si é um espaço acolhedor, mas a tranquilidade é constantemente quebrada pelas movimentações de turistas ou pela música e animação vindas dos bares. Assim como o espaço 8, este era um lugar convidativo para um descanso e a escrita dos relatos dos trajetos. Os sentimentos associados ao espaço 9 são alegria, acolhimento, desfrute e admiração, uma série de sentimentos diversos originados da pluralidade de usos, apropriações e interações neste local.

Como um lugar dominado pelo turismo, o espaço 10 é adjetivado como plural, pois despertou o sentimento de admiração diante da história visível na arquitetura da cidade, bem como a diversidade de qualidades, como alegre e até acolhedor em certos trechos da Rua do Bom Jesus. Os arredores da Praça do Marco Zero, associado à Rua do Bom Jesus, compõem esse espaço e se caracteriza como uma confluência de fluxos durante boa parte dos dias e em diversos horários.

A rua do Bom Jesus era um local frequente para o descanso do pesquisador, bem como um ponto escolhido para a escrita dos relatos advindos da observação durante os trajetos. Essa escolha era feita diante do sentimento de acolhimento proveniente da tranquilidade que a rua podia apresentar em certos momentos do dia, mas que frequentemente chegava ao fim diante dos grandes fluxos de turistas em suas excursões guiadas.

Já a praça do Marco Zero é sempre um lugar de agitação e muito movimento, bem como do conflito entre sociabilidades e formas de ocupação do espaço, onde turistas entram em conflitos com quem pratica esporte ou estes incomodam os vendedores ambulantes, que por sua vez desagradavam os clientes dos restaurantes ou quem caminha pela orla do cais. Essa miscelânea de usos, interações e comportamentos costumava evocar sentimentos como estresse e incômodo.

O espaço 11 representa a Avenida Rio Branco, um espaço que funciona como uma extensão da Praça do Marco Zero, mas tem suas próprias peculiaridades. Esta região foi

adjetivada como plural, mas, ainda que alguns edifícios se encontrem desocupados, a rua está sempre cheia. É um espaço usado para eventos e também, cotidianamente, para a prática de esportes, bem como possui espaços de lazer e de trabalho. Este espaço público provoca admiração por conta de sua arquitetura e vitalidade, mas também desfrute, já que permite o aproveitamento da cidade com propriedade e segurança. Sua via de uso exclusivo para pedestres é como uma grande praça linear no coração da parte sul, que reúne uma variedade de experiências e pessoas.

O trecho mais comercial e que apresenta maior fluxo de pessoas em suas calçadas e carros em sua via central da Avenida Marquês de Olinda compõe o espaço 12. As pessoas transitam de forma apressada nas calçadas que abrigam diversos fiteiros que comercializam uma variedade de produtos: de jornais e revistas a comidas de rua e conveniências. Ainda que adjetivado como um espaço público plural, que desperta admiração pela sua monumentalidade, em alguns momentos ele pode ser vazio, sobretudo à noite e nos finais de semana. Esse vazio e o abandono, total ou parcial, de muitos edifícios, despertam um sentimento de descaso, enquanto que os fluxos de dias cheios provocam agitação e incômodo.

O espaço 13 representa a parte mais ao sul do Cais do Porto, onde jovens costumam se reunir na maioria das tardes durante a semana. Aqui o espaço ganha a qualidade de alegre, mas ele só é assim enquanto os jovens ali estiverem. Quando estes atores se vão, a área ganha características de um espaço público vazio. Quando o caráter alegre está ativo, o sentimento de agitação se faz presente, mas o sentimento que domina é a intrusão por parte do pesquisador, já que os grupos são etariamente bem definidos, e os jovens, frequentadores do ensino médio, distinguem a presença de desconhecidos e pessoas de fora do núcleo social cultivado naquele espaço ao longo de certo tempo.

O espaço 14 é composto por uma série de ruas, das quais a Rua da Moeda se apresenta como principal e estruturadora da dinâmica de lazer e entretenimento desta região. Caracterizado como alegre, este conjunto de espaços públicos costuma representar boa parte da vida noturna do bairro, no que se trata de diversão, música e bebida. Os sentimentos despertados ao se transitar nesta região são alegria, agitação e prazer durante as noites animadas, mas também de acolhimento durante o dia, já que esse espaço, bem arborizado e repleto de mobiliário urbano, fornece uma fuga da agitação diurna de outras partes do bairro, sendo essa característica exclusiva da Rua da Moeda. Nas ruas do entorno, o caráter de vazio pode ser presente, principalmente durante o dia, ou em noites em que os bares não abrem.

Optou-se por reunir três pequenos espaços públicos em um único item, enumerado como área 15, já que as semelhanças entre eles são muitas, e eles possuem dimensões inferiores às de

outras áreas já tratadas aqui. A esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Mariz e Barros, um trecho da Rua do Apolo e outro na Rua da Guia são espaços que reúnem alguns bares que costumam aglutinar muitas pessoas no espaço público, mas não costumam abrir sempre. A maioria dos estabelecimentos dessa área tende a abrir nos finais de semana, mas nem sempre o faz, e são postos aqui como um sintoma da diminuição da vida noturna no Bairro do Recife que vem enfraquecendo e perdendo o vigor que um dia já teve.

Nesses espaços há uma exceção que é o bar na esquina da Avenida Rio Branco com a Mariz e Barros, que é um dos mais promissores, funcionando desde a manhã até a noite – mas não adentrando a madrugada. Este bar é avizinhado por outro que durante toda a pesquisa foi visto funcionando apenas uma vez, o que se faz realidade, ainda que menos extrema, aos bares da rua do Apolo e os bares ao sul da Rua da Guia. Os sentimentos evocados quando os bares funcionam são alegria, prazer e agitação, ainda que a solidão impere em muitas noites durante a semana.

A realidade da área 16 contrasta com a dos demais espaços públicos do bairro, especialmente na região sul. Esse espaço foi qualificado como habitado diante da concentração de moradores de rua que tomam as calçadas de alguns prédios sem uso como abrigo durante a noite. Os sentimentos evocados ao se transitar por ali foram a tristeza, a impotência e a angústia, diante das condições de vida daquelas pessoas que não possuem moradia.

As áreas 17 e 18 foram qualificadas como espaços públicos vazios, enquanto a área 17 apresenta uma concentração de edificações sem uso, a área 18 apresenta grandes edifícios garagem, assim como estabelecimentos que tem seu uso voltado para o espaço interior, como o Shopping daquela região. Essa realidade faz com que o espaço público seja pouco frequentado, estando ali apenas automóveis de passagem, como é o caso da área 18, ou permanecendo como espaços públicos totalmente desertos na maior parte do tempo, como é o caso da área 17.

A área 19 é uma exceção dentro da pesquisa, qualificada como espaço acolhedor, ele se trata do espaço misto, ou seja, de caráter público, mas principalmente privado, do Shopping Paço Alfândega e de alguns elementos em seu entorno. Durante o processo de pesquisa, uma livraria abriu no térreo de um dos edifícios garagens da parte sul, isso levou algumas pessoas para o espaço público dos arredores, principalmente no Cais da Alfândega, ainda que se tenha optado por dar a característica de vazio a esse espaço, pois assim ele permanece em boa parte do tempo. Mas no final da pesquisa de campo, notou-se a abertura de outros espaços de entretenimento ligados ao shopping, mas que se apropriavam do espaço público, essencialmente na Rua Aluísio Periquito, uma via estreita entre o shopping e o edifício garagem ao seu lado. Bares e restaurantes instalam mesas e cadeiras para clientes, além de promoverem alguns

eventos culturais junto à livraria. Um novo fôlego para essa região que entrava, ou talvez ainda esteja entrando, em uma decadência econômica, evidenciada pelos inúmeros espaços sem uso ou fechados no interior do shopping. Esse espaço de exceção despertou os sentimentos de tranquilidade, acolhimento e segurança, este último proporcionado pela predominância de espaços privados fortemente vigiados. Aqui cabe pontuar, mais uma vez, o perfil do pesquisador como determinante, já que indivíduos de outros perfis, sobretudo na ordem de classe e raça, poderiam se sentir desconfortáveis e até oprimidos pela forma como o espaço vigiado os trataria.

Entender os sentimentos experienciados e compreender as características objetivas que os evocam permitiu estabelecer algumas conclusões sobre o bairro como um todo e o porquê de ele ser visto como um lugar hostil à habitação, em alguns casos. Os sentimentos aqui relatados, frutos de uma expressão subjetiva do corpo ao experienciar o espaço através do caminhar, são consequências dessas características objetivas que são convertidas na concepção que se tem do bairro, levando um possível morador a excluir a área estudada das suas opções de moradia.

Ao se tomar como objeto de observação isolada as áreas caracterizadas como alegres (9, 13, 14, 15) percebe-se que a forma como esses espaços são usados pode, na maioria dos casos, entrar em conflito com um eventual uso habitacional na região sul do bairro. A agitação que se sentiu foi proveniente da euforia emanada por terceiros, que se divertiam nos bares e principalmente nas calçadas diante destes. Essa agitação perdura durante parte da noite, ou, como no caso da Rua da Moeda, durante a noite inteira. Esse uso do espaço e as relações sociais e comportamentais atreladas a ele, afugentam o uso habitacional, já que, lugares calmos em horários noturnos são preferidos para se morar.

São essas características que dão ao bairro um caráter de espaço dedicado à vida noturna, porém, como visto neste trabalho, não são todas as regiões que têm essa conotação, incluindo-se aqui, diversos pontos da parte sul do bairro. Do lado inverso desse raciocínio, nota-se que os lugares vazios também não são apeteceíveis para a moradia, a calmaria excessiva também é uma característica negativa, que acaba levando à percepção do espaço como um lugar inseguro e inóspito, onde há violência e perigo para se morar ou transitar.

Diante da necessidade de validar o que foi experienciado e observado durante os trajetos pelo Bairro do Recife, as entrevistas se mostraram como um fator de confirmação e autenticação da concepção criada pelo pesquisador sobre a área de estudo. No item que se segue, estão por fim expostos e explicados os motivos para que o Bairro do Recife comporte uma quantidade tão ínfima de pessoas residindo, sobretudo na parte sul, conhecida como Recife Antigo,

tomando os resultados obtidos nas entrevistas como material de análise, bem como a imagem do bairro criada até este ponto do capítulo.

6.3 “VOCÊ MORARIA NO BAIRRO DO RECIFE?”

A pergunta chave feita durante o diálogo revelava ao entrevistado o teor da entrevista, mas só ocorria depois que ele falasse generalidades sobre o bairro, dando opiniões de acordo com os temas que mais lhe eram quistos. Ao ouvirem a pergunta: você moraria no Bairro do Recife? a reação que muitos tiveram foi, por si só, uma resposta à pergunta e um indício de como este bairro é enxergado, e como, em muitas vezes, a habitação não é vista sequer como uma opção.

Ao ouvirem a pergunta, principalmente depois de terem elogiado o bairro e suas qualidades, muitos ficavam atônitos e tiravam longos segundos para pensarem na sua resposta. A resposta vinha em muitas vezes direta: “não”, mas outras vezes, esse “não” virava um “sim”, um “talvez” ou um “depende”, para depois retornar ao “não”, e acabava quando os entrevistados, de certa forma, se davam conta da realidade do bairro em que trabalhavam e o porquê de mesmo gostando do espaço e o adjetivando com inúmeras qualidades, eles não morariam lá.

Dos nove entrevistados, três tiveram o sim como primeira resposta, mas para dois destes, o sim foi efêmero e se tornou um não após um breve momento de reflexão. Apenas uma pessoa afirmou que moraria no Bairro do Recife, um motorista de 63 anos que trabalha na prefeitura e mora no bairro de IPSEP, trabalhando no bairro há dez anos. O motivo apresentado foi a tranquilidade do mesmo. Todavia, o entrevistado adjetivou o bairro como sendo “de trabalho”.

É um bairro legal. É um bairro de trabalho, né? [...] É só um bairro de trabalho... comércio um pouco, turismo. Mas só isso mesmo. Não tem assim... um bairro de moradia, de... é só trabalho mesmo. (ENTREVISTADO 5, 2020)

Mesmo que ele tenha respondido à pergunta de forma afirmativa, ele reconhecia que o bairro não tem as características de um local residencial, estando a ele destinada a função de local de trabalho. Foi falado que, para qualquer serviço que se necessitasse, bastava atravessar as pontes, ainda que ele tenha dado a entender que esses trajetos seriam feitos de automóvel. Todavia, mesmo que um dos entrevistados tenha visto o bairro como um possível local de moradia, os outros oito entrevistados tiveram a negativa como resposta final, impondo uma série de requisitos mínimos, que o bairro não apresenta.

Os dois entrevistados que responderam “sim”, mas logo mudaram de resposta, o fizeram justamente diante desses requisitos exigidos, e por mais que considerassem o bairro como um local único da cidade, cheio de vida e com uma série de serviços e opções de lazer, eles entendiam que essas situações eram delimitadas à certos períodos do dia, e que a escassez de moradores na parte sul pesava na sua escolha.

O “não” foi quase que absoluto entre os entrevistados na pesquisa, e apesar das particularidades de cada um dos entrevistados, a motivação de suas respostas ficou concentrada em alguns aspectos ligados exclusivamente à características próprias do bairro. E ainda que respondendo de forma negativa, muitos condicionaram seu interesse a solução desses problemas, demonstrando que o bairro tem qualidades que os atraem, ainda que os defeitos sejam determinantes nessa escolha.

Os problemas apontados de forma mais recorrente ficaram associados à três temas principais: Infraestrutura para a habitação; adaptação dos imóveis; e solidão e insegurança. Estes últimos, solidão e insegurança, ficaram reunidos pois se originam na mesma problemática, a inexistência atual de uso habitacional.

Vale pontuar aqui, que mesmo expostos a todo o bairro, nenhum entrevistado apontou a Comunidade do Pilar como um possível local de moradia. A invisibilidade do local, fez alguns só lembrarem da existência da comunidade após ela ser citada pelo pesquisador. Os problemas da comunidade do Pilar atingem uma escala maior, que vai desde a estrutura urbana, como saneamento básico e iluminação pública, até questões de segregação habitacional de acordo com classe e *status* e com o senso de comunidade estabelecido entre aqueles moradores.

A dificuldade de enxergar a Comunidade do Pilar como um local de moradia está altamente relacionada ao estigma de favela e também à todas as problemáticas de luta pelo direito à habitação, que resulta num movimento antigo de cobranças e obras interrompidas. Além, é claro, do local estar totalmente fora do imaginário criado sobre o Bairro do Recife, principalmente daqueles que frequentam apenas a parte sul do Bairro.

As respostas se detiveram à parte sul do bairro, já que, no imaginário dos entrevistados, é aquele local que eventualmente teria mais chances de despertar o seu interesse habitacional. Esse foi um ponto a ser destacado, mas é justamente essa área a que se encontra quase desabitada e os interesses de investigação desta pesquisa se debruçam sobre o bairro sem moradores. Quais características que o fazem ser preterido dentre as opções de um potencial morador? se é que ele entra nas opções. Assim, a parte sul do bairro tem protagonismo nesta parte do trabalho.

6.3.1 Infraestrutura Habitacional

O problema da infraestrutura habitacional se caracteriza pela falta de equipamentos e serviços que possam sustentar a habitação. Conforme previsto pelo Plano de Revitalização do Bairro do Recife de 1993, o uso habitacional só se manteria no bairro mediante a atração dessas estruturas, ou, a implantação delas atrairia novos moradores que se instalariam pelo bairro. Foram poucas as ações feitas no Bairro do Recife pós-plano, que visassem reverter o déficit demográfico no bairro, sobretudo através de ações de atração de serviços voltados ao suporte da moradia.

As estruturas ligadas ao serviço de saúde, como hospitais, postos de saúde, farmácias e clínicas, bem como serviços de abastecimento alimentar, como mercados, padarias, quitandas, mercearias ou lojas de conveniência são fundamentais para a fixação e atração de novos moradores. A esses serviços também se devem incluir os serviços educacionais, nos mais diversos níveis. Algumas instituições educacionais estão presentes no bairro, sejam elas públicas ou privadas, mesmo que não haja uma variedade, no sentido de atendimento à todas as faixas etárias, fundamentalmente na questão do ensino fundamental.

Atestado no levantamento do uso do solo no bairro, poucos estabelecimentos alocados nessas categorias se fazem presente no bairro, e essa ausência se mostrou a maior queixa entre os entrevistados, já que quase todos abraçaram este ponto como justificativa para o desinteresse habitacional que mantêm em relação ao Bairro do Recife. Os relatos abaixo são alguns que listam ausências que os entrevistados notam, bem como reclamações a respeito da ausência de infraestrutura de suporte à habitação.

Se você quiser alguma coisa, você tem que sair dali, ali não tem uma farmácia, que funciona durante o dia, o Paço Alfândega, é... funciona até as dez horas da noite, se você quiser sacar um dinheiro, se não for no Bradesco, não sei se fica aberto a noite toda, porque o bairro não tem um caixa, um banco vinte e quatro horas, ali no bairro, fora de banco. Entendeu? Então o bairro não desenvolve, não sai daquilo, entendeu? O porto digital tá lá, maravilhosamente, mas a estrutura do bairro em si, a infraestrutura do bairro é muito pouca, é muito fraca. (ENTREVISTADO 3, 2020)

Já procurei lugares pra ir morar só e tal, aí, quando eu tava procurando, eu procurava também o que tinha por perto, se tinha mercado, alguma coisa de academia, alguma coisa de questão de lazer. (ENTREVISTADO 8, 2020)

se a situação, no geral, dos bairros ao redor, mudasse um pouco mais, facilitar a moradia, tivesse condições melhores, até mesmo de infra, é... farmácia, mercado, padaria, aí talvez minha opinião mudasse. Mas, hoje, eu não moraria. (ENTREVISTADO 1, 2020)

O primeiro relato evidencia o desgosto diante da ausência desses serviços, e como essa escassez afeta o entrevistado mesmo ele não morando no bairro. A conveniência desse tipo de

serviços, principalmente os de primeira necessidade, como mercados e farmácias, tornaria prático o cotidiano daqueles trabalhadores, que passam grande parte do dia lá. Outros entrevistados fizeram queixas similares, reclamando de episódios onde foi necessário a aquisição, seja de um remédio ou objetos corriqueiros, que não estavam disponíveis no bairro, tendo então que se deslocar para bairros vizinhos. Diante de uma atividade de moradia, esses deslocamentos se configuram como algo incômodo e é justamente por isso que a busca por um local de moradia está atrelada à pesquisa pelos serviços oferecidos no entorno, como o entrevistado 8 colocou.

Ter serviços desse tipo nas proximidades, prezando-se pela variedade, condiciona o maior apreço de um possível morador à determinada região, a inexistência ou escassez deles faz o Bairro do Recife figurar como um espaço pouco acolhedor ou preparado para abrigar o uso habitacional. É condicionada à solução desse problema que alguns entrevistados, como o Entrevistado 1, atestam que talvez mudassem de ideia, já que, mediante a presença de serviços mais básicos, como supermercados ou padarias, a capacidade de atração da habitação no Bairro do Recife, sobretudo na parte sul, seria potencializada, principalmente em associação aos serviços de lazer já existentes no bairro, que costumam atrair uma comunidade mais jovem, como a que ali trabalha.

Os depoimentos feitos nas entrevistas confirmam as considerações feitas no Plano de Revitalização do Bairro do Recife sobre a importância da presença de uma infraestrutura comercial e de serviços de apoio ao uso habitacional, pois foi este foi um dos motivos mais citados sobre a opção de não residir no bairro. Note-se que, conforme concluído no capítulo 4, a presença dessa infraestrutura condiciona a moradia com qualidade e praticidade, e se mostrou um defeito determinante, sendo de profunda importância para entender o estado atual de escassez habitacional no Recife Antigo.

A ausência da infraestrutura habitacional determina que a vida dos habitantes do bairro esteja condicionada à uma série de trajetos e idas a regiões fora dali em busca de serviços básicos, deste modo, fazendo-se necessário o uso de automóvel ou do transporte público. Ainda que na Comunidade do Pilar haja alguns pequenos estabelecimentos nas categorias de produtos de primeira necessidade, esses não possuem variedade ou abundância. Em contrapartida, há a esperança de novos equipamentos que funcionem nesse sentido, como instituições educacionais, além de um posto de saúde e um mercado público, atrelados fundamentalmente ao projeto habitacional da Comunidade do Pilar. Todavia essa esperança fica na subjetividade do futuro, insuficiente para que alguns entrevistados chegassem a cogitar uma mudança próxima.

6.3.2 Adaptação dos Imóveis

Ainda que houvesse uma infraestrutura de suporte à habitação, talvez não houvessem espaços habitáveis, e essa foi a indagação que alguns entrevistados se fizeram, principalmente diante da incerteza de que no Bairro do Recife há apartamentos ou unidades habitacionais disponíveis para moradia. A ausência de espaços que possam atender às necessidades tipológicas de uma habitação são fundamentais para que o uso habitacional se instale em novos lugares, bem como o estado de conservação e integridade que estas residências apresentam.

Conforme exposto no capítulo 3, as reformas do início do século XX, transformaram parte do bairro em um centro de negócios, onde, os prédios ecléticos, construídos nas avenidas radiais, têm a tipologia de edifícios comerciais, sejam eles um aglomerado de escritórios, ou simplesmente grandes vãos destinados ao abrigo de empresas de exportação ou bancos e companhias financeiras. Por esse motivo, grande parte desses edifícios estão sob posse do Porto Digital, que lhes dá funções similares, ao acomodar nesses edifícios empresas, que mesmo mudando o viés de atuação, encontra boa parte das características espaciais de que necessita para se instalar.

É nesse sentido que surge uma problemática intrínseca ao Recife Antigo, sobretudo aos edifícios históricos de maior porte: para que abriguem o uso habitacional, eles precisam ser adaptados. Esse foi um ponto levantado por uma das entrevistadas, que mesmo gostando muito do bairro, não sabia se compensaria o investimento em se adaptar e manter uma habitação num edifício antigo.

eu acho que deve ser muito caro, eu não sei se a pessoa tem que comprar um prédio inteiro, sabe? E aí teria que ter dinheiro pra reformar, porque são edifícios muito antigos. Mas se tivesse, sei lá, uma construtora pegasse um daqueles prédios, daquelas casas, dividisse em apartamentos, vamos dizer assim né, e vendesse, eu acho que, se eu tivesse dinheiro. Eu só acho que seria muito caro, por causa do... de manutenção. (ENTREVISTADA 7, 2020)

Se eu quisesse morar lá, sei lá, eu teria que alugar um andar, num valor comercial, pra morar, entendeu? (ENTREVISTADA 7, 2020)

São muitas questões associadas à adaptação, conforme o depoimento da entrevistada. A problemática apresentada por ela não está só na adaptação em si de um imóvel, mas também em qual agente seria responsável ou teria o interesse em fazer essa adaptação. Questões como a manutenção e a constante preocupação com intervenções controladas, já que os imóveis possuem caráter patrimonial, surgem quando a ocupação e o preço atrelado a essas ações costuma ser algo oneroso.

Sobre a experiência do Projeto Monumenta em Salvador, Bonduki (2010, p.348) afirma que o valor de adaptação de uma unidade habitacional deveria custar no mínimo 50% à mais que um apartamento padrão feito nos moldes tradicionais, desconsiderando-se desse valor o preço de desapropriação do imóvel, mas salientando o estado avançado de degradação em que se encontravam os imóveis do Centro Histórico de Salvador. Esse alto custo afugenta possíveis investidores e o interesse de construtoras, sendo esse um dos motivos que torna a experiência de habitação social em centros históricos de Salvador um processo raro.

No Bairro do Recife a adaptação dos imóveis seria, de forma similar, onerosa. O estado de conservação de muitos edifícios sem uso é preocupante e a presença do Porto Digital condiciona a reciclagem dos edifícios aos usos vinculados a esse órgão, tendo em vista os retornos financeiros atrelados à presença de empresas de tecnologia, algo difícil de se conseguir mediante a adoção do uso residencial para essas edificações de caráter histórico e em péssimas condições de conservação.

A predominância do uso de serviços e a presença elevada de empresas de tecnologia, bem como instituições da administração pública, de certo modo, são responsáveis pela percepção do bairro como um local de trabalho, sendo nele raras as edificações que, de alguma forma, se caracterizam como habitacionais. De certo modo, esta visão é imbuída de alguma verdade, principalmente na parte sul do bairro, considerando-se o tecido urbano derivado da reforma de 1910/13. A fala transcrita abaixo exemplifica essa visão do porquê o bairro ser desconsiderado como um possível local de moradia pelos seus trabalhadores:

É, eu acho que não [moraria]. É porque, assim, atravessou a ponte, eu já moraria, mas aqui, eu não vejo nem, assim... pensando nos prédios e nos locais, eu não vejo nem como, hoje, assim. [...] não ter casa, prédio, assim... mas se houvessem, talvez.
(ENTREVISTADA 2, 2020)

A tipologia residencial é exigida pela entrevistada, seja ela um apartamento ou até mesmo uma casa. Mediante isto posto, pode-se afirmar que o mercado de aluguel se concentra na locação de imóveis comerciais, estando os imóveis residenciais inseridos em um contexto de aparições esporádicas, já que alguns dos moradores da parte sul do bairro residem através de aluguel de quartos. A questão ainda se agrava diante dos altos índices dos valores associados à terra e aos custos de locação, onde a variação do preço do metro quadrado no Bairro do Recife figura como um dos que mais sofreram variações positivas entre 2008/2013, dentre os bairros que compõem o centro histórico de Recife (LUDEMIR BERNARDINO e LACERDA, 2015, p.70)

Assim, o estoque habitacional deficiente no Bairro do Recife é um fator que inviabiliza a procura por espaços de moradia, seja na aquisição ou no aluguel. Para sua ampliação, este estoque deveria ser construído, seja através da adaptação de imóveis antigos ou a construção de edifícios contemporâneos em lotes vagos, de uma forma que dialogue com o contexto histórico do bairro. Nesse meio tempo, a parte sul do bairro permanece quase inabitada, e a procura por imóveis habitacionais é inexistente.

6.3.3 Solidão e Insegurança

Ainda que a ausência de infraestrutura de suporte à habitação e a dificuldade e onerosidade de se adaptarem imóveis antigos para o uso habitacional se configurem como motivos decisivos para que os entrevistados tenham respondido “não” à questão fundamental da entrevista, outros pontos relacionados com a ausência de moradores e pessoas no espaço público foram apontados, suscitando questões ligadas à insegurança e à solidão.

Desta forma, o fato de haverem poucas pessoas em determinados momentos do dia ou da noite, bem como restritos à certos espaços que se configuram como a maior parte do bairro, criam ambientes inóspitos, sobretudo no espaço público. Dessas percepções espaciais surgem as sensações de insegurança e até medo de se transitar no espaço público, conforme experienciado pelo pesquisador em algumas regiões do bairro durante os trajetos de observação. Conseqüentemente, essas sensações pesam na percepção de um espaço como sendo de moradia, levando muitos a priorizarem locais “vivos” na maior parte do tempo.

É, teria que ser um pouco movimentado, assim, na frente, no entorno. Onde a gente não tá se deparando com lugares muito esquisitos, à noite, finais de semana. Teria que ter uma certa movimentação. Ou um perto de... próximo à algum lugar, ou coisa, serviços, não sei, que fizessem com que aquela área não fosse tão deserta. Pra chegar, da saída, no sentido de dar segurança ao chegar e ao entrar no... em casa. (ENTREVISTADA 2, 2020)

Como evidenciado no relato, a sensação de segurança, de poder sair e chegar de sua residência com integridade e livre de perigos, é potencializada mediante a vida do espaço público, a circulação e permanência de pessoas na rua, na maior variedade de horários possível. A entrevistada atribui ao bairro o caráter de deserto e esquisito, duas palavras que dão conotações negativas ao espaço público, principalmente por estimular a apreensão do espaço como um local inseguro. Conforme o que foi observado na pesquisa de campo, essas características se aplicam à diversas áreas do bairro, principalmente no período da noite, mas

também em horários diurnos dos finais de semana, quando há pouca atividade profissional no bairro. Essa sazonalidade que se associa à insegurança é evidenciada nas seguintes falas:

além dessa infraestrutura, é a questão também de falta de vigilância noturna, principalmente. A gente não tem um serviço lá, é como eu falei, é ótimo durante o dia, mas à noite não tem esses serviços, né? (ENTREVISTADO 4, 2020)
 Acho que não, porque, assim... final de semana eu acho muito... muito esquisito, ali. Dia de semana que é mais atraente ali. [...] mas, à noitinha eu acho meio esquisito. [...] Eu não moraria não. Assim, as ruas são um pouco esquisitas [...] eu acho muito bonito o Bairro do Recife, muito bonito mesmo. Mas não moraria não, lá não. (ENTREVISTADA 6, 2020)

Os serviços oferecidos no bairro, bem como seus aspectos físicos e urbanos, foram exaltados pelos entrevistados quando as perguntas eram feitas de forma mais geral, todavia, ao adentrar no tema da habitação, muitos desconsideravam os elogios tecidos e afirmando que mesmo tendo em vista aquele lado positivo, morar no bairro não seria uma opção por motivos de segurança. Muitos estavam cientes ainda da sazonalidade dos serviços, assim como de seus aspectos positivos. O fluxo de pessoas em interação na rua, que no bairro tende a ter seus momentos, e o fato de alguns lugares estarem condicionados à uma mudança radical na forma como seu espaço público é apropriado, como, por exemplo, a Avenida Marquês de Olinda, extremamente movimentada durante o dia, mas vazia nos períodos noturnos e finais de semana.

É a partir dessa ausência de pessoas e das escassas atividades de policiamento e vigilância que os moradores se queixam, e a que atribuem o sentimento de insegurança vivenciado por eles no Bairro do Recife. Esse sentimento guarda correspondência com o que foi relatado através dos trajetos de observação. Muitos espaços qualificados como vazios na representação afetiva do bairro tendem a apresentar esse sentimento na maior parte do tempo, à medida que outros espaços públicos do bairro, mesmo recebendo qualificações como alegre ou acolhedor, podem se mostrar vazios em momentos específicos e esse aglomerado de momentos em que o bairro está vazio extrapolam-se na imagem de bairro inseguro descrita pelos entrevistados.

Essa visão de vazio e insegurança é normalmente relacionada a partes da cidade tidas como comerciais, alocados nessa categoria mediante uma mentalidade zoneadora ainda muito presente, não só no planejamento urbano de muitas cidades, mas também no imaginário popular. Essa concepção atrela ao centro a imagem de bairro de trabalho, onde o comércio deve dominar, bem como uma concentração de serviços e instituições de administração pública. Nesses lugares, a habitação não é bem-vinda, e é justamente por essa recusa que os espaços se tornam vazios em determinados momentos do dia, sobretudo à noite, quando o comércio está fechado.

Mas, bairros comerciais, geralmente têm essa tendência de ficar mais vazios e, pelo fato de ter muito morador de rua naquela área, também torna ele um lugar mais perigoso. Por que antes, ali do Recife Antigo, ainda tem o Cais, o Cais de Santa Rita, já é um lugar perigoso, já presenciei muito, muitos amigos meus já tentaram ser assaltados, já foram assaltados ali. Por questões de segurança, não é um bairro muito legal. (ENTREVISTADO 8, 2020)

Essa também é uma barreira com a qual a habitação se depara diante das suas tentativas de reintrodução em áreas centrais. O estigma da violência dos espaços comerciais no período noturno afugenta qualquer tentativa natural de reinserção da habitação nas áreas centrais, à exceção daquelas pautadas pela ocupação irregular, como os processos de empobrecimento das camadas populacionais residentes nos centros outrora estagnados e em processo de degradação. Nesse caso, as classes médias e altas ignoram os espaços centrais e comerciais como lugar de moradia, mediante uma separação e ordenação da cidade de acordo com os usos e funções a elas estabelecidas.

Uma evidência desse fenômeno é o relato de assaltos que o Entrevistado 8 faz e os relaciona com o Bairro do Recife, mesmo eles tendo ocorrido no bairro vizinho de Santo Antônio, além de relacionar esses atos violentos com as populações sem teto, que residem sob as intempéries da rua. Dois entrevistados apontaram os moradores de rua como um problema do bairro, mas não relacionando à questão do desabrigo dessas pessoas, mas sim à presença delas no bairro, o que de certa forma, em suas visões, desqualificavam o espaço público e se relacionavam aos problemas de insegurança, bem como de limpeza pública.

Mas ainda relacionado à ausência de moradores, alguns entrevistados justificaram seu desinteresse habitacional no Bairro do Recife baseados na inexistência de uma vizinhança e o sentimento de solidão que por ventura recairia sobre eles caso morassem no bairro, tendo em vista as condições atuais de moradia em que ele está inserido.

se eu morasse aqui na minha rua e não tivesse ninguém, pronto, na minha rua, tem umas três, quatro casas pra alugar ou vender, eu acho péssimo isso, mas imagina se minha rua inteira não tivesse vizinhança, o que é que... o sítio histórico acaba sendo uma vilinha, não é? Então, é o que eu sinto lá no Recife Antigo. Eu fico achando assim, eu ficaria um pouco isolada, tanto é que [não] tem outras pessoas morando. (ENTREVISTADA 7, 2020)

Se eu moraria no Bairro do Recife... hmm... não. [...] não é um bairro residencial. [...] Por ser um bairro, muito, muito comercial... comercial não, muito de empresas, então, assim, você não tem essa relação, vizinhos e tal, tal, tal. (ENTREVISTADO 9, 2020)

Os relatos acima evidenciam como a existência de um senso de comunidade, bem como a existência de uma vizinhança é fator determinante na opinião que alguns entrevistados têm sobre o bairro. Ao se imaginar “isolada”, a entrevistada 7 evidencia que esse é um fator determinante para ela, inclusive apresentando sua aflição quanto à um constante aumento de

residências vagas na rua em que habita atualmente, no centro histórico de Olinda. Essa escassez habitacional suscita em alguns entrevistados o sentimento de insegurança, mas também de solidão, que priva o possível morador de uma relação entre vizinhos, tornando limitadas as relações de sociabilidade que ele teria em seu local de moradia.

A presença de vizinhos é essencial para que haja a formação de uma comunidade, mesmo que ela não seja tão unida em pontos em comum. Mas a presença de outras pessoas residindo nas proximidades de sua moradia potencializam o sentimento de segurança, já que essas pessoas podem ser úteis em eventuais necessidades, além da possibilidade de aumentar os laços e as redes de relacionamento, haja vista que para muitos, uma vida em sociedade requer o contato com outras pessoas, e nesse caso, vizinhos se apresentam como atores importantes.

Ao fim da análise das falas dos entrevistados sobre o desejo de morar ou não no Bairro do Recife, pode-se afirmar que a escassez habitacional é um fator por si só autossuficiente na manutenção da inatividade habitacional no Recife Antigo, já que a sua própria existência tende a perpetuar o estado de diminuição constante dos índices populacionais, onde, diante da inércia, tende a se agravar com o passar do tempo, deixando o espaço cada vez mais inabitado.

Ver que alguns espaços não são habitados desperta em possíveis moradores o sentimento de que há algo errado com aquela parte da cidade, mesmo que ele não conheça bem o lugar, em oposição aos entrevistados nesta pesquisa. A reversão das baixas taxas habitacionais do Bairro do Recife só será possível mediante uma ação direta, onde o caráter habitacional seja pensado com protagonismo em uma intervenção urbana.

A espera pela ordem natural de ocupação, proveniente do melhoramento do bairro e enobrecimento de seu espaço público, não se aplicará no caso do Bairro do Recife. A ausência quase que completa de moradores afugenta aqueles que, por ventura, pensem em morar no bairro, seja pela proximidade do emprego, ou atraídos pelos serviços de lazer e entretenimento inseridos naquele lugar.

Todavia, houve um caso onde o entrevistado manifestou discordância quanto à atração do uso residencial para o bairro, pautado sobretudo na incompatibilidade deste com outros usos presentes no bairro, que segundo ele são o que o faz gostar do Recife Antigo.

Na hora que você transforma aquele bairro num bairro residencial, os eventos que a gente tem nos finais de semana, por exemplo, esse Recife de Coração, que a rua enche, você tem música, você tem... você tem esporte, uma série de coisas, que na hora que você transforma um bairro em residencial, você corre o risco daquilo ali se acabar, [...] Então, se você começa a fazer... tornar o Bairro do Recife residencial, você vai

chegar nesse mesmo ponto. Então, esse lado do bairro turístico, ele vai deixar de existir. (ENTREVISTADO 9, 2020)

De fato, essa é uma preocupação que se deve ter ao se estimular o aumento populacional em bairros centrais, o uso residencial pode chocar com as atividades de outros usos, sobretudo aqueles voltados à vida noturna e à recreação. A atração de moradores para um centro histórico deve ser feita com cuidado, para que as manifestações culturais que encontram espaço neste lugar, não sejam afugentadas ou dizimadas diante da reclamação de moradores incomodados com questões de conforto, principalmente as relacionadas ao ruído e a manutenção do espaço público diante de suas residências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O centro, que outrora foi a cidade por completo, assistiu a expansão das grandes cidades enquanto vislumbraram a sua degradação diante do ócio e da estagnação econômica. Foi assim com muitas capitais brasileiras, dentre elas Recife. Nesse contexto, o Bairro do Recife, espaço onde essa pesquisa foi realizada, passou por uma série de transformações, não só físicas, mas também sociais, econômicas e utilitárias. Desde a reforma no início do século passado, até o momento em que o bairro foi reabilitado, a forma como o uso habitacional se distribuía pelo bairro sofreu grandes mudanças e acabou por ser quase extinto, mesmo depois de operações de reabilitação urbana que, apesar de dar importância ao problema da escassez habitacional, falharam em reverter esse quadro.

O caso do Bairro do Recife segue o debate teórico sobre habitação em centros históricos, que sempre esteve focado na manutenção dos moradores tradicionais, para que tanto as dimensões físicas, como as dimensões culturais e sociais sejam preservadas, garantindo a manutenção do caráter patrimonial dessas regiões. Entretanto, é apenas na Comunidade do Pilar que resistem os habitantes do bairro, e por meio, seja do Plano de Revitalização do Bairro do Recife de 1993, ou pela abordagem da administração pública quanto à manutenção dessas populações, que esta região foi agraciada com um projeto de renovação, que visava melhorar as condições de moradia dos habitantes, ainda que esse processo se arraste lentamente.

Mas na região sul do bairro, aquela que mantinha a maior parte das características que atribuíam valor patrimonial, não restava uma população significativa. Neste sentido, o debate teórico de manutenção e combate ao enobrecimento que expulsa as populações tradicionais não tem grande influência sobre as medidas que foram tomadas na reabilitação do Bairro do Recife iniciadas na última década do século passado. Pelo contrário, a habitação deveria ser atraída, e, de alguma forma, reestabelecida na região denominada Recife Antigo. Apesar das propostas e o teor de pluralidade usual dos planos de intervenção no bairro, o uso habitacional não foi reestabelecido e desde então a Comunidade do Pilar representa a maior concentração de residentes no bairro, em detrimento dos dez moradores no sul da ilha.

A reinserção da habitação é difícil nos centros históricos, principalmente quando eles foram esvaziados, como no caso do Bairro do Recife. Uma vez sem habitantes, a reversão desse quadro só é possível mediante intervenção direta, seja de agentes públicos ou privados, que tenham a intenção de reverter o contínuo esvaziamento do bairro. De forma espontânea, os serviços de suporte à habitação não se instalarão, eles só existirão se houverem habitantes, assim como os habitantes só irão se instalar se estes serviços já estiverem presentes. É nesse momento

que se faz necessário o planejamento estratégico e a solução desse problema interferindo de forma direta no *status quo* do bairro, já que, de forma espontânea, a habitação não retornará.

A Intervenção que ocorre na Comunidade do Pilar é um exemplo de ação direta, mesmo com todos os problemas atrelados. A construção de uma infraestrutura habitacional, que vai desde a edificação de unidades habitacionais à criação de estabelecimentos, serviços e instituições, como escola, mercado e posto de saúde, garante a permanência dos moradores, bem como criaria a espacialidade ideal para o exercício da cidadania e a vitalidade do espaço público.

Todavia, essa ação se dá de forma similar às ações em regiões periféricas, sobretudo no que tange ao caráter arquitetônico as edificações, o que evidencia que a reabilitação de edifícios históricos para o acolhimento do uso habitacional, principalmente o de caráter social, é um processo raro e até mesmo evitado pelos agentes executores e administrativos. O elevado custo do solo, aliado às dificuldades, exigências e onerosidade dos restauros e adaptações das edificações históricas são uma barreira na reinserção da habitação no Bairro do Recife. E, a partir dessas características, as edificações históricas ficaram à mercê da ocupação de outros usos, que poderiam dar retorno rápido aos investimentos feitos no restauro.

É nesse cenário que a habitação figura como um dos usos mais escassos na parte sul do bairro, quando este é dominado pelos usos de serviço e institucional, num arranjo que se dispõe entre as empresas vinculadas ao Porto Digital, além dos espaços de escritório ocupados por profissionais liberais, e os estabelecimentos ligados à administração pública, o turismo, cultura, lazer e entretenimento.

Onde a habitação ganha protagonismo no bairro, é justamente na região norte da área de estudo, onde a Comunidade do Pilar aparece ao lado de um polo administrativo no Aterro do Cais do Apolo, estando envolvida por uma série de imóveis e até quadras inteiras totalmente sem utilização, dando ao espaço público um ar de degradação e insegurança. Do mesmo modo, a realidade da inexistência de uso em lotes no Bairro do Recife se faz presente na parte sul, sejam em lotes inteiros, ou apenas em apenas partes deste, dando um ar de subutilização para algumas partes dessa região.

Assim, compreender como o Bairro do Recife se transformou no decorrer do último século e apreender como ele vêm sendo utilizado, forneceu indícios sólidos e objetivos para determinar os motivos que o levam a ser preterido como um espaço habitacional. Mas a experiência de campo, de caminhar pelo espaço público e entre as pessoas que o ocupam, realizada através de uma abordagem de *perto e de dentro* pautada no método etnográfico, deu outro ponto de vista sobre o bairro. A apreensão dos sentimentos ao se caminhar por suas ruas

e observar como e se os atores ocupam o espaço público, forneceu a identificação dos elementos subjetivos que levam o Bairro do Recife a ser pouco habitado.

Sejam elas alegres, vazias, acolhedoras, habitadas ou plurais, através dos sentimentos vivenciados em qualquer uma dessas regiões pode-se afirmar que a percepção afetiva elaborada através do olhar e sentimentos do autor, são similares a forma como outras pessoas que frequentam o bairro o veem. E isso se atesta através das entrevistas realizadas com aqueles que possuem o maior potencial em habitar o bairro, mas que mesmo assim, quase em sua totalidade, afirmaram que não o fariam.

Os relatos colhidos com as entrevistas foram fundamentais na compreensão final do tema e na resposta da pergunta fundamental deste trabalho. Pois, através delas, conclusões tiradas através do levantamento histórico, do levantamento do uso do solo e da observação feita através dos trajetos puderam ser autenticadas e validadas.

Deste modo, a falta de infraestrutura habitacional e a dificuldade presente na adaptação dos edifícios antigos, bem como a inexistência de uso de algumas partes do bairro ou a sazonalidade dos usos, que geram um sentimento de insegurança, e também, a falta da própria moradia, sobretudo na parte sul do bairro, são os principais motivos para que no Bairro do Recife haja uma escassez habitacional, assim como a proeminência de um desinteresse no bairro como um local de moradia.

Ao mesmo tempo que as motivações acima citadas são empecilhos principalmente para as classes médias e altas, as classes baixas apenas desejam um lugar para morar. Isso se confirmou no momento em que foram os despossuídos, de menor poder econômico, que popularizaram as regiões centrais quando estas estavam estagnadas e degradadas. Mas a recuperação dessa área elevou o valor do solo, e é esse o fator que impede que as populações mais carentes se instalem no bairro, salvo o caso da Comunidade do Pilar, que conseguiu resistir às pressões imobiliárias e conquistaram o direito à moradia no bairro, ainda que este não tenha chegado para todos. Seria a habitação social uma saída para o Recife Antigo?

As chagas da estagnação econômica e do momento em que o bairro era uma periferia central ainda estão presentes quando se observa ausência de usos e degradação existente em parte da região norte da área de estudo, ou a subutilização de muitos lotes na parte sul. Mesmo reinserido na dinâmica econômica da cidade, num movimento encabeçado pelo Porto Digital e pelo turismo, o bairro ainda guarda cicatrizes do momento anterior, que de certa forma afugenta o uso habitacional.

É interessante analisar essa dualidade presente no Bairro do Recife, sobretudo a percebida nas falas dos entrevistados, onde o bairro é visto como um lugar bom, acolhedor,

animado e até mesmo amado por quem ali trabalha, mas ao se depararem com a possibilidade de morarem ali, os defeitos surgem aos montes e eles percebem que o Bairro do Recife não é o cenário de perfeição que muitos criaram no início das entrevistas. Mas, ainda diante dos problemas que afligem o bairro, ele se configura um espaço de vínculo para algumas daquelas pessoas, um sentimento exemplificado na seguinte fala:

[...] o ambiente ali é gostoso. Tanto durante a semana, quando eu tô trabalhando, quanto nos finais de semana, num passeio, aquilo me faz... estar ali me faz bem. (ENTREVISTADO 9, 2020)

Mas muitos estão cientes dos problemas e também dos perigos que rondam a forma como o bairro é utilizado hoje. Seja a diminuição dos frequentadores apontada em alguns relatos, ou a diminuição de espaços de lazer e entretenimento, que aos poucos fecham suas portas, restringindo a animação e vitalidade às pequenas regiões em seu interior, ao mesmo momento que outros espaços, que outrora eram centros de lazer ou recreação, caem no vazio da noite sem habitantes.

Então, antigamente o bairro, na época do governo Jarbas, foi quando deu aquele [início dos movimentos de reabilitação do bairro]... o mesmo desenvolvimento, que começaram as casas a abrirem, tinha casa de show, a noite era bem frequentada, tinha vários bares ali, tinha um monte de coisa. O bairro, tinha um escritório que cuidava do bairro, existia o escritório do bairro da cidade do Recife, que era pra cuidar da infraestrutura do bairro. Mas aí quando vem o governo de João Paulo, se não me engano, fecharam esse escritório que cuidava do bairro, e passou tudo pra prefeitura, né? Mas antigamente o bairro tinha um escritório, que cuidava de tudo isso. ... Do bairro ... tipo uma subprefeitura, que era interessante, aí o bairro funcionava, o bairro começou a funcionar ali, mas depois de João Paulo, aí ele colocou o pé em cima e acabou com o bairro, de lá pra cá eu não vejo muita coisa não. (ENTREVISTADO 3, 2020)

Seja por interferência da administração pública, ou pelas ações naturais de mercado, que levam o bairro a competir com outras regiões da cidade, o Bairro do Recife é diferente daquele de algumas décadas atrás, quando ganhou vida novamente após um período de abandono. Ao mesmo tempo que a vida noturna entra em um aparente declínio, a ocupação do Bairro pelas empresas do Porto Digital é crescente e já se pode dizer que domina a forma como o bairro é utilizado. Entretanto, em meio às essas mudanças, a habitação se vê isolada à Comunidade do Pilar, enquanto a parte sul, o Recife Antigo, se encontra quase inabitado. O lugar onde se mora tende a ser o lugar com o qual nos identificamos e onde imprimimos nossas identidades, para a maior parte dos entrevistados, e talvez da população recifense, o Bairro do Recife não é o lugar ideal para isso ser feito.

REFERÊNCIAS

1º ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE REABILITAÇÃO URBANA (1995) - Carta de Lisboa sobre a reabilitação urbana integrada. disponível em: <https://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf> acessado em 16 de janeiro de 2019

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, Frederico Neves. **Imóveis privados no Bairro do Recife/PE**: causas e efeitos da falta de conservação. Dissertações de Mestrado - Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

ARANTES, Antonio A. Patrimônio cultural e cidade. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA-LEITE, Rogério (orgs.). **Plural de Cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

BENEVOLO, Leonardo. **As origens da urbanística moderna**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BERNARDINO, Iana Ludemir. **Para morar no centro histórico**: condições de habitabilidade no sítio histórico da Boa Vista. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

BÓGUS, Lucia Maria Machado. Segregações urbanas. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA-LEITE, Rogério (orgs.). **Plural de Cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

BÓGUS, Lucia Maria Machado; SOUSA, António Miguel Lopes de. Habitação em centros históricos: um desafio à integração das políticas públicas. **Caderno Metrôpoles**, v. 18, n. 37, set/dez 2016, pp. 845-861.

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos**. Brasília, IPHAN/Programa Monumenta, 2010.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Orgs.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania. São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2000.

CARRIÓN, Fernando. Centros históricos: ¿es posible y necesario el espacio residencial en su seno? In: PINEDA, Alma; VELASCO, Mauricio. **Ciudades y Centros Históricos**. Los retos de la vivienda y la habitabilidade. Cidade do México: UNAM, 2017.

CARTA de Lisboa sobre a reabilitação urbana integrada. **Lisboa**: 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana, 21 a 27 de outubro de 1995. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadelisboa1995.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. 7. ed. Recife: Ed. do Autor, 2014.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e suas ruas**. 4. ed. Recife: Ed. Poço Cultural, 2015.

CAVALCANTI, Helenilda; BRITO, Maria Rejane; AVELINO, Emília (Orgs.). **Mosaico urbano do Recife**: exclusão inclusão socioambiental. Recife: Editora Massangana, 2008.

CONSELHO DA EUROPA. **Declaração de Amsterdã**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>> acessado em 16 de janeiro de 2019.

CORDEIRO, Graça Índias; NUNES, João Pedro Silva; FERRO, Lígia; PEREIRA, Patrícia; FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. Decifrando a cidade: sociabilidade e espaços públicos em São Paulo e Lisboa. **Etnográfica** [Online], vol. 17 (1), pag. 185-204, mar. 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/2624>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

DURHAN, Eunice. A Pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A Aventura Antropológica**: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2004.

FERREIRA, Anna Cristina Andrade Ferreira; VIEIRA-DE-ARAÚJO, Natália Miranda. Habitação em áreas urbanas de valor patrimonial: quem pode morar no centro? In: FERREIRA, Anna Cristina Andrade *et al* (Orgs.). **A cidade não para e a memória não perece**: a preservação patrimonial e as transformações urbanas na contemporaneidade. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

FORTUNA, Carlos. Cidade e urbanidade. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA-LEITE, Rogério (orgs.). **Plural de Cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos. *Brasiliana*, s. 5, v. 64, 1936.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. A cidade no diálogo entre disciplinas. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA-LEITE, Rogério (orgs.). **Plural de Cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO, PARQUE EXPO, PORTO DIGITAL, MINISTÉRIO DAS CIDADES, PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA, PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Projeto Recife-Olinda**. Recife, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Projeto Urbanístico Recife/Olinda**. Recife, 2006.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HATUKA, Tali. A obsessão com a memória: O que isso faz conosco e com as nossas cidades? In: CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah; KÜHL, Beatriz M. (orgs.). **Patrimônio cultural**: memória e intervenções urbanas. São Paulo: Annablume Editora, 2017.

ICOMOS. **Carta de Veneza**: Carta internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios. Veneza: II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, maio de 1964. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>> acesso em 16 de janeiro de 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LACERDA, Norma; FERNANDES, Ana Cristina. Parques tecnológicos: entre inovação e renda imobiliária no contexto da cidade do Recife. **Cadernos Metrópole**. São Paulo vol. 17, núm. 34, p. 329-354. Nov., 2015.

LEFEBVRE, Henry. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da UNICAMP; Aracaju: Editora UFS, 2004.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O Bairro do Recife**: entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A reinvenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 17, pp. 95 - 105, 2005.

LUDERMIR BERNARDINO, Iana; LACERDA, Norma. Centros históricos brasileiros: tensões entre a obsolescência imobiliária e a construção de novas espacialidades. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, vol. 17, núm. 1, janeiro-abril, 2015, pp. 61-74.

MADUREIRA, Sevy. **Bairro do Recife**: a revitalização e o porto seguro da boemia. Recife: SEPLAN, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2002, vol.17, n.49, pp.11-29. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia Urbana. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA-LEITE, Rogério (orgs.). **Plural de Cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

MARICATO, Ermínia. Habitação social em áreas centrais. **Oculum Ensaios**. Campinas, n. 1, p. 13-24, 2000.

MENEZES, Larissa Rodrigues de. **Habitar no centro histórico**: A habitação de interesse social como instrumento de reabilitação do Centro Histórico do Recife. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

MINISTÉRIO DAS CIDADES (Brasil). **Reabilitação de centros urbanos**. Coordenação Geral de Raquel Rolnik e Renato Balbim. Brasília: Ministério das Cidades, dezembro de 2005.

NERY, Nancy Siqueira. **Inclusão socioespacial de comunidades pobres**: programa de requalificação urbanística e inclusão social da Comunidade do Pilar, Bairro do Recife - PE. Recife, 2012. 122 folhas : Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012.

OEA. **Normas de Quito**. Quito: Reunião sobre conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico/ Organização dos Estados Americanos, novembro/dezembro de 1967. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>> acesso em 16 de janeiro de 2019.

OLIVEN, Ruben. “Por uma antropologia em cidades brasileiras”. In Velho, Gilberto (coord.) **O desafio da cidade**: novas perspectivas da Antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Campus. 1980.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento. In VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P. 26 -67

PEIXOTO, Paulo. Requalificação urbana. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA-LEITE, Rogério (orgs.). **Plural de Cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

PONTUAL, Virgínia. **Prácticas urbanísticas em áreas históricas**: o Bairro do Recife. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, Vol. XII, nº 752, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-752.htm>> Acessado em: 22 de março de 2019.

RECIFE, Prefeitura Municipal do. Empresa de Urbanização do Recife – URB Recife. **Plano de Reabilitação do Bairro do Recife**. Recife, 1988.

RECIFE. **Lei n. 13.957**, de 26 de setembro de 1979. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1979.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos**: a sua essência e sua origem. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares**: a colonização da terra e das moradias na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

RUBINO, Silvana. Enobrecimento urbano. In: FORTUNA, Carlos; PROENÇA-LEITE, Rogério (orgs.). **Plural de Cidade**: léxicos e culturas urbanas. Coimbra: Almedina, 2009.

SETTE, Mário. **Arruar**: história pitoresca do Recife antigo. Rio de Janeiro: Livraria-editora da casa do estudante do Brasil, 1947.

SILVA, Susan Katharine da. **Mudanças e permanências**: os valores atribuídos ao Bairro do Recife. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

SMITH, Neil. Gentrification, a Fronteira e a Reestruturação do Espaço Urbano. Tradução de Daniel de Mello Sanfelici. Revista GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 21, p. 15-31, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74046/77688>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

TEIXEIRA, Nícolas; SANTANA, Itallo. Habitação no Centro Histórico: quando a função social da propriedade cruza a ZEPH do Bairro do Recife.. In: Anais do 5º Fórum HABITAR 2019: Habitação e Desenvolvimento Sustentável. Anais. Belo Horizonte (MG) UFMG, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/forumhabitar2019/200833-HABITACAO-NO-CENTRO-HISTORICO--QUANDO-A-FUNCAO-SOCIAL-DA-PROPRIEDADE-CRUZA-A-ZEPH-DO-BAIRRO-DO-RECIFE>>. Acesso em: 12/03/2020.

UNESCO. **Recomendação de Nairóbi**. Recomendação relativa à salvaguarda dos conjuntos históricos e sua função na vida contemporânea. Nairóbi: 19ª sessão da UNESCO, novembro de 1976. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=249>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**: Um estudo de Antropologia Social. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

VELHO, Gilberto. Reflexões sobre a Escola de Chicago. In VALLADARES, Lícia do Prado (Org.). **A Escola de Chicago**: impacto de uma tradição no Brasil e na França. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**: estudos sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P. 90 –113.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, Antônio (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

ZANCHETI *et al.* Plano de Revitalização do Bairro do Recife. In: ZANCHETI, Silvio; MARINHO, Geraldo; LACERDA, Norma (Orgs.). **Revitalização do Bairro do Recife** – Plano, Regulação e Avaliação. Recife: UFPE/MDU/CECI, 1998.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Transcrição Entrevista com Entrevistado 1

Pesquisador – Antes de começar, só vou te falar que eu estou gravado a conversa. No trabalho não vou usar seu nome nem informações que identifiquem você, tá? As perguntas são mais simples, assim, sobre o bairro em que você trabalha, tá? Primeiro eu queria que tu me disseses seu nome completo.

Entrevistado 1 – Beleza! Meu nome é ***

Nícolas Teixeira – Tu me dizes tua idade, por favor.

João – Vinte e quatro anos.

A tua profissão?

Engenheiro de Software

Onde você trabalha no Bairro do Recife?

Trabalho no CESAR

Você é aqui de Recife?

É... eu estou aqui em recife agora, mas eu vim do interior faz dois anos.

De que cidade tu veio?

Eu vim de São Joaquim do Monte, Agreste.

Aqui no Recife, onde você mora hoje. Você mora com quem?

Eu moro com meu irmão

Em que bairro tu mora?

Eu moro na Várzea

Há quanto tempo tu trabalhas... está trabalhando no CESAR?

Eu tenho aproximadamente seis meses como estagiário, um mês e meio como engenheiro. São dois anos, por aí.

Pronto, eu vou começar a pesquisa com perguntas mais sobre o bairro, tá?.

Ta certo.

Como é a residência que você mora hoje?

Minha residência é... eu gosto particularmente, assim, é... o único ponto que eu tenho que falar é mais sobre a distância, né, entre os bairros. A localização é estratégica, porque fica do lado da federal, então... é... mas aí o bairro é tranquilo. Até agora eu não presenciei violência, o transporte atende bem, tem integração, passa perto de casa, acho que só, assim, com relação à um ponto de melhoria, digamos, seria a distância, né? Mas, como eu faço mestrado no CIn

[Centro de Informática], na UFPE, então... continua sendo estratégico pra mim. Acho que no fim das contas não tem muita desvantagem.

Sim, é... você... Tu mora hoje num apartamento, casa...?

É um Apartamento

Apartamento, né. Qual a opinião que tu tem sobre o bairro do Recife? Que tu trabalha.

Então... eu acho que o Bairro, ele... ele.. ele é legal. É... tem alguns, tem alguns pontos, por que eu acho que transporte não atende tão bem, assim, o bairro. Eu acho que os horários poderiam ser um pouco estendidos. Eu [fiquei] até pensando, que além da prefeitura, eles têm... existe um sistema de TI ali, né. Então, mais gente trabalha, as pessoas trabalham até tarde: nove, dez da noite. Transporte não atende bem. É... muita gente, às vezes, menciona o fato de ter a Comunidade do Pilar no bairro, mas eu acho que a Comunidade do Pilar é importante no bairro, tem um índice de economia ali, tem um... é bom porque você consegue ver, é... o ecossistema de TI beneficia não somente os seus clientes, as empresas, mas também pessoas que moram no bairro a muito mais tempo do que... do que o Porto Digital começou a existir, acho que bem antes de 90. Então eu acho que ele consegue é... existem campanhas que atuam naquela região beneficiando as pessoas dali. Acho... acho que é um bom ponto. Segurança eu acho que é mais complicado à partir da noite, de fato. Eu já vi vários usuários de drogas nas ruas, é... não tenho problemas com nenhum. Realmente, eles ficavam na deles, não eram pessoas que buscavam furtar. Então eu acho a segurança depende muito do horário, mesmo. Claro que tem exceções, como por exemplo dia de eventos, né? Eventos... as pessoas... eu acho que quando vêm de fora pro bairro, é... e aí às vezes tem policiamento suficiente, e as pessoas que ficam pegando transporte público, ficam na calçada, provavelmente, ficam mais à mercê de assalto, mas eu acho que no geral minha impressão é essa. Em termos de trabalho, eu não tenho muitos problemas com base... nesse estilo.

Tem alguma coisa que te atrai no bairro, alguma coisa que você gosta lá?

O que me atrai, acho que é a questão histórica, mesmo. Né? Eu acho que o próprio conceito de você trazer, não sei... revitalizar os prédios históricos, que antes estavam abandonados, pra colocar empresas de TI lá dentro, e aí você tem dois lados ganhando: o lado histórico da cidade, continua preservado; e o ecossistema de TI, que movimenta a economia do estado, da cidade, em fim. É... então eu acho que o fator histórico é muito interessante, acho que... antes mesmo de pensar no... que estava indo trabalhar numa empresa de tecnologia, eu me senti muito atraído pelo fato de trabalhar no Bairro do Recife, o Recife Antigo, o próprio... que é falado, que tem visibilidade, que tem história. Eu acho que, é... por exemplo, quem trabalha perto da [rua do]

Bom Jesus, eu acho que muita gente fica feliz por que... sempre tem eventos culturais, a vista é bonita. Então, eu acho que minha impressão é mais essa, mesmo.

Tu costumava frequentar o bairro, assim... sem ser à trabalho. À lazer, ou algum outro tipo de motivo que você frequente o bairro?

Eu frequento mais à trabalho mesmo, mas por exemplo, às sextas-feiras ou nos sábados eu costumo sair pra beber, pra fazer alguma atividade social com meus colegas de trabalho, com amigos de fora. Então eu costumo frequentar, por exemplo, a Rua da Moeda à noite, ou até mesmo alguns bares específicos na Babylon, que fica no Shopping Paço Alfândega. Eu acho que tem programação interessante pra além do trabalho, obviamente, e tem carnaval, tem vários momentos em que o bairro fica muito movimentado, tem mais atrativos ainda, então... eu costumo frequentar, mas assim, não é sempre, é uma sexta ou outra.

Você moraria no Bairro do Recife

Hm... Hoje não. Eu acho que não moraria. É... assim, é pra falar o porquê, ou você vai perguntar ainda?

É... diga um motivo?

Então, o principal motivo é porque eu acho que fica distante dos bairros. Porque, por exemplo, eu já fiquei doente enquanto estava trabalhando no Recife Antigo e não consegui encontrar uma farmácia. Então, não sei se isso mudou de lá pra cá, mas isso foi coisa de um ano. Eu acho que morar hoje, do jeito que está a infraestrutura pra moradia no Bairro do Recife não seria bom porque está distante dos bairros movimentados. É... entre, por exemplo, o bairro e Boa Vista, você tem a ilha de São José que não é movimentado, não tem ninguém, não tem muita gente morando. Eu acho que, é... enfim, se a situação, no geral dos bairros ao redor, mudasse um pouco mais, facilitar a moradia, tivesse condições melhores, até mesmo de infra, é... farmácia, mercado, padaria, aí talvez minha opinião mudasse. Mas, hoje, eu não moraria.

Então você acha que teria que ter mais infraestrutura pra melhorar o bairro?

Exato

Tem algum motivo que faria você querer morar lá?

Eu acho que o principal seria a proximidade do trabalho, né? Acho ele muito bom, até porque é importante... a gente sabe que Recife tem um dos trânsitos mais complicados do Brasil, muitas vezes eu passo uma hora e meia pra chegar no trabalho, pra voltar, enfim, dependendo do horário que eu saio de casa também. Mas acho que a proximidade seria muito benéfica pra mim. Além disso, próximo do trabalho e está próximo de bairros como o Boa Vista, que tem muita programação. Até mesmo de lazer, que tem parques, tem teatros, tem bares, boates, eu acho que seria uma... morar por aquela região, se tivesse condições propícias, seria, seria algo bom.

Tem mais alguma pontuação que você queira fazer sobre o bairro? Como é seu trabalho lá? Se você... é... o local que abarca... se é importante o seu trabalho está lá no bairro? Se ele, se o bairro tem alguma importância para seu trabalho?

Eu acho que sim. Como eu havia falado antes, eu acho que até mesmo porque você está revitalizando prédios pra embarcar empresas de tecnologia. É... eu não sei... por exemplo, eu acho que antes dos anos 2000, sem o começo do Porto Digital, que ainda estava aqui no CIn, na federal, o bairro estava um pouco abandonado, né? Não tinha muita movimentação econômica, é... tinha muito uso de droga, entre outros fins que não eram legais, é... mas, aí, depois que foi pra lá, você cria a combinação de, até mesmo do ponto de vista de divulgar, de como ver Recife como um porto de tecnologia do Brasil. Está posicionado num canto, que foi, lá atrás, um dos diversos pontos de entrada e saída de mercadorias do Brasil, então, Pernambuco e Bahia foram duas principais capitâneas lá atrás, então, tipo, acho que tem a questão conceitual aí, de você levar... transformar o porto que não movimenta mais tantos navios e mercadorias, mas movimenta agora o capital que é digital... economia criativa, então eu acho que é importante. Eu acho que consegue muito... eu acho chamativo pra quem está trabalhando lá, chamativo pra vender as coisas de Recife do ponto de vista de TI pra fora também.

*Então, ***, é isso, eu acho que a gente chega ao fim tá?*

Tranquilo. Se ficou alguma dúvida específica pode me procurar, na hora.

Certo. Obrigado pela entrevista

Transcrição Entrevista com Entrevistada 2

Pesquisador - Bom dia, esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistada 2 – Sim

Ok, tu poderias me dizer teu nome completo, por favor?

A tua idade?

Tenho trinta e um

Atua profissão?

Eu sou administradora de empresas

Ta bem. De onde tu vens, a cidade que tu vem, onde você nasceu?

Qual a cidade? Recife

Hoje, quem mora com você?

É... minha mãe e quatro irmãos

Há quanto tempo tu trabalhas no bairro do Recife?

Eu já trabalhei em períodos anteriores e durante muitos anos, mas atualmente, vão fazer dois anos. Tem um ano e dez meses, cerca de um ano e dez meses. Não, minto, um ano e sete, oito, nove, que eu voltei a trabalhar.

Certo. E o bairro em que você vive atualmente?

Soledade

Soledade, ok. É... a residência que você mora hoje, é uma casa, apartamento?

É casa.

É própria ou é aluguel?

Desculpa, não, não. É apartamento. É próprio. Apartamento próprio.

Tá, então vou começar com umas perguntinhas mais sobre o bairro, tá? Qual a opinião que tu tens hoje sobre o Bairro do Recife?

Com relação a...?

Com relação ao bairro. A estar em um bairro, a circular pelo bairro, a trabalhar aí.

Então tá. Eu gosto do bairro, eu já moro aqui há mais de 12 anos, na região, né? Que não... é..

Que é o centro né?

Que é próximo... é. E eu gosto muito da região, assim, não me vejo morando em outra área que não seja aqui. Gosto, simpatizo, eu gosto da vida cultural dessa região, dos bares, da ciclofaixa. Gosto mesmo da região. Gosto dessa praticidade de você conseguir fazer circuitos a pé, de você conseguir ter vida cultural, de ir pro cinema, uma coisa mais cult, que não seja o formato de shopping.

Sei. É... tem alguma atividade que você faz em especial aí no bairro?

Tem o que?

Alguma atividade que você faça em especial, além de trabalhar, aí no Bairro do Recife.

A atividade, eu não sei, de forma geral. Atividades físicas, de caminhada, de uso de parques, bicicleta, de ir pra cinema, teatro, bares.

No Bairro do Recife tu faz isso?

Isso

Certo. É... Tem algo, assim, que te atrai muito no bairro hoje? Alguma coisa que te cativa nele?

Eu gosto muito da quantidade de verde que a gente encontra nessa área. De árvores, de verde, de calçada larga. De você com... essa coisa do... do... Essa coisa turística do bairro, eu gosto. De você conseguir circular por lugares, por praças...

Tu trabalhas na prefeitura, que é um prédio um pouco afastado, da parte mais turística da cidade. Como é essa região aí do bairro?

Aqui é um pouco mais esquisito. Mas acaba que a locomoção, ela é feita pra cá geralmente de carro ou ônibus. Mas aqui é um pouco mais isolado, essa ponta.

Sim... tem algum relato de algum colega de trabalho sobre essa área, ou sobre o bairro.

Alguma coisa que...

Não que eu saiba te dizer.

Sei... Agora uma pergunta mais específica. Em relação ao Bairro do Recife, tá? É... você moraria no Bairro do Recife?

Hmm... não sei, eu acho que nas proximidades, como já é o caso, sim, mas no bairro mesmo...

Não?

É, eu acho que não. É porque, assim, atravessou a ponte, eu já moraria, mas aqui, eu não vejo nem, assim... pensando nos prédios e nos locais, eu não vejo nem como, hoje, assim.

Lugares em que seria possível incentivar...

Tu falas em que sentido? No sentido de não ter casas pra morar?

É, não ter casa, prédio, assim... mas se houvessem, talvez. Seria uma possibilidade a ser pensada.

Sim... aí, é... qual o padrão que tu exigiria? Que existisse, que deveria existir no bairro? Esse de residência que você fala.

É, teria que ser um pouco movimentado, assim, na frente, no entorno. Onde a gente não tá se deparando com lugares muito esquisitos, à noite, finais de semana. Teria que ter uma certa movimentação. Ou um perto de... próximo à algum lugar, ou coisa, serviços, não sei, que fizessem com que aquela área não fosse tão deserta. Pra chegar, da saída, no sentido de dar segurança ao chegar e ao entrar no... em casa.

A gente sabe...

E transporte próximo, né? A opção de transporte próximo é importante.

A gente sabe que na parte sul do bairro, que é a parte ali do... mais antiga, tem muitos prédios, né? Antigos. Você acha que moraria em algum, se algum fosse adaptado pra alguma casa?

Hmm... não. Hoje não.

Não né? Ta bem. Tipo... o que é que tem que ter na casa? Assim, tem que ter um tipo de casa pra você? Você acha?

Não, mas é... é mais a questão de chegada de saída, da movimentação mesmo, desses lugares. Assim, eu conheço uma ou duas pessoas que tem a experiência de morar aqui e o relato é sempre esse: é muito esquisito, trechos que, de dia, você consegue fazer, à noite, você só vai conseguir fazer de ônibus ou de carro. Então são limitadores que complicam um pouco a locomoção. A segurança, né? Também se tratando de mulher se movimentar na noite, é mais complicado ainda, do que pro homem.

Certo. E... tem alguma coisa que você não goste no bairro, assim, que você vê como uma coisa muito ruim?

Não, assim... não. A gente pode dizer que... que sim, existem alguns pequenos transtornos, mas que vão variar de bairro pra bairro, que fazem parte, assim, da vida moderna. Nada que eu apontaria como muito crítico não. O fato de alagar quando chove muito, porque a maré sobe, mas assim, não é... isso é uma coisa que não existe controle, que vai acontecer em outros bairros também. Então, não é uma queixa de algo que, enfim, que efetivamente a gente consiga transformar, né? O volume de chuva.

Bom, então é isso. Eu acho que foi tranquila a entrevista, achei que foi bem produtivo. Tá bom?

Coisa boa

*Tá! obrigado, ****

Por nada, querido.

Transcrição Entrevista com Entrevistado 3

Pesquisador - Bom dia, esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistado 3 – sim.

Ok, então vamos começar, tá? O senhor pode dizer o seu nome completo?

***.

É... a sua idade?

Meia três.

Ok. Atualmente o senhor se encontra em que profissão?

Eu sou funcionário... funcionário público federal... e músico.

Tá bem. É... o senhor... a cidade de origem, que o senhor nasceu?

Recife

Nasceu em Recife e sempre viveu aqui também?

Uhum.

Tá bem. É, hoje, na sua casa, quem mora com o senhor?

Eu moro só.

Mora só, ok. Há quanto tempo o senhor trabalha aí no Bairro do Recife?

É, já faz muito tempo. Mais de 15 anos?

Sim, já faz bastante tempo, né?

É, tem mais uns 15 anos, que eu lá entrei.

Entendi. Atualmente o senhor mora em que bairro?

Graças.

Nas Graças, né? Aí o senhor vai todo dia pro Bairro do Recife, trabalhar?

Sim. É, todos os dias.

Tá bem. É... a residência que o senhor mora é uma casa, apartamento...?

Apartamento.

Apartamento, né? Próprio ou alugado?

Alugado.

Ok. Bom, vou fazer só algumas perguntas sobre o Bairro do Recife, tá ok? Eu queria saber, do senhor, qual a opinião que o senhor tem sobre o bairro? No geral.

Puxa, minha opinião? A minha opinião sobre o bairro: que ele representa muita coisa pra gente. No estado em que ele está, desde que eu estou no bairro, vi muito pouca evolução. Ele é muito mal cuidado, com algumas exceções, tem algumas coisas. Mas o bairro em si, a estrutura do bairro, poderia ser um bairro muito maravilhoso, é totalmente deficiente. Do ponto de vista de iluminação, de limpeza, de mal cheiro, de povo na rua dormindo nas calçadas durante o dia, são várias pessoas. Enfim, é o bairro que poderia ser o retrato da cidade, mas que na realidade é muito degradante você ir ver aquelas coisas ali, que eu acompanho todos os dias.

Sim. O senhor trabalha, é... onde, no bairro?

Hoje... eu já trabalhei em duas ruas, na Rua da Assembleia, que é próxima a Rua da Moeda.

Sim

E agora trabalho ali na Rua Dona Maria César, que fica entre a Rua Dona Maria César e Avenida Rio Branco. Hoje interditada, não é? Se tornou um boulevard, então é uma rua de passagem.

Sim. É... o senhor costuma andar pelo bairro? Como é que o senhor usa o bairro quando não está trabalhando?

Quando eu não estou trabalhando, não vou no bairro, porque não gosto. Porque (inaudível) de... e... se não tem segurança, né? Fica uma coisa... fica meio... o bairro não tem, apesar de ter um núcleo... um núcleo de polícia lá dentro, né? E você não vê os policiais fazendo um policiamento adequado, nem da guarda municipal, nem da polícia. À noite nem se fala, você fica exposto a noite toda. Você saiu ali do bairro mais de oito horas da noite, já é... já tá começando a ficar complicado.

Entendo

Então durante a semana eu vou trabalhar, ando no bairro, conheço bastante o bairro, mas final de semana eu não vou lá de jeito nenhum.

Sim, mas durante a semana o senhor costuma caminhar, né, pelo bairro?

Ah, durante... sim. Você sai, vai num café, vai no Paço, volta. Termina o almoço a gente vai dar uma... acho que dá uma circuladazinha.

Sei, então o senhor acha que durante o dia é tranquilo, andar pelo bairro, mas...

Durante o dia é tranquilo, é, à noite não vale a pena. Apesar de ter uma movimentação, né? Por que tem... tem uma noite lá né. Mas, se você sai daquele fluxo, desta, aquela

coisa, vai no estacionamento, pegar o carro numa rua daquela ali, você já está exposto. Que não tem... não tem segurança. Eu acho que você conhece, você é daqui?

Sim, sim. Eu fiz a pesquisa lá. Conheço já. Agora, o senhor costuma andar mais na parte antiga, né, do bairro? O que o senhor acha das outras regiões do bairro, mais próximas ali da prefeitura, sabe, ali perto do porto.

Ali é que é esquisito mesmo, né, que não tem nada, né? Eu trabalhei na prefeitura em 1994... é... trabalhei na prefeitura em 1994. Deve promover alguma coisa ali com o porto, mas não é um lugar que você possa ir, ne? Nem durante o dia, nem à noite, eu acho. Aquela região ali é meio morta. Ali é meia, meia que só de negócios. Tem cara que entra com o carro ali no porto, tem quem vai desembarcar do navio... não vejo muita segurança não.

Sei, e na região do Pilar, o senhor conhece ali?

Em cri... se eu for, eu vou ali uma vez no ano, que é pra comprar naqueles armazéns de esquina que tem a li, a gente compra queijo, compra alguma coisa lá pra final de ano. Mas vou pouco ali. Sei que tem... sei que já evoluiu, tem uma, uma vilazinha bem feita lá, uma... um apartamento bem feito... e que ali tem uma... que teve um desenvolvimentozinho.

Sim, é... e o senhor moraria no bairro algum dia?

Rapaz, quando eu me separei, Geovana tinha, uns treze ou catorze anos, minha filha, eu ainda rondei ali pelo bairro. E isso o que... faz um pouquinho de tempo já, faz uns... pelo menos dezoito anos. O bairro, ele não tinha o desenvolvimento que tem hoje, entendeu? Não tinha moradia, poucas pessoas moravam lá, era meio que funcionava durante o dia o comércio, mas você não tinha segurança, como hoje também. Mas acho que antigamente... ainda fui olhar. Hoje em dia, eu não sei se moraria no bairro, por falta disso mesmo, por falta de segurança.

O motivo que o senhor não moraria é qual?

Segurança

Segurança, né?

Segurança e estrutura, né? Porque ali você não tem nada, você tem que sair dali pra fazer tudo. Se você quiser alguma coisa, você tem que sair dali, ali não tem uma farmácia, que funciona durante o dia, o Paço Alfândega, é... funciona até as dez horas da noite, se você quiser sacar um dinheiro, se não for no Bradesco, não sei se fica aberto a noite toda, porque o bairro não tem um caixa, um banco vinte e quatro horas, ali no bairro, fora de

banco. Entendeu? Então o bairro não desenvolve, não sai daquilo, entendeu? O porto digital tá lá, maravilhosamente, mas a estrutura do bairro em si, a infraestrutura do bairro é muito pouca, é muito fraca.

Tem alguma...

Antigamente o bairro... diga.

Não, pode continuar, pode continuar.

Então, antigamente o bairro, na época do governo Jarbas, foi quando deu aquele... o mesmo desenvolvimento, que começaram as casas abrirem, tinha casa de show, a noite era bem frequentada, tinha vários bares ali, tinha um monte de coisa. O bairro, tinha um escritório que cuidava do bairro, existia o escritório do bairro da cidade do Recife, que era pra cuidar da infraestrutura do bairro. Mas aí quando vem o governo de João Paulo, se não me engano, fecharam esse escritório que cuidava do bairro, e passou tudo pra prefeitura, né? Mas antigamente o bairro tinha um escritório, que cuidava de tudo isso. ... Do bairro ... tipo uma subprefeitura, que era interessante, aí o bairro funcionava, o bairro começou a funcionar ali, mas depois de João Paulo, aí ele colocou o pé em cima e acabou com o bairro, de lá pra cá eu não vejo muita coisa não.

O senhor acha que qual é o principal motivo, que... por não ter tantas pessoas morando no bairro?

Rapaz, Recife tem uma coisa, independente do bairro, tem uma coisa que é fantástica e que qualquer cidade do mundo gostaria de ter, as ferramentas que nós temos aqui. Qualquer bairro no mundo. Você vê o Cais da Estelita ali, aquela coisa jogada, foi aquela confusão pra se fazer... antes de fazer, aquela obra que vai sair agora, se fosse ali, qualquer cidade do mundo, aquilo ali seria um polo de entretenimento, de cultura, de um monte de coisa. A gente tem as ferramentas, a cidade tem as ferramentas, várias na cidade toda, independente do bairro, mas a gente não tem nenhuma vocação para turismo. Nenhuma. Os políticos não tem visão de desenvolvimento sobre a cultura e turismo dentro daquele bairro ali. Tá entendendo? É o que eu vejo. Dá uma pena danada, porque a gente tem tantas ferramentas aqui, maravilhosas, mas não funciona, pô, não funciona, infelizmente.

Como é o seu trajeto, assim, diário, pra ir pro trabalho, pra voltar?

Vou de ônibus.

Vai de ônibus. E atende bem?

Pra mim atende. Eu pego um transporte, certo, perto da minha casa, apesar de eu ter carro, mas não vou porque estacionamento não vale a pena, tem que chegar muito cedo, e aí

você fica gastando dinheiro numa coisa... No meu caso eu gasto... vou gastar uma grana que não precisa gastar, entendeu? Pra mim, de ônibus é muito mais em conta, porque pagou um transporte, desço no Bairro do Recife, estou à cem metros do trabalho, e volto pra casa do mesmo jeito. Pra mim, não tem problema nenhum. Vou sentado no ônibus e volto sentado. Isso aí não tem problema. Que os ônibus precisam melhorar, precisam. Mas, pra mim, não tem nenhum empecilho não.

Agora uma última pergunta: o que atrai no bairro, pro senhor? O que o senhor gosta lá?
É um bairro tranquilo, é maravilhoso, pô. Lá tem um astral que... que... tem um sentimento poético, né? A história de Recife está ali dentro, o Recife começou ali, no marco zero. O bairro é uma coisa boa, coisa que faz bem. Se não fosse esses atropelos que a gente tem dentro do bairro, né? Falta de desenvolvimento, falta de segurança, falta de limpeza, tirar aquelas pessoas que dormem na rua o dia todo e fazem sujeira, que é uma coisa, pô, que é impressionante, os caras... o banheiro daqueles caras que dormem na rua, é na própria rua, fazem xixi na frente de qualquer pessoa, vão atrás de um carro, parece que tá na... enfim, o bairro funciona desse jeito. Que dizer, se não tivesse essas coisas, tivesse estrutura, o bairro seria maravilhoso. Moraria tranquilamente, hoje, de jeito nenhum. Com o que tem aí? De forma alguma.

Tá bom, tem mais alguma consideração que o senhor quer fazer sobre o bairro?

Puxa, não sei, eu acho que eu já falei tudo, visse. Acho que eu já descasquei o bairro todinho.

Tá bom, tá bom então...

A gente que mora aqui nessa cidade maravilhosa, a gente não vê desenvolvimento. Esses prefeitos, esses governadores viajam, vão pro mundo todo e... não é possível que esses caras não vejam nada que possam implantar aqui, (inaudível) pra gente, mas não. Enfim, a gente vai ser subdesenvolvido pra vida toda. Vai viver... viajando pra Europa, achando as coisas maravilhosas, e o que é da gente aqui, tudo se acabando, tudo... sem cuidado nem carinho por eles.

*Então é isso. Tá bom, senhor ***. Ó, muito obrigado, tá? pelo senhor se disponibilizar, pela entrevista, ajudou bastante. Obrigado*

Tá bom. Espero ter ajudado a você na sua... seu trabalho aí

Tá bom, obrigado

Se precisar de alguma coisa eu estou às ordens.

Tá bem.

Transcrição Entrevista com Entrevistado 4

Pesquisador - Esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistado 4 - Estou de acordo.

Primeiro, eu queria que tu dissesses teu nome completo.

Ok. A tua idade?

Trinta e oito

A tua profissão?

Arquiteto... arquiteto e urbanista.

A cidade de origem? Tua cidade de origem.

Veja só, se for de origem, assim, por sempre ter vivido é aqui, Recife. Eu nasci em Paulista, mas na verdade eu sempre vivi em Recife. Né, então, eu sempre considero, como a pergunta é cidade de origem, não é naturalidade, eu acho que é Recife, entendeu?

Sim, tá bom.

Não sei se isso tem alguma... que como a gente coloca naturalidade, é de onde você nasceu, eu acho. Como esse tipo de pergunta é mais um diagnóstico, eu acho que é Recife.

Sua resposta tá ótima. Hoje, onde você mora, quem mora com você?

Minha esposa e meu filho de nove meses.

Ok. É... e qual bairro que tu vives?

Boa Viagem.

Boa Viagem, ok. A casa em que você mora hoje, ela é apartamento, casa?

É um apartamento.

Há quanto tempo tu moras lá?

Olha, neste apartamento eu estou há quatro, cinco anos.

E em Boa Viagem?

Em Boa Viagem... em Boa Viagem eu estou há seis anos.

Tá bem, tá bem. Sim, a sua residência é própria ou alugada?

É alugada.

Ok. Bom, eu queria, primeiro, que tu falasses qual a opinião que tu tens, qual a visão que você tem do Bairro do Recife?

Olha, como é uma visão eu vou ser mais... assim, não sei se vai na sua linha, não sei se... então vai ser da minha cabeça aqui. Vou filosofar um pouco, né?

Certo...

Eu sempre, né? Principalmente na minha vida de arquiteto, sempre imaginei usar o espaço, tanto morar, mas principalmente trabalhar, porque no trabalho você pode praticamente passa a sua hora... vamos dizer... útil, útil, assim, de você se movimentar, né? É quando você está no trabalho, então eu sempre imaginei trabalhar em um local onde eu pudesse caminhar bem, né? Então, assim, eu sempre imaginava... trabalhar no Recife Antigo, eu imaginava ter um escritório lá, ou trabalhar para alguma empresa, alguma instituição lá, né? Porque, tipo, nas outras cidades, nos outros bairros, são caminháveis, mas fica muito carrocrata, né? Muito... não tem calçadas de qualidade, né? Então, por exemplo, eu estudei muito (inaudível) da França, da Espanha, né? E visitei esses lugares e vi como é, como também é bom, né? Ter essa fruição, né? Então muitas vezes eu ia resolver um... quando eu estava no colégio mesmo, né? Antes da faculdade, e mesmo depois, quando eu comecei a faculdade, muitas vezes eu ia resolver uma coisa no Recife, no centro, ou no Recife Antigo, eu procurava resolver sempre uma coisa lá, por que? Porque eu adorava ver aquelas pessoas, né? Na hora do almoço. Pra mim era a coisa mais... pra mim é a coisa mais poética que tem no Recife é a hora do almoço do Recife Antigo. Porque é, você tá ali, tem gente, assim, de terno, tem mulheres de *tailleur*, super elegantes, como tem também aquelas pessoas super informais, de bermuda e camiseta, né? Então, assim, tem uma... tem uma mistura, né, bacana, e as pessoas estão andando. A pessoa não desce ali do... do... da cobertura do prédio ali do BANDEPE, né? Com seu terno, com seus vestidos e... de trabalho e elas não pegam o carro pra, pra sair pra almoçar eles vão andando, né? Muitos até tudo bem, é... eu não vou entrar na questão de tem gente que vai almoçar no Shopping Alfândega porque, há restaurantes que quer, e não quer comer num mais simples durante... na rua mesmo no Recife Antigo, mas esse movimento das pessoas circulando é o que mais me encantava no Recife Antigo, né? Mais que o casario. O casario me encanta muito, né? Eu fiz um projeto recentemente pra lá, e, assim, eu levei muito em consideração, tive uma briga... uma briga não, uma discussão muito proativa no DPPC¹¹, né? Porque eles limitavam o gabarito, mas a gente trabalhou com a paisagem local e mostrou que a gente pode usar a referência, não só por questão de

¹¹ Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural

quantidade de pavimentos, mas o alinhamento das cornijas. Isso é muito bonito, é muito poético no Recife Antigo, né? O que mostra, assim, como a nossa cidade começou, né? Foi construída. Mas, assim, o que mais me atrai no Recife Antigo, mais que essa beleza aí que... essa historicidade, né? Que tudo isso leva em conta, né? Eu falo mais, por que, tipo, isso eu já levava em conta como arquiteto, como... como... é... ter construído com a minha vida profissional, mas o que mais me encantou, mesmo de quando eu era criança, era ver, na hora do almoço do Recife Antigo, as pessoas andando, passando de... né? Então, tipo, poxa que negócio arretado, né? Eu trabalho, tenho um escritório ali no Pina que é horrível. As pessoas tem que sair de carro pra atravessar a rua, né? Assim, porque atravessar a rua, aqui na Domingos Ferreira, né? Ali no início do Pina, o cara não consegue, ele tem que andar, de baixo de um sol quente, calçada esburacada. Então, tipo, Recife antigo, pra mim, é minha liberdade plena de andar. Não que eu não ande aqui no meu bairro, não que eu não ande no bairro dos meus pais, mas, assim, o Recife Antigo me dá essa satisfação, de eu andar e me sentir agraciado com isso, me sentir que eu não estou sendo... é... vamos dizer, assim, é... agredido, né? Porque andar nos nossos bairros, diferente do Recife Antigo, é uma agressão, né? Porque você não tem um sombreamento, não tem uma largura adequada de calçada, você não tem uma qualidade de calçada, e o Recife Antigo me dá essa qualidade. Tipo, eu morei um tempo em Curitiba, e eu cheguei a andar Curitiba inteira a pé, porque Curitiba tem qualidade pra se andar. E aqui é uma... uma... é uma cidade que tem, assim, muitas vias, não é muito diferente do Recife não, assim, a questão do uso do carro, mas tem qualidade nas suas calçadas, tem qualidade, né? Tem... e vou nem dizer arborização, mas... tem arborização, mas o clima propicia você caminhar bem em Curitiba, certo? E aí... só que no Brasil eu só vi Curitiba, só vi isso em Curitiba, tem uma região em São Paulo, tem uma região no Rio, mas você é interrompido, né? Nessa qualidade você não vê aqui em Recife. Então, vi essa qualidade quando morei em Curitiba, vi essa qualidade não só estudando, mas quando estive em Paris, quando estive na Espanha, e aí, o Recife Antigo, pra mim, era só uma... quando estive em Buenos Aires também vi. E o Recife Antigo é uma amostra disso, não é só aquele casario, não é só vendo pelo estilo arquitetônico, é pela qualidade do andar, né? Tipo, Recife antigo a gente anda e a gente passa de uma rua pra outra, você, tipo, você não... diferente das outras ruas, a gente se esconde do sol, a gente procura uma sombra. Por mais que Boa Viagem, que tem esses prédios altíssimos, mas, tipo, é horrível, porque não tem aquela quantidade de sombreamento. No Recife Antigo é diferente, eu escolho o

lado da rua pra andar no sombreamento. De vez em quando o sol vem e me ataca, o que é bom, né? Então, tipo, pra mim o (inaudível) do Recife Antigo é isso, é você conseguir, é... é... pra mim, eu... eu... é realizar meu sonho de andar por uma cidade, entendeu? Não sei se fui tão objetivo aí na tua pergunta, mas é mais ou menos o que eu penso do Recife Antigo, no meu coração.

A quanto tempo tu trabalhas lá? Aonde tu trabalhas lá? No Bairro do Recife?

Olha, eu trabalho lá no INCITI¹², que Rebeca também. É... a gente trabalha... eu estou ali, eu retornei pra ali em junho de 2017, então vai fazer quase três anos, dois anos e nove meses. Agora, eu já trabalhei antes, né? Na... e já trabalhei no INCITI em 2014, né? Então eu trabalhei ali por um ano, né? Mas vamos dizer que nessa continuidade faz três anos que eu estou, é... usufruindo, né? Usufruindo continuamente, porque antes disso, em 2014, eu trabalhei lá por um ano.

Agora, uma pergunta: tu morarias no Bairro do Recife?

Moraria, moraria. Assim, eu tenho... eu tenho minhas... eu tenho minhas... eu tenho meus contras, mas eu moraria. É uma... é uma... por exemplo, com minha esposa, hoje, não vou dizer a você que... como depois que você casa, você tem que... é... quando você vive com alguém, independente de ser casamento ou não, né? Mas você tem que levar em consideração as pessoas que estão vivo, então, minha esposa, por minha esposa eu vou me assumir: não, não moraria. Porque sei que minha esposa não moraria, porque é essa questão que eu falei, né? Algumas infraestruturas não existem (inaudível), por que aqui na minha rua tem vários... vários supermercados, padarias, então eu consigo circular bem. Recife Antigo tem uma ou outra, mas a variedade é muito pouca, você fica limitado. Mas, se eu fosse um solteiro, esquecendo minha mulher, vamos dizer assim, que ela mudasse de opinião, tá bom? Eu moraria. Entendeu? Tenho a maior felicidade de dizer que eu gostaria de morar sim.

Sim, e quais são os contras que você tem, além desse da infraestrutura?

Olha, a infraestrutura é escassa, tipo, eu tenho... eu preciso ter uma variedade, não posso ter só uma padaria, ou um restaurante, ou um supermercado, né? (inaudível) eu tenho que atravessar a ponte pra ir pro supermercado. Tudo bem, é uma certa distância que dá, mas como eu te falei: vou andar... quando eu saio do Recife antigo, atravessar aquela ponte,

¹² A INCITI – Pesquisa e Inovação para as Cidades é uma rede de pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que tem como objetivo incitar, junto a diversos setores da sociedade, novos conhecimentos capazes de transformar a vida nas cidades.

que eu fiz muito na minha juventude, na minha faculdade, e até quando [terminei] a minha faculdade, eu atravesssei muito aquelas pontes no sol. Eu vinha lá da Boa Vista pra Livraria Cultura, pra (inaudível), andando aquela ponte, mas tipo, eu não gostaria, por exemplo de ter que ir pra um supermercado que existe ali na, depois da Rua da Abdias¹³... tem um supermercado que tem por ali, né? Aquele ali que é bom, e, pra você ver que eu conheço o local, mas eu não iria querer fazer isso no meu dia a dia, entendeu? Toda semana tem que ir lá, né? Porque eu gosto de ir andando ao supermercado, né? Por que? Teria que pegar uma ponte... duas pontes com o sol a pino, e eu não ia, isso pra mim não é gratificante. Mas, tipo, além dessa infraestrutura, é a questão também de falta de vigilância noturna, principalmente. A gente não tem um serviço lá, é como eu falei, é ótimo durante o dia, mas à noite não tem esses serviços, né? É que, tipo... na verdade a cidade toda não tem, mas por exemplo, aqui em boa viagem já tem alguns bares, na minha rua tem uns quatro bares, na minha rua. Por exemplo, a rua fica de certa forma vigiada, isso é uma coisa que a gente leva como arquiteto muito em consideração, é a vigilância da rua, não é? Da fachada ativa, é assim... as lanternas que as lojas, que as... que os bares funcionam pra rua, né? Não é só ter a luminária. Então, tipo, vão ser esses os dois principais motivos pra eu não morar: seria essa infraestrutura que é escassa pra mim, e a questão da vigilância noturna, eu acho que iria ficar muito inseguro morando ali num casarão e, assim, poucos vizinhos morando, ne, que isso também é, e não tem essa vigilância. Tá ilhado, praticamente.

Sim, você teceu alguns elogios, principalmente à caminhabilidade do bairro. Agora, você acha que o bairro todo é contemplado? por todas essas coisas que você falou?

Não, não, tem trechos que não são, porque a gente tem o centro do Recife Antigo, né? Como todo e qualquer lugar tem um núcleo. Então aquele núcleo ali da Praça do Arsenal até aquele shopping lá, ele é até bem caminhável, né? Tem algumas calçadas estreitas, mas você consegue, assim, passar – tudo bem que tem uma obra ou outra que tem que andar pela rua – mas mesmo assim a gente consegue se apropriar das ruas. Mesmo passando os carros, você... a gente só tem duas ruas de pedestres lá, pedestrianizadas, mas mesmo assim você consegue se apropriar das ruas, mesmo passando os carros, porque, tipo, não só a questão da limitação dos trinta quilômetros, mas, tipo, quando você entra alí, é tudo: a materialidade do piso faz com que você já desacelere o carro, a escala, né?

¹³ Aqui, acho que ele confundiu a Avenida Abdias de Carvalho com a Avenida Conde da Boa Vista, já que a primeira encontra-se muito distante do Bairro do Recife para um trajeto à pé.

Porque a escala é mais humanizada, então, tipo, você mostra que aquilo não é lugar de carro, aquilo é lugar de gente, é de pessoas. Então, tipo, por mais que algumas calçadas sejam estreitas, não sejam de tão boa qualidade, mas é... o caminhar é gostoso, mas é principalmente aquele trecho entre a Praça do Arsenal e o Shopping Paço Alfândega. Começando da Praça do Arsenal pra trás, onde tem aquele moinho, você sabe onde é o moinho, não é? Você sabe onde fica o moinho?

Sei

Pronto. Então, da Praça do Arsenal pra trás, onde fica o moinho, onde fica lá aqueles prédios institucionais, aí já é muito ruim. E assim, muita gente pode dizer que é porque já está mais próximo da Favela do Pilar, porque já está mais próximo da avenida ali que passa por trás da... aquela avenida que vai dar na prefeitura... o Cais do Apolo. Mas não é só isso, né? Simplesmente porque, tipo, várias estruturas de galpões que estão sendo pouco utilizados, subutilizados, e não existia ali um tratamento melhor pras calçadas, pras ruas. Então você realmente, ao caminhar hoje ali, que é... faz parte do Recife Antigo, é... ali não funciona, então, pra falar de Recife Antigo como um todo: não. Né? A gente, vamos dizer assim, é esse núcleo do Recife Antigo do paço Alfândega pro arsenal eu acho muito bom caminhar, mas quando a gente vai... expande mais, como Recife Antigo, mais pra essa área até o Pilar, realmente é um absurdo, é ruim.

*Sim. Bom, ***, eu acho que é isso, acho que tu já respondeu às perguntas.*

Adiantei até algumas, não foi?

Foi ótimo, queria agradecer só, então. Você ter se disponibilizado. Tá?

Tá bom, Nicolas, tá ótimo.

Transcrição Entrevista com Entrevistado 5

Pesquisador - Bom dia, esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistado 5 - Correto

Certo, então vamos começar. O senhor poderia me dizer seu nome completo?

***.

Ok, e a idade do senhor?

Sessenta e três

E qual a sua profissão?

Motorista

O senhor nasceu em que cidade?

Recife

Recife, né? Sempre viveu no Recife?

Não entendi

O senhor sempre viveu no Recife?

Sempre vivi no Recife

Tá bom. Hoje, quem mora com o senhor?

Eu e minha esposa.

Só o senhor e sua esposa, né?

Isso.

Há quanto tempo o senhor trabalha aí no bairro do Recife?

No bairro do Recife, eu trabalho há dez anos, mais ou menos.

Certo. E o senhor trabalha onde lá?

Não entendi.

O senhor trabalha onde lá?

Eu trabalho na secretaria... na prefeitura.

O senhor é motorista na prefeitura?

Isso.

Qual é o Bairro que o senhor vive atualmente?

IPSEP

IPSEP, certo. Qual o tipo de residência do senhor? É casa, é apartamento?

É casa.

É própria ou é alugada?

É próprio.

Tá bem. Bom, eu vou falar algumas coisas, fazer algumas perguntas e o senhor vai responder, tá? Fique à vontade.

Certo

Qual a opinião do senhor sobre o Bairro do Recife?

Olhe, já foi um... muito violento. Hoje está bem melhor. Na questão da violência, e sempre foi um bairro muito bom de morar. (inaudível) Eu gosto de morar aqui em Recife.

Mas e o Bairro do Recife, o Antigo?

Recife Antigo?

Sim

Olha, Recife Antigo, eu só conheço mais ou menos de passagem, né? Que eu trabalho na área, eu conheço de passagem. Eu não tenho o que dizer não. É um bairro legal. É um bairro de trabalho, né?

Aí o senhor acha que é só um bairro de trabalho mesmo?

É. É só um bairro de trabalho... comércio um pouco, turismo. Mas só isso mesmo. Não tem assim... um bairro de moradia, de... é só trabalho mesmo.

Sei. O senhor acha que tem algum ponto positivo, assim, no bairro?

Não entendi

O senhor acha que tem algum ponto positivo aí no bairro do Recife? O Antigo.

Pera aí, como assim?

Assim, alguma coisa positiva que o senhor gosta aí no bairro do Antigo.

Tem, tem umas áreas turísticas ali muito bonitas. É... tranquila. Tem o Museu do Homem do Nordeste [Museu Cais do Sertão], tem a área de turista ali do Marco Zero.

O senhor costuma frequentar o bairro à lazer, ou outro motivo além de trabalho?

Não, lazer não. Eu só faço mais trabalhar mesmo. À lazer eu vou muito pouco.

Só pra trabalhar, né? Sim. É... Eu queria de saber se o senhor moraria no bairro?

(ele demora um pouco pensando) Moraria.

Moraria?

Moraria.

Por que o senhor... qual o motivo do senhor morar? Por que o senhor acha que moraria?

É porque, hum, é um bairro tranquilo. Só não é... é como você diz, é um bairro comercial. É um bairro mais comercial, não é de moradia, não é? Mas é um bairro tranquilo, é um bairro que... que tem a tem as... qualquer coisa tem as pontes, que... que é mais seguro, é um pouco segura. Entendeu? Não tem uma área pra se deslocar. É mais uma área de trabalho, de turismo. Pra morar eu acho que é mais tranquilo.

Sei... Mas o senhor acha que não tem nenhuma coisa que impeça as pessoas de morarem no bairro, não? Porque tem pouca gente que mora, não é?

É, tem muita pouca gente que mora. O que impede lá é justamente a calmaria durante o fim de semana, não é? Porque se torna um lugar mais, é... quando, em dia de chuva, mais deserto. Mas, quando é verão, carnaval, é muito requisitado. Só isso mesmo.

Sei... Tem alguma crítica que o senhor faça ao bairro, assim... Alguma coisa que o senhor sinta ruim no trabalho do senhor.

O que deveria melhorar ali era justamente os estacionamentos. Os estacionamentos ali é difícil. Entendeu? É difícil o estacionamento, umas áreas é esquisita, não tem, é... como chama? É... policial para tomar conta. É, algumas pontes são desertas, não tem policiamento. É a crítica que eu faço.

É tem algum... O trajeto do senhor pro bairro, tem algum empecilho? Da sua casa para o seu trabalho?

O único empecilho é o trânsito, né? Que tem em qualquer lugar. Qualquer lugar de Recife é o trânsito é cruel. Quando chega certa hora, o trânsito ali, só tem aquelas pontes pra passar e pronto.

Aí o senhor acha que o maior problema seria essa questão do estacionamento, no bairro?

É, o estacionamento e a segurança, não é? A segurança ainda falta, é precária ainda.

O senhor trabalha aí perto da prefeitura, não é? Então o senhor sabe que perto tem o Pilar ali, né? O que o senhor acha dessa região aí?

Olhe, a região... aquela área ali é mais tranquila, apesar de ser um pouco deserta, de ter pouca segurança. Mas é uma área tranquila, mais. Eu acho que é questão dos guardas municipais que estão por ali, mas se não fosse isso, a segurança aí é muito precária.

*Então eu acho que é isso, seu ***. Quería agradecer ao senhor pela entrevista.*

Pronto.

Transcrição Entrevista com Entrevistada 6

Pesquisador - Bom dia, esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistada 6– Sim, tenho problema nenhum não.

Tá bom. Bom, queria que primeiro você falasse seu nome completo, por favor.

***.

E a sua idade?

Quarenta e cinco.

Ok. Qual a sua profissão?

Eu sou secretária

Secretária, ok.

Isso

É... a sua cidade de origem?

Minha cidade de origem é Recife, porém eu moro em Olinda.

Certo. Quem mora com você hoje?

Meu esposo e meu filho.

Tá bem. Há quanto tempo você trabalha no Bairro?

Eu tô há... tem cinco anos.

Cinco anos. Você trabalha onde lá?

Na Prefeitura do Recife.

Tá bem, qual o Bairro que você vive atualmente?

Eu hoje estou no bairro do Ouro Preto.

Ouro Preto em Olinda, não é?

Isso.

Tá bem. Eu queria perguntar como é a residência que você mora atualmente? Se é casa ou apartamento.

É casa.

Casa. É próprio ou alugado?

É própria.

Própria, tá bem. Eu queria que você falasse a opinião que você tem sobre o Bairro do Recife.

Olhe, eu não tenho muito o que dizer do bairro, porque, na verdade eu não ando muito por lá. Ando muito pouco. Mas, assim, quando eu preciso sair, eu vou ou a um restaurante ali pelo Marco Zero, ou então vou para uma, alguma loja. Assim, em dizer o que eu tenho que falar... não tenho muito o que falar, porque eu quase não vou, na verdade. Porque eu fico muito presa dentro da prefeitura, entendeu?

Sim. Mas você tem o costume de ir para restaurantes? Almoçar lá?

Eu costumava... é quase nada. É muito pouco mesmo. Até porque, assim, é... o tempo é curto e a gente tem, assim... eu saio, aí eu tenho hora pra voltar, porque já tem outra pessoa esperando pra... a minha chegada pra poder sair. Então pra, como, assim, pra deslocamento de ônibus é ruim porque você vai ter que esperar e aí já vai ter [levar] mais tempo. Aí se você tiver [inaudível] vai ser a pé. Aí, é por isso que eu não gosto muito de sair. É mais, assim, quando é pra comemorar alguma data, tal. Aí a gente vai para um restaurante, tal, vai pra alguma coisa assim.

Sim. Aí você tem problemas em andar a pé no bairro?

Não, eu não tenho problema não. Eu até gosto de andar muito à pé. A questão são os horários mesmo, que eles não... eles não me... não permite fazer.

Não dá tempo, não é?

É, não me permite fazer, porque eu gostaria de conhecer mais... mais coisas por lá.

Sim... Tem alguma coisa que atrai você lá?

Ah, tem aqueles barzinhos, não é? Que fica ali na... no Marco Zero. Eu já fui pra alguns. São muito, muito bons mesmo. É... museu. Eu já tive a oportunidade de fazer... participar de um evento da Prefeitura mesmo, não é? Que na maioria das vezes, como a gente precisa de ir pra lá, fora tudo, o... ambiente, né, lá do trabalho é mais os eventos da secretaria, que sempre eles estão organizando pra colocar ali naquele museu, no caso, o Cais do Sertão.

Sim. Aí você falou que, de vez em quando, vai pra alguma comemoração lá no bairro, não é?

Assim, pra se descontrair, não é? Mas, pra muitos eventos que o pessoal da secretaria faz, às vezes é ali pela... porque eles têm uns espaços ali naqueles museus, que eles alugam para eventos. Então a prefeitura, a nossa secretaria, ela de vez em quando faz uns eventos por lá. Agora diminuiu um pouquinho, não é? A nova gestão, não é... deu uma diminuída, mas já teve bastante.

Sei... deixa eu fazer uma pergunta: Você moraria no Bairro do Recife?

Acho que não, porque, assim... final de semana eu acho muito... muito esquisito, ali. Dia de semana que é mais atraente ali. Final de semana eu já acho um pouco esquisito. Não durante o dia, não é? Porque tem muita gente passeando, turista... mas, à noite eu acho meio esquisito.

Você acha esquisito por quê?

Eu não moraria não. Assim, as ruas são um pouco esquisitas. Não ali no marco Zero, porque aí é muita gente, ali pra aqueles bares. Mas as ruas eu acho um pouco perigosas. Assim, nada conta, eu acho muito bonito o Bairro do Recife, muito bonito mesmo. Mas não moraria não, lá não.

Tem algum problema que você identifica? Que impede você de morar lá?

Não, eu acredito, também, que pelo costume, que nunca passou pela minha cabeça. Desde que eu me casei, que eu moro aqui em Olinda e nunca passou pela minha cabeça sair daqui pra ir morar em outro bairro, entendesse? [inaudível] sei lá, se em algum momento da minha vida, que precisar sair, e tiver só lá pra ir, aí a gente vai, né? Não tem outra escolha, mas assim, no momento de... não passa pela minha cabeça.

Por você trabalhar lá no Bairro do Recife, você não acha que seria uma vantagem morar?

É, é vantagem porque o trabalho está perto, mas eu não acho que eu... eu acho que eu não moraria não. Eu sinto... eu sinto que eu não moraria não, por lá não.

Tem alguma coisa que você não gosta mais no Bairro, e você queria pontuar?

Não. Além de assim, é como eu disse a você: quando eu vou, muito pouco, é mais pra eventos, assim, de comemoração. Ou então, algum evento da secretaria, onde a gente não vai pra ficar andando pelo bairro, a gente vai pra um determinado lugar. Então pra te dizer assim, que eu tenha algum ponto negativo, eu no... no momento assim eu não diria algo.

Você vê o bairro com alguma importância pra cidade?

Ah, sim, claro. Pro turismo, pra economia da cidade, muito, muito importante.

Tá bom, então é isso

Eu espero que tenha ajudado

Ajudou, ajudou bastante. Se quiser falar mais alguma coisa, alguma consideração que você tenha. Alguma experiência que você já viveu lá.

Não, não, Nicolás. Como e te falei, a gente... eu vou muito pouco e uma experiência eu não tenho

Tá bom. Então tá ótimo, tá? Obrigado, viu.

Tá, Nicolas. Tchau, boa sorte.

Transcrição Entrevista com Entrevistada 7

Pesquisador - Bom dia, esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistada 7 – De acordo

Primeiro, eu gostaria que você falasse seu nome completo.

Meu nome é ***

Tá bem. A tua idade?

37

Qual a profissão que você exerce?

Designer

É... há quanto tempo tu trabalhas no Bairro do Recife?

Eita, para aí... pera aí, atrapalha a entrevista se eu perguntar?

Não, pode perguntar.

Rodrigo, a gente ta no Recife desde quando? Dois mil e? no Bairro do Recife, na verdade.

Cinco anos? Aí tem a hora [inaudível] quinze? Quinze, depois mais três, uns oito anos.

Sete, vai, bota. Sete anos.

Sete anos, não é? Onde você trabalha lá?

Eu trabalhei em dois lugares diferentes, mas ambos na Rua do Bom Jesus.

Certo. Quem mora com você hoje?

Meu marido e meu filho.

Certo. E em que bairro você mora?

Eu moro no Carmo, em Olinda.

Certo, o lugar que você mora é casa, apartamento...?

É casa.

Casa... É própria ou alugada?

É própria.

A cidade que você vem? Onde você nasceu?

Eu nasci em Curitiba.

Curitiba. Aí se mudou para o Recife?

Isso

Quanto tempo faz?

Hmm... eu vou dizer há quantos anos eu moro em Recife. Uns trinta anos.

Certo. Tá bem. Então... vamos começar tá? Sobre o Bairro do Recife, tu tens alguma opinião formada sobre o bairro?

Em que aspecto?

Num aspecto geral. O que você acha do bairro.

Eu acho o bairro bem fantástico, assim. É... por causa dos edifícios, ne? Que é um lugar que tem edifícios lindos, e que a maioria, nem todos, mas agora foi reformado, tem um uso, não é? [inaudível] alguns que estão abandonados. É... vista pro mar, tem muita vida, muita gente trabalhando lá. É... e já teve uma vida noturna bem animada, não é? Hoje em dia, eu acho que é mais o cotidiano mesmo, de pessoas que trabalham por perto. E você consegue fazer tudo por lá, não é? Porque tem banco, tinha farmácia, depois fechou e abriu, e tem... tem... se quiser tomar um sorvete tem, se quiser almoçar tem. Tipo, é bem central e todo mundo entrega lá também. Então, eu acho um lugar ótimo na cidade. Bem central.

Tem algum aspecto negativo que você vê no bairro?

Deixa eu pensar, pera aí... Ah, eu acho que o fato de ninguém morar lá. Porque as pessoas, é... não tem um local de moradia, assim, né? Vão ter que... mas os prédios são comerciais, então acho que tem alguns hosteis, mas fechou. Mas eu acho que se tivesse pessoas, se tivesse, vamos dizer, um uso misto dos prédios, se tivesse moradia e comércio, talvez tivesse uma vida depois das dezoito horas, sabe. Tipo, é muito raro você ver, quando você vai pro Bairro do Recife, tipo num dia que tá tudo fechado, as empresas, é muito vazio, não é? Se você fosse morar, você ia ficar, meio assim... mas sem vizinhança. E eu acho que isso daria uma vida diferente, também. Uma vida um pouco diferente.

Agora, olhando pro bairro como um todo, tipo, a parte norte também do bairro, ali perto da prefeitura, o que tu vê? Assim, né. Não só a parte histórica, assim, lá é meio histórico também, mas é meio diferente, não é?

Aquela parte eu não vou muito, eu quase não vou. É porque eu passo... é como se você entrasse... é que eu passo de carro, quando eu vou andando pra lá, eu acho horrível, porque é muito sol e é horrível de atravessar a avenida. E não é... não acho muito agradável para pedestres, assim. Quando você está indo resolver alguma coisa na prefeitura, ou nos outros órgãos, mas... Também tem aquela praça do CESAR, que é toda bonita, mas vive vazia, não é? E eu acho que pra frente, ali, perto do posto, da Ponte do Limoeiro, eu nunca vou. Eu realmente nunca fui andando, pra lá, e eu sou pedestre, né, eu não tenho carro.

Sim, e ali no Pilar, o que tu achas?

Eu já... eu só fui no Pilar uma vez, e muito rápido. Mas tem essa fama de ser perigoso e tal, mas também nunca fui. O máximo que eu entrei foi uma daquelas ruas que é onde os carros entram pra virar à direita na Torre Malakoff, não é? Mas nunca andei por lá. Eu fico mais pelo lado histórico mesmo.

Sei, você falou que o bairro tem poucas pessoas morando, não é? Você moraria no bairro?

Moraria, fácil. Mas eu não moraria... eu moraria fácil, mas pelo fato de não ter ninguém morando, assim, pouca gente morando, eu acho que, por exemplo: se eu morasse lá e não tivesse muita gente morando, as ruas são muito escuras de noite, sabe? Muito... vão ficando mais... mais complicado de se locomover por lá. Se tem outras pessoas chegando do trabalho e tal, aí tem mais vida, entendeu? Mas eu moraria. Se tivesse outras pessoas morando, eu moraria sim.

Você acha que tem algum motivo, para as pessoas não quererem morar lá?

Eu acho que todos os prédios são muito antigos, então, pra você pegar um prédio, uma apar... um andar daqueles casarios, não tem apartamento, não é? Eu conheço... eu sei que tem uma pessoa, um arquiteto, que mora na rua do Bom Jesus, e sei de um casal, que minha mãe falou, que mora na Rua da Guia. Fora essas duas pessoas, eu não conheço ninguém que mora lá. E aí, eu acho que deve ser muito caro, eu não sei se a pessoa tem que comprar um prédio inteiro, sabe? E aí teria que ter dinheiro pra reformar, porque são edifícios muito antigos. Mas se tivesse, sei lá, uma construtora pegasse um daqueles prédios, daquelas casas, dividisse em apartamentos, vamos dizer assim né, e vendesse, eu acho que, se eu tivesse dinheiro. Eu só acho que seria muito caro, por causa do... de manutenção. Por que eu sei que tem casa... tem casa ali... tem alguns prédios que você entra, e é bem complicado, assim, porque como ficou abandonado por muito tempo, fica complicado de mexer, né? Tem que trocar tudo, né? A fiação, nananam.

Você falou que você é pedestre, não é? Que você não tem carro. Como é o seu deslocamento pro trabalho?

Quando eu trabalhava há uns cinco anos atrás, era ônibus, eu trabalhava nas graças, e ia de ônibus. Pegava ônibus na Rui Barbosa, era super tranquilo, tinha três opções de ônibus pra ir. A volta era um pouco mais complicada, por causa da Conde da Boa Vista, por que todos os ônibus tinham que passar pela Conde da Boa Vista, mas era tranquilo. Depois, nos últimos anos, eu tenho ido de Uber, e às vezes... é, hoje em dia eu tenho ido mais de

Uber e voltando de Uber dividindo com amigos do mesmo local de trabalho. A gente racha um Uber pra Olinda e fica mais em conta.

Tu costuma usar o bairro pra algum motivo, assim, sem ser o trabalho? frequentar?

Banco, eu já frequentei mais o teatro parque, e... a Cultura, livraria Cultura, que agora é Jaqueira, mas na época da Cultura eu ia muito, pra ali na Livraria Cultura. O Paço Alfândega eu não tinha muito... não usava muito não. Não tinha nada específico que eu fosse fazer lá não. Na época, assim, há alguns anos atrás eu ia almoçar muito, no Paço Alfândega. E... deixa eu pensar... mais equipamentos culturais, não é? Mais na rua, não é? Em época de São João, em época de Carnaval, eu ia muito, assim. Sem ser relacionado com o trabalho, né, que tu tá falando? Livraria, teatro, bar e show.

Então tu era uma pessoa que costumava usar o bairro, não é?

É.

Mas hoje tu diminuiu essa frequência de uso?

Então, há muitos anos atrás, sei lá, quinze anos atrás, a minha adolescência inteira foi no Bairro do Recife. A gente só saía pelo... pro bairro, não é? Quinta, sexta, sábado e domingo, era quase sempre as ruas estavam cheias, a rua da moeda. Antes disso, eu lembro que a Rua do Bom Jesus vivia cheia, entupida, não dava nem pra andar. Não sei o que aconteceu, que de repente, hoje em dia não tem nada. Abre um bar, ele sustenta um pouco e fecha. Eu não entendi muito bem. Hoje em dia... mas Recife tem essas coisas de moda, não é? Mas, alguns anos atrás, minha saída inteira era só no Recife Antigo. Hoje em dia, já menos. Hoje em dia era mais livraria. Na época da Cultura, tinha algumas coisas no teatro, né, da Livraria Cultura. Não sou muito de frequentar o Paço Alfândega... não desculpa, o Marco Zero, ou o museu. Cais do Sertão eu acho que fui uma vez. Mais pra ir pra show mesmo de rua, e só, hoje em dia. E só quando tem alguma coisa relacionada, tipo, sei lá, São João ou Carnaval, como eu já falei. Mas antes a gente ia... muitos anos atrás a gente ia sempre, por que tinha muita boate. Quando tinha uma festa, no tempo, era em alguma boate dentro [inaudível]. Mas hoje em dia não rola tanto.

Tem alguma coisa que tu gostaria de falar a mais do bairro? Alguma coisa que tu ache que esqueceu de falar.

Não, eu tenho muita curiosidade de saber por quê que... eu também tenho curiosidade de saber por que as pessoas não moram mais lá. Eu acho... eu não sei se essa minha impressão de que é caro, eu nunca procurei assim, na internet, um apartamento pra morar, sem ser comercial. Eu só acho, das vezes que eu procurei, eu só procurei comercial.

É, não tem nenhum anúncio.

É, e eu tenho curiosidade de saber por quê? Não sei se é por causa desse meu... o que eu falei, não é? Tipo... porque ele é caro, eu não sei. E eu tenho curiosidade de saber por que a vida noturna parou de seguir, também. Porque antes, a minha vida noturna lá, quando eu era mais nova, por anos, a Rua do Bom Jesus era cheia. Aí quando eu comecei a sair n Recife Antigo, de noite, a Rua do Bom Jesus já não tinha ninguém. Tava tudo na Rua da Moeda. E agora, eu acho que só tem uns... não enche, não é a mesma coisa. Não sei, eu tenho curiosidade de saber isso. Mas, pra falar mesmo, é um lugar com muito potencial, só isso.

Tu acha que o potencial tá em quê?

Por ele ser central, por ser... muito central. Tipo, dali, do Recife Antigo, você tá perto de Boa Viagem, tá perto de Olinda, você tem como... até rota de trânsito, não é? Se você quiser ir pra Olinda, você não tem que ir pelo meio, pela Agamenon e tal. É... se tivesse, não é? Se tivesse gente morando, iam aparecer comércios pra quem morasse, hoje em dia eu acho que não tem, iam ter fechado todos. Eu acho que tem... ele é bem explorado nesse sentido de aluguel comercial, não é? Eu já acho que tem um potencial legal de moradia também.

Hoje tu mora no Carmo, não é? Tu mora numa região histórica de Olinda, não é?

Pois é. É.

Então, o que tu acha que Olinda tem, que Recife não tem? Que o Bairro do Recife não tem?

Eu sinto que o Recife Antigo ele é, é obvio, ele é o marco zero da cidade, nanana, eu não vejo que têm tantos passeios guiados, pelo Recife Antigo, talvez. Aqui em Olinda é cheio, não é? Aqui tem igreja, lá tem igreja histórica, tem prédio histórico aí. Acho que lá, a história é contada menos.

Sim, mas o que tu acha no sentido de moradia? Das pessoas morarem no centro de Olinda, no Carmo, e não morarem no Bairro do Recife. O que Olinda tem nesse sentido, sabe?

Ah, entendi. Aqui é prioritariamente moradia, ao meu ver, não é, o centro histórico de Olinda. Eu não sei.

Como é um bairro residencial, já consolida, não é?

É. Tipo, se eu morasse aqui na minha rua e não tivesse ninguém, pronto, na minha rua, tem umas três, quatro casas pra alugar ou vender, eu acho péssimo isso, mas imagina se

minha rua inteira não tivesse vizinhança, o que é que... o sítio histórico acaba sendo uma vilinha, não é? Então, é o que eu sinto lá no Recife Antigo. Eu fico achando assim, eu ficaria um pouco isolada, tanto é que tem outras pessoas morando. É... comparando assim, eu não sei, a única coisa que eu pensei é que aqui, o lado turístico é mais explorado pelas guias, e tudo mais e tal. Mas... por mais que a gente saiba que o Marco Zero é um lugar histórico e tal, não vejo tanto... ah, vejo sim, to viajando, desculpa. Sempre tem guia na rua. Não sei.

É porque turismo não atrai moradia, não é?

é, acho que que é isso. Não, mas eu queria retirar o que eu falei, eu lembrei agora que vive cheio de guia lá no Recife Antigo. É porque eles vão mais pro... eu sinto que eles vão mais pra sinagoga, né, pras ruínas

E pro Marco Zero

É, pro Marco Zero. Agora eu to viajando, eu esqueci que é cheio de guias.

Pra finalizar, se você quiser pontuar mais alguma coisa...

Não, eu tenho essa curiosidade mesmo. Eu não entendo por que o Recife Antigo parou de ter uma vida noturna de mais forte e também não entendo por que as pessoas não moram lá. Eu não sei por que que não existe essa oferta. Se eu quisesse morar lá, sei lá, eu teria que alugar um andar, num valor comercial, pra morar, entendeu?

*Sim. Ta bom então, eu acho que é isso. Obrigado, visse, ***.*

Ta. De nada, boa sorte.

Transcrição Entrevista com Entrevistado 8

Pesquisador - Bom dia, esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistado 8 – Tranquilo

Pra começar, eu queria que tu me disseses teu nome completo.

É ***.

A tua idade?

Vinte e quatro anos.

Qual a tua profissão?

Eu sou engenheiro de software.

Qual a tua cidade de Origem?

Sou do Recife

Hoje, quem mora contigo?

Hoje eu moro com meus pais. Meu pai, minha mãe e meu irmão também.

Qual o bairro que tu vive atualmente?

Boa Viagem

Onde tu mora é casa, apartamento?

Apartamento

É próprio, da tua família, ou é alugado?

É próprio.

Onde tu trabalha lá no Bairro do Recife?

É o nome da empresa ou...

É, o nome da empresa ou o local.

Neurotech, ela fica ela fica ali no... ela fica no Paço Alfândega, dentro do Impact Hub, no quarto andar.

Certo. Quanto tempo tu trabalha lá?

Eu to há... faz... vai fazer dois anos em agosto [inaudível] Um ano e oito meses que eu to lá.

Sim. Tá. Então, eu vou começar a entrevista com perguntas mais sobre o bairro. Ta bom?

Beleza

Eu queria saber qual a opinião que tu tem sobre o Bairro do Recife, o Recife Antigo.

Olha, é um... assim, um bairro bem turístico, não é? Bem agradável. Só que eu acho que ele é bem desvalorizado, pra importância que ele tem. Porque, querendo ou não, lá tem péssima estrutura, tem a comunidade, Entra Alpulso, não é não? Esqueci o nome da comunidade.

É o Pilar.

Ah, pronto, a Comunidade do Pilar, é isso. Tem a comunidade do Pilar, e... recentemente eles fizeram um trabalho bem legal lá, que foi revitalizar, assim, construíram... revitalizar, né? construíram também alguns prédios ali. Fizeram grafiteagem, ficou bem legal, tudo bem organizado. Mas ainda assim, eu acho que não é um lugar estruturado pra eles, entende? O Bairro do Recife Antigo em si é aquela ilha, não é? E ela, eu diria que até a metade, ela tem a importância dela à nível turístico, porque o pessoal valoriza. Principalmente onde fica o Marco Zero, os armazéns, ali... Praça do Arsenal, isso tudo mais pra cá é o bairro que... da praça do arsenal, voltando sentido Paço Alfândega, não é, é uma área mais de... como digamos... é... valorizada, pelo... até pela prefeitura. E da praça do Arsenal pra lá, onde fica a prefeitura, tem a zona três... a zona de algumas outras empresas também, na entrada... até porque tem aquela questão do porto, tem o estacionamento ali de caminhão. Não evoluíram muito aquela parte do porto, pelo menos ao meu ver. Tem o porto ali que realmente também é um porto turístico, mas não tem nada por ali. E é, sinceramente muito perigoso pra lá.

Sim... tem alguma coisa que te atrai no bairro?

Tem muita coisa. Assim, é um dos meus lugares favoritos da cidade, ali, o Recife Antigo. A própria Rio Branco, sempre tem uns eventos por ali, acredito que no final de semana do mês tem o vem pra rua, não é? O pessoal faz aquelas atrações culturais, fecha o [inaudível], fica bem bacana. Tem até um projeto de fazer a Rio Branco virar um Boulevard, mas eu acho que não vai pra frente. E assim, como eu trabalho ali, eu adoro, velho, adoro o Recife antigo, o clima dali... assim, dessa parte que é a mais movimentada, essa parte turística, que é só o que a galera cita. Eu adoro porque o clima de lá é totalmente diferente, [inaudível] muito agradável, de noite, o pessoal correndo, fazendo corrida pelo mesmo. Também tem um pessoal fazendo exercícios de academia, a academia estimula ali o [uso do] espaço público, pra fazer aulas. Assim, é uma área bem aproveitada, pelo menos essa parte mais pra cá, que eu disse, mais movimentada.

Além de trabalhar, tu costuma utilizar o bairro pra outra função? Seja lazer, ou alguma outra coisa?

Sim, sim. Tipo, carnaval, sempre rua, pro Recife Antigo, sempre que rola algum evento também, eu gosto de ir pra lá, que eu não sei qual que é no mundo, desses que jogou ar (frase sem sentido), aniversário, até pra encontrar com algum amigo, que vai pra lá pra [inaudível] pra beber. Além disso tem o próprio... as próprias áreas culturais ali. Tem o... a CAIXA cultural, né, que tem um bocado de exposição massa e a... quando rola evento de cinema ou [inaudível] cultural eu vou e... o próprio museu do Cais do sertão é super legal, eu frequento também.

****, tu moraria no Bairro do Recife?*

Eu acho.. (risadas) no Recife Antigo, que tu diz, ali, São José...?

Não, na Ilha, do Recife Antigo.

Ah, na ilha... rapaz, eu não moraria não.

Não? Por que tu não moraria?

Ó, primeiro que lá é um bairro comercial, quando fica de noite, principalmente... vamos dizer assim, beleza que realmente, como é um bairro mais turístico, geralmente é um [inaudível], rola muita coisa lá, aí não fica tão esquisito. Mas, bairros comerciais, geralmente têm essa tendência de ficar mais vazios e, pelo fato de ter muito morador de rua naquela área, também torna ele um lugar mais perigoso. Por que antes, ali do recife antigo, ainda tem o Cais, o Cais de Santa Rita, já é um lugar perigoso, já presenciei muito, muitos amigos meus já tentaram ser assaltados, já foram assaltados ali. Por questões de segurança, não é um bairro muito legal. Aí, todo dia, então, em plena luz do dia mesmo, o pessoal já tentou [inaudível] que teve uma tentativa de assalto. Além de que, por ser um bairro turístico, mas também de Carnaval e algo mais [inaudível].

Tu acha que esse é o principal motivo por ter tão pouca gente morando lá?

Poxa, não só, mas não existe evidência ali, [inaudível] existe muita coisa abandonada e empresa. Eu não lembro de ter... só pro lado de lá da prefeitura, que é justamente a comunidade ali, do pilar. Mas... até por que no próprio bairro, não tem, ali, não tem muita coisa perto, abriu uma farmácia agora, nesse ano, faziam uns dois, três anos, que não tinha uma farmácia, tem um posto de gasolina que fica lá em baixo, bem longe, e também espaço de... eu não lembro de ter nada de residencial por ali.

Tu queria falar mais algum ponto negativo que tu vê no bairro?

Negativo?

Sim. Que poderia melhorar...

Bom, [inaudível] tipo, limpeza, eu acho que, o pessoal lá não é muito de [inaudível] turísticas, a própria população que não colabora com o bairro. Tem aquela igrejinha que fica ali na vizinhança. E também é, pra mim, depredado, dá pra transformar num, num... não conserva muito bem. E assim, eu acho que existe, também por ser uma região ali que tem muito barzinho, muitas coisas, coisa de festa o pessoal vai lá e não valoriza da forma que deveria ser valorizado. E de estrutura, [inaudível] melhor, eu acho que questão de limpeza, [inaudível], por exemplo, ali na Rio Branco tem aqueles, que fizeram uns... uma estrutura de galpão, né, com umas coberturas assim... é uma coisa boba, até, mas do jeito que fizeram ficou super bem elaborado. E a galera não depreda aquilo ali, não é? Estão usando pra benefício próprio, o pessoal meio que tende a cuidar.

Sobre a questão habitacional lá, pro bairro se tornar um local habitável, tu acha que precisa de que?

Pra ficar mais habitável?

Sim, pra tornar um espaço que você queira dizer assim, que moraria lá no bairro.

[inaudível] quando eu vejo, assim, já procurei lugares pra ir morar só e tal, aí, quando eu tava procurando, eu procurava também o que tinha por perto, se tinha mercado, alguma coisa de academia, alguma coisa de questão de lazer. Ok, [o Bairro do Recife] tem bastante lazer, [inaudível] tem bastante lazer. Hospital por perto, se é fácil acesso, pela questão do trânsito. No meu caso, como eu trabalho ali, bem legal, por que eu estaria em frente do trabalho, já. Aí como tem essa questão do transporte... mas também, claro, segurança, então... a segurança lá é aquela segurança turística, sabe? Tem aqueles guardinhas que aparecem, mais principalmente de noite, pra ficar de olho ali na Rua da Moeda, mas durante o dia, não tem nada. Só o policial, que tem algum na área, que só... eles só aparece depois que rola muita denúncia, aí aparece, mas depois some.

Só pra finalizar, tu queria falar mais alguma coisa sobre o bairro? Alguma consideração?

Alguma consideração?

Sim.

Tipo... poxa, eu gosto muito apesar dos pesares, né? Todo bairro tem alguma coisa ruim né? Tem alguma questão de segurança, nenhum lugar é seguro. Alguns são mais seguros que os outros, mas nenhum lugar é seguro. Mas eu gosto bastante do Recife Antigo. É um lugar, assim, que tem... um dos poucos lugares aqui de Recife que tem a concentração grande de coisas interessantes, de coisas culturais, de eventos, principalmente de cultura

e lazer. Bem marcante, não é? [inaudível] pelo que há aqui no Recife. Deve... a gente deve mais exaltar do que... do que botar pra baixo o bairro. É um lugar muito importante, né?

Então ta bom, acho que é isso

Beleza?

Beleza. Foi ótima a entrevista, obrigado.

De nada, Nicolas.

Transcrição Entrevista com Entrevistado 9

Pesquisador - Bom dia, esta entrevista está sendo gravada, as respostas dadas por você para as perguntas aqui feitas podem ser utilizadas na dissertação de mestrado que estou desenvolvendo, sua identidade será preservada assim como qualquer dado que torne possível lhe identificar. Você está de acordo?

Entrevistado 9 – Tudo bem, estou de acordo

Eu queria que tu falasse teu nome completo.

***.

A tua idade?

53 anos

A sua profissão?

Sou gerente de TI

Certo. Aí, a cidade que você... a sua cidade de origem?

São Paulo

E em Recife há quantos anos?

Trinta e sete anos

Quem mora com você hoje?

Eu, minha esposa e dois filhos.

Há quanto tempo você trabalha no Bairro do Recife?

Há seis meses agora, eu trabalhei antes, mas nesta nova fase eu tô há seis meses.

E o bairro que você vive atualmente é?

Casa Amarela

A casa que você mora hoje é casa ou apartamento?

É apartamento próprio.

Apartamento próprio, pronto. Sim... voltando à pergunta: qual tua opinião sobre o Bairro do Recife?

Eu gosto muito do Bairro do Recife pra passear, pra trabalhar também. Porque é um *hub*, é um centro de tecnologia, é um de... onde a gente convive com as pessoas de tecnologia, minha área, né? E um lugar pra passear também, muito gostoso, principalmente nos finais de semana.

Tu costuma frequentar o bairro, assim, à lazer?

Sim, sim. Não vou te dizer todo final de semana, mas todo mês, pelo menos... pelo menos um final de semana eu vou lá.

Tu costuma fazer o que?

Bom, fora o trabalho que é diário, né? Mas... vou lá ver... a gente caminha ali por tudo, por todos os eventos que tinham até antes do COVID, né? A feirinha, os eventos do Recife Antigo de Coração, enfim, tudo que tem ali a gente fica passeando, na verdade, não é fazer uma única coisa, é ir lá pra passear e se divertir um pouquinho.

Sei... Tem algum ponto positivo que você vê no bairro? Ou alguma coisa que lhe atrai?

Assim, muito pessoalmente, eu gosto muito daquelas construções antigas, aqueles prédios antigos, eu acho muito bonito.

Tem mais alguma coisa que você admira no bairro, que vê como bom, como positivo, exclusivo dele?

Ah, eu acho que o... é porque assim, a conservação de alguns prédios me chama muita atenção, mas, em contrapartida, você tem também prédios que estão largados, que estão deixados pra lá, entendeu? Então assim, o que me chama muita atenção são esses prédios conservados, esses prédios que foram recuperados e tal, eu acho muito bonito, sabe?

Sei. É... Vou fazer uma pergunta mais específica da minha pesquisa tá?

Claro

É que eu queria saber se você moraria no Bairro do Recife?

Se eu moraria no Bairro do Recife... hmm... não. Não, porque, como eu te disse, são construções antigas, elas ficam num bairro muito, muito pra negócios, sabe? Não é residencial, não é um bairro residencial. Você tem pouco comércio [inaudível], sabe? Pra você morar no bairro do Recife, eu acho que isso faria falta, né? Por ser um bairro, muito, muito comercial... comercial não, muito de empresas, então, assim, você não tem essa relação, vizinhos e tal, tal, tal. Lá você não vê isso, lá é muita... é um bairro turístico. Turístico e de negócios. Acho que não é um bairro residencial não.

Sei... tu acha que tem mais algum motivo pra tu não querer morar lá?

Olha, não, assim de... de... não, não. Pessoalmente, você morar lá é meio que você morar sozinho, sabe, na sua casa. Por que, como eu te disse, no meu ver, não é um bairro residencial.

Sim... tu sabe que poucas pessoas moram lá, né? Por que tu acha que são tão poucas?

Talvez por isso que eu te falei, por ele não ter uma característica residencial, não atrai muitas pessoas, pra lá.

Tu acha que alguma coisa ode ser feita para reverter isso?

Olha, eu acho que não seria legal reverter isso, tornar aquele bairro um bairro residencial, porque, ele é um bairro, como eu falei, ele é um bairro turístico, né? E ele é um bairro de negócios. Na hora que você transforma aquele bairro num bairro residencial, os eventos que a gente tem nos finais de semana, por exemplo, esse Recife de Coração, que a rua enche, você tem música, você tem... você tem esporte, uma série de coisas, que na hora que você transforma um bairro em residencial, você corre o risco daquilo ali se acabar, sabe? Como acabou, por exemplo, o carnaval em Boa Viagem, que tinha e as pessoas começaram a reclamar, do barulho e da multidão, e acabou. Então, se você começa a fazer... tornar o bairro do Recife residencial, você vai chegar nesse mesmo ponto. Então, esse lado do bairro turístico, ele vai deixar de existir.

Sei, tá. Agora, voltando a falar sobre como você vê o bairro... tu falou que gosta muito do bairro, mas tu se limitou muito à parte sul, a parte ali, histórica do bairro né? O que tu acha das outras regiões ali por perto, do Pilar, da prefeitura, do porto?

Eu acho que aquela região tá muito vazia, eu acho que podia haver um incremento na... do turismo ali naquela região pro lado do Porto. Ali é até meio perigoso, porque, como é vazio, o policiamento ele tá meio que centralizado ali no Marco Zero, na feirinha, ali na Praça do Arsenal, né? Então, quando você sai desse centrinho, fica mais perigoso, você corre mais riscos de assalto, e tal. E como ali, indo pro lado do cais, você tem algumas coisas lá como aquele museu do Cais do Sertão e tal. E até o próprio terminal de passageiros. O Terminal de passageiros tá sempre vazio, tá sempre... é difícil você ver pessoas ali, andando por ali. Então, eu acho que falta, assim, falta um investimento, um olhar pra aquele lado ali, sabe? Ampliar mais esse centro de turismo, de abranger uma área maior dali, sabe?

Sei, bom, pra terminar, eu queria que você falasse alguma coisa negativa que você vê no bairro. Pontos negativos.

Uma coisa alternativa que você falou?

Não, pontos negativos que você vê no bairro.

Ah, negativo. Pontos negativos do bairro... olhando pro meu lado de tecnologia, eu acho que faltam, ali faltam... falta comércio de tecnologia, por que assim, você tem um, é uma região muito rica, em empresas da área de tecnologia, tá? Mas ao mesmo tempo, você não tem um comércio de tecnologia. Por exemplo, se eu precisar comprar um pendrive, por exemplo, você tem que sair dali, você tem que ir pra outro lugar, por que ali não tem, é um negócio meio que básico, sabe? Se precisar comprar um material qualquer, você

precisa sair porque ali não tem. Então assim, talvez dar uma melhorada nesse comércio de material de tecnologia, to te falando isso, no meu sentimento, tá? Porque é a minha praia. Eu sinto falta disso. Às vezes eu preciso comprar uma besteira e não tem. Eu tenho que sair, eu tenho que ir lá do outro lado da ponte, lá na... no centro do Recife pra comprar. Então assim, negativo? Eu não diria que isso é negativo, mas assim, é uma coisa que poderia ser melhorada.

E quando tu, assim, frequenta o bairro sem ser a trabalho? Tem alguma coisa que te incomoda?

To pensando aqui. É porque eu gosto muito daquele lugar ali, sabe? Então, assim, encontrar alguma coisa que me incomoda ali, eu não posso me limitar a esse período da COVID, que tá o caos ali. Então a gente não pode parar isso, mas assim, no geral, olha... não, sabe? Eu gosto muito dali.

Por que tu gosta tanto assim? À ponto de não ver um defeito?

Não sei, porque o ambiente ali é gostoso. Tanto durante a semana, quando eu to trabalhando, quanto nos finais de semana, num passeio, aquilo me faz... estar ali me faz bem. Estar ali me faz bem. Então, de ponto negativo, sinceramente, agora eu não to conseguindo ver nenhum não, tá? A não ser essa questão que eu te falei agora a pouquinho do... da parte de comércio, mas muito focado naquilo que eu vivo, entendeu? Talvez faltem outros que eu não tenha percebido. Mas, assim, é difícil eu te falar alguma coisa negativa dali. Eu gosto dali, me faz bem estar ali.

Só pra terminar, se tu quiser fazer alguma consideração, alguma coisa que você queria falar do bairro.

Ai, tu me pegou assim, produção baixa, cabeça ta produzindo pouco (risos). Mas não, não, agora, agora, não teria muito o que falar não.

Ta bom, ta ok. Foi ótima a entrevista. Ta bom?